REVISTA DA SEMANA

25 [illegible]

AGARRE-SE COMO PUDER!

AÍ VEM A MARINHA!

A CHACINA DE XAPECÓ





L E I A !

o empolgante e imortal romance de H. SIENKIEWICZ

"QUO VADIS"? — O AMOR DE VINICIUS, JOVEM PATRICIO ROMANO, POR LIGIA, A FORMOSA CRISTÃ ATIRADA À ARENA — A FÔRÇA PRODIGIOSA DE URSUS — O DELÍRIO DE NERO, O CRUEL IMPERADOR DO MUNDO ROMANO — TUDO MARAVILHOSAMENTE ILUSTRADO, A CÔRES, POR F. MATANIA.

NO LIVRO MÁGICO DOS MIL ASSUNTOS:

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1953 — PREÇO 25,00

À VENDA NOS JORNALEIROS — PEDIDOS À CIA. EDITORA AMERICANA — RUA MARANGUAPE 15 — LAPA — RIO DE JANEIRO — POR MEIO DE VALES OU REEMBÔLSO POSTAL

AGARRE-SE COMO PUDER!



O drama angustiante de uma cidade que cresceu, enquanto diminuiram os transportes

505 PESSOAS MORRERAM, EM ACIDENTES, EM 1952, NO RIO ★ 333 INSPETORES DO TRÁFEGO PARA 70.000 VEÍCULOS ★ A MORTE ANDA NOS MICRO-ÔNIBUS E NOS TRENS ★ CONVERSA PARA INGLÊS VER ★ UM FURINHO SÓ, NA LAPA

Reportagem de MENDES FRANCO — **Fotos de A. VIEIRA e A. FERREIRA**

O agarre-se como puder, é o único meio do carioca chegar em casa. E' a história de uma população sem transportes e, o mais grave, à mercê da irresponsabilidade de certos indivíduos que dirigem automóveis, ônibus, trens e barcas.

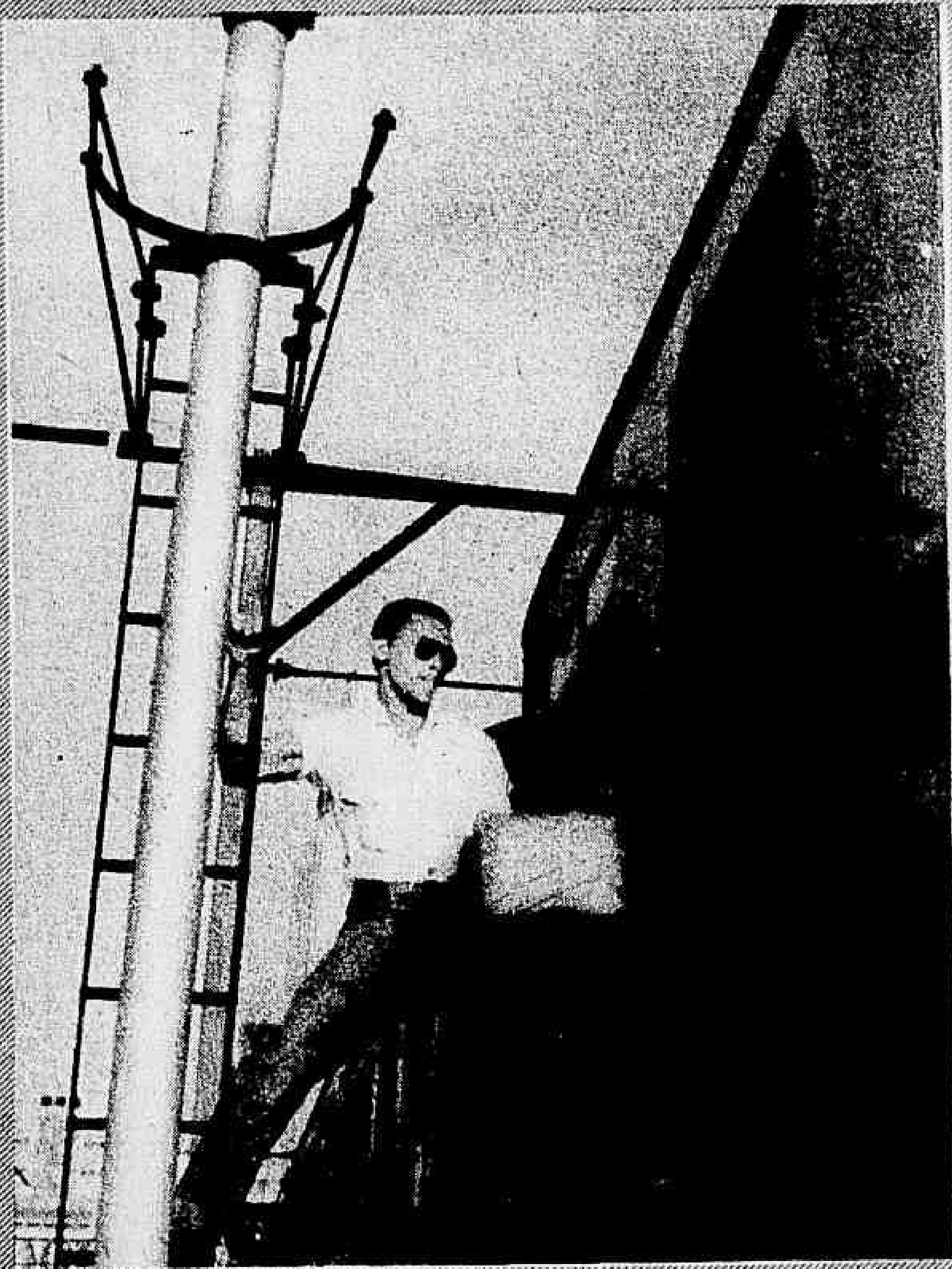
O número de brasileiros mortos na Itália, por ocasião da última guerra, é inferior ao de vítimas do tráfego na Capital Federal. Morreram 485 "pracinhas", contra 505 pessoas no Rio, em 1952, sendo 85% dos desastres fatais causados pelos automóveis. Gente que é esmagada pela Central do Brasil está fora da lista macabra.

Se tombaram 505 pessoas, deveria ter muita gente prêsa, condenada pela justiça. Acontece que não tem nenhum motorista ou maquinista na cadeia.

Recentemente, um jornal publicou uma nota, em destaque, com o título: "Até que afinal foi condenado um motorista responsável por um atropelamento".

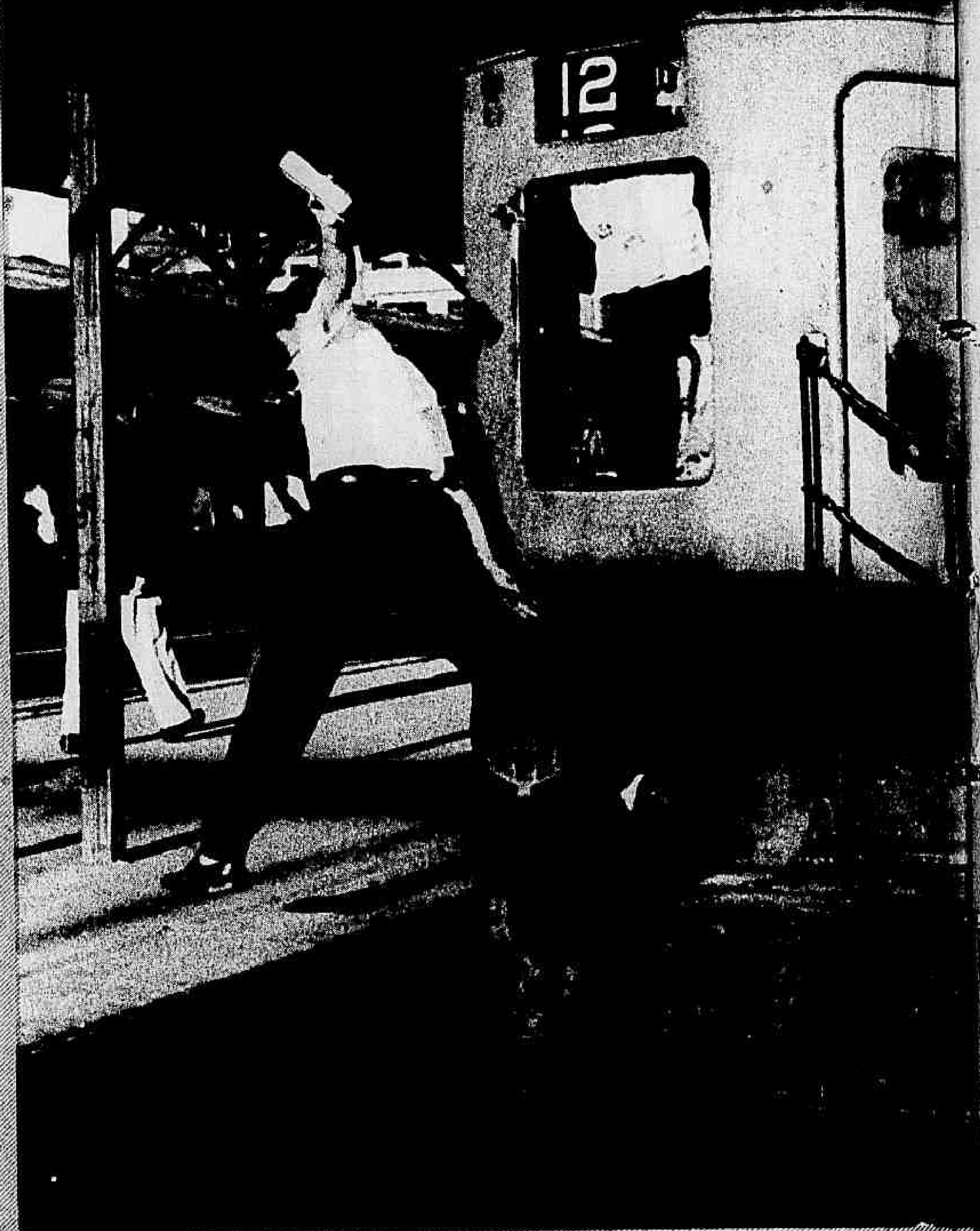
Em 1950, as vítimas do tráfego foram 430, contra 489, em 1951. De janeiro até março do corrente ano de 1953, já faleceram 133 pessoas, só na Capital Federal.

AGARRE-SE COMO PUDER



Este não esperou que o trem parasse. Correu mais alguns metros e alcançou a composição em movimento. Graças a Deus chegou inteiro no vagão. Milagre!

Puxa! Que pulo! Acontece que a barca já tinha desatracado, quando o rapaz, que mora em Niterói, resolveu não perder a condução. Rapaz de sorte!



Para saltar todos os santos ajudam. Às vêzes erram o pulo e o resultado é o Pronto Socorro. Quem viaja na Central do Brasil marca um encontro com a morte.

Um número de circo? Nada disto. Um suburbano viajando tranqüilamente para Deodoro, com os pés sôbre os holofotes dos vagões. Que grande malabarista.







A hora da agonia! 18 hs., na gare Pedro II. Os passageiros, de tão apertados não podem, sequer, respirar. Outros procuram lugar para a mão...

TRANCOS E BARRANCOS

A população do Distrito Federal, em dez anos, aumentou de 1 764 141 para 2 413 152 habitantes. Enquanto a população subiu de maneira vertiginosa, o transporte não cresceu proporcionalmente. Em certos casos, incrível como pareça, diminuiu, em particular, na Central do Brasil. Começou, então a via-crucis de um povo que viu começar e terminar a guerra e ainda não se livrou do pesadelo das filas quilométricas.

A odisséia do carioca, a partir das 17 horas, assume proporções de verdadeira tragédia. O que vale é que todo drama tem algo de pitoresco. E assim a vida vai sorrindo...

Não existe, infelizmente, uma colaboração entre os poderes públicos e o povo. Numa cidade, com incrível deficiência de meios de condução, o ideal seria, como projetou um técnico em tráfego, horários diferentes para o término do trabalho, em vários setores, em particular, no comércio, indústria e funcionalismo. Acontece que 90% das atividades são encerradas entre 17 e 18 horas, quando tem início a corrida em busca de transportes.



A lotação do vagão elétrico não tem limites. E' uma espécie de sardinha em lata. A capacidade é de 160 passageiros, mas carrega de 500 a 600.

AGARRE-SE COMO PUDER



Entrar pela porta não resolve. O jeito é pular a janela do vagão, embora corra o risco de levar uma borrachada do guarda.

Os regulamentos da Inspetoria do Trânsito, em épocas normais, nunca foram respeitados, mormente, agora, neste estado de emergência que começou, precisamente, há 15 anos...

O aviso de que é permitido doze pessoas em pé, em cada ônibus, é para inglês ver. A média é de 40 a 50.

"E' expressamente proibido viajar no tôldo".

Nada menos de 150 passageiros ficam sôbre as cobertas das barcas da "Cantareira" e, em particular, da "Frota Carioca", que se presta, admiràvelmente para o perigoso esporte.

"Lotação — 5 passageiros". Outro conversa fiada. Vão dois na frente e oito atrás, em qualquer carro mambembe, na zona norte. Os chauffeurs não fazem por menos. E o bonde? Gente no estribo, na entrelinha, entre os bancos e na cabine do motorneiro, dificultando os seus movimentos. E' por isso que condutor da Light já foi classificado entre as cinco piores profissões do Rio.

O vagão elétrico, por sua vez, que tem capacidade para transportar 170 pessoas, leva, normalmente, 540. Fácil é avaliar as peripécias de uma viagem de „Pedro II,, a Nova Iguaçu. Os que usam o „Maria Fumaça'', por medida de segurança, preferem o tender... Pelo menos o tender é de aço e os vagões são de madeira podre.

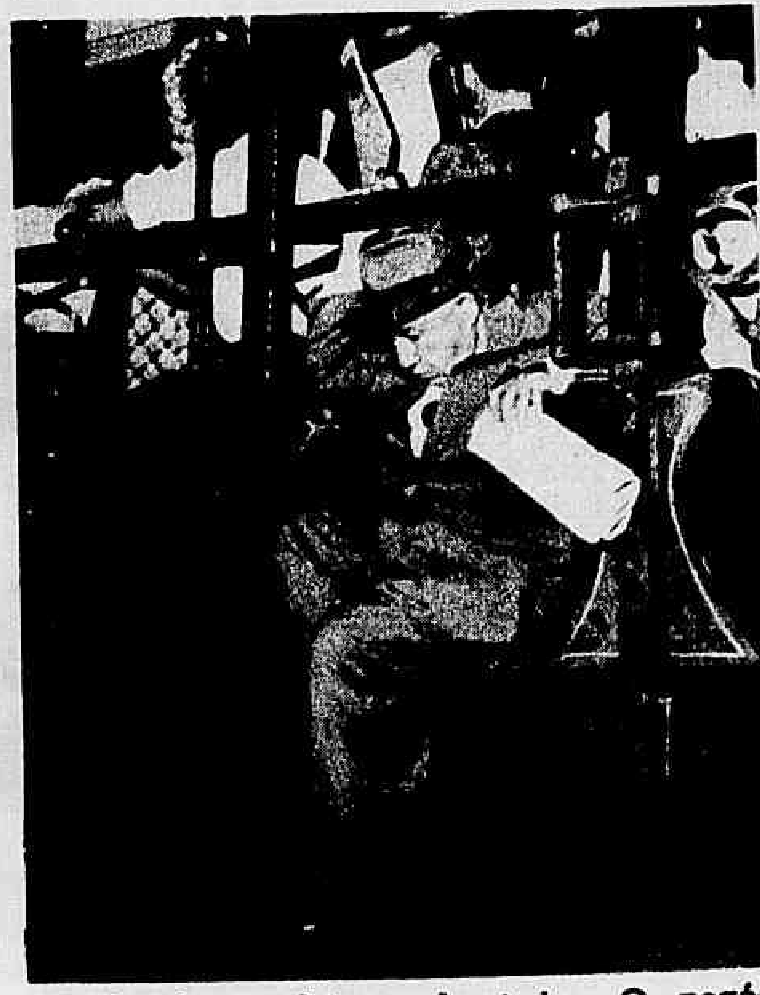
Difícil não é embarcar numa condução, muito embora o ato seja revestido **(Cont. na pág. 51)**



Aí, velhinho, pula pela entrelinha e espera o resultado! De um modo geral, depois de uma proeza como esta, o sujeito acorda no Hospital do Pronto Socorro.



O negócio é entrar de qualquer jeito, por cima das passageiras, aos trancos e barrancos, como se diz na gíria. Como é bom viajar sentado do Centro ao Leblon!...



No bonde também vale tudo. O negócio é arranjar um lugar para encaixar a mão. E depois disso a gente pode ler até um jornal. Ademais, a passagem é barata...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 17 ★ 25-4-53

SUMÁRIO:

Agarre-se como puder	3/6 e 51/53
Redenção!	17/21
O sepultamento da Rainha Mary	23/26
Aí vem a Marinha!	27/29
A chacina de Xapecó	33/34
Os reis das areias monazíticas	48/49
●	
Fantasia e realidade	7
Quatro cães fizeram justiça (conto)	11
A Bem-Amada (romance)	12/13
Semana Literária	15
Tiradentes — símbolo e liberdade	31/32
Uma vida de dedicação	42
●	
A semana em revista	9
A personagem da semana	9
A Revista há 50 anos	10
Conta-me teus sonhos	20
Êste mundo e o outro (caricatura)	35
Passatempo	36
Arabelle (folhetim)	37
Janela sôbre o mundo	38/39
Correio da Revista	40
Último flash	54
●	
Organdi branco	14
A luz da psicanálise	22
Sugestões para o lar	42
Bôlsas modernas	43
Sugestivos e Elegantes	44/45

●

CAPA: **Ursula Thiess** (R.K.O.)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

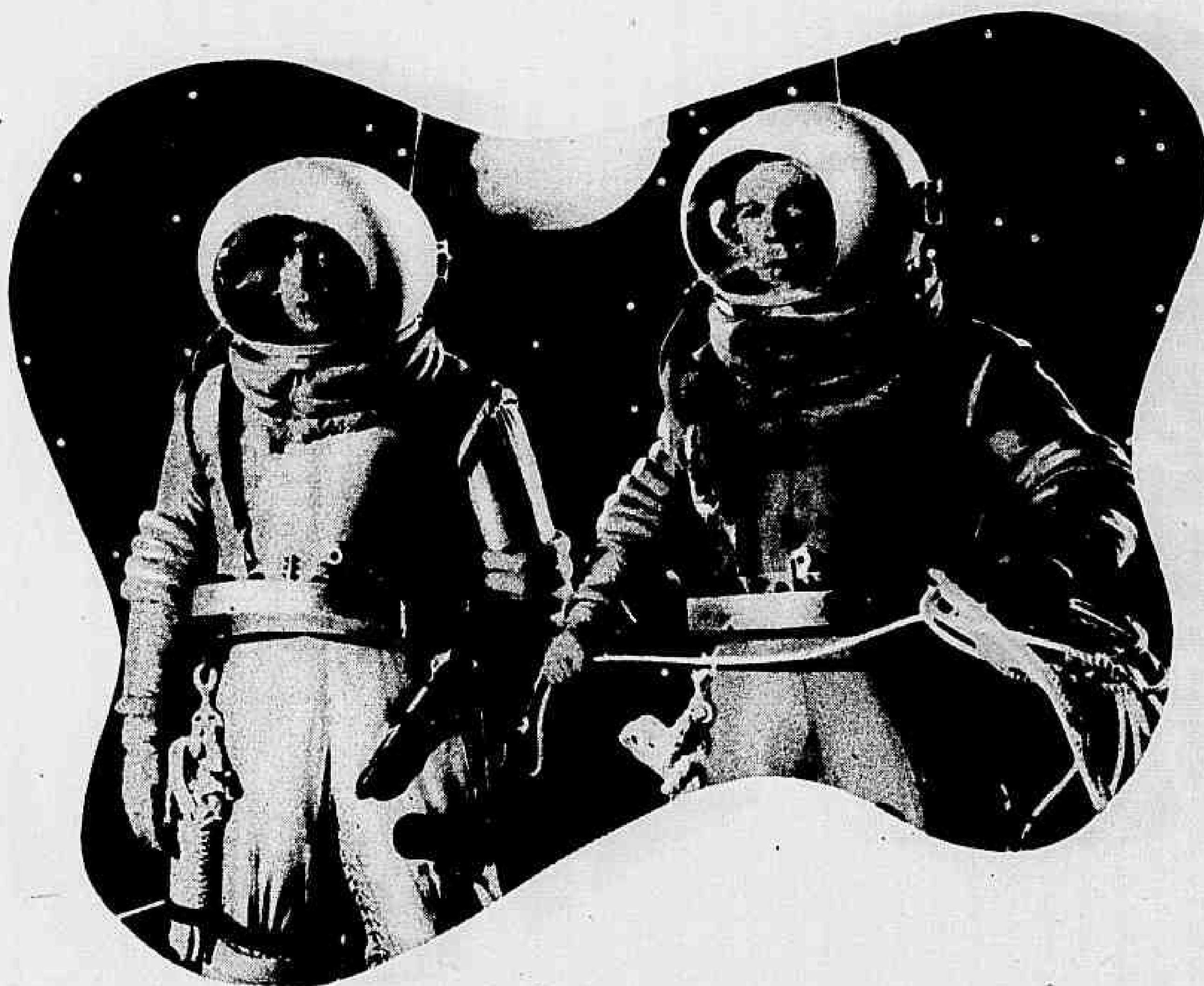
Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224, 6º and., Sala 60.

Fantasia e realidade



PODEMOS acreditar ou não nos discos voadores, na aparição de espíritos, em astrologia, quiromancia ou nas folhinhas de chá que prevêm o futuro. Entretanto, a atitude fácil de descrer muitas vêzes não passa de ignorância ou de preguiça. Se não queremos assumir uma posição crítica, preparando-nos para defendê-la, o melhor é ser discreto, arriscando quando muito um sorriso inconseqüente. Negar é perigoso. Tão ingênuo como acreditar.

Há poucos anos, meio século se tanto, o poeta Jules Laforgue, apaixonado da lua, lamentava-se: «e pensar que nunca iremos até lá»... Ora, a viagem à lua, segundo austeros e recentes cientistas, é coisa ainda para o nosso século... O que lemos na infância, como nos livros de Júlio Verne, virou repentinamente realidade, não só da mais palpável como, muitas vêzes, da mais aflitiva. Aliás, conforme aquêle pesquisador americano do «acredite se quiser» provou abundantemente, o impossível acontece muito mais do que poderíamos imaginar. Foi o romancista Wells que inventou a invasão da terra pelos marcianos. À época do aparecimento do seu livro, a história era apenas divertida. Agora já não diverte tanto assim. E' que, como no caso do átomo, que era categòricamente indivisível e acabou dividido pela ciência nuclear, resultando de tudo a terrível e conhecida bomba, parece que o que Wells simplesmente fantasiou está caminhando para uma realidade mais assombrosa ainda do que a última explosão no deserto do Nevada. Os discos voadores podem ser assunto para humoristas e motivo de reportagens sensacionais. Está claro que nem nós, nem os senhores viram ainda um disco voador. Isso, entretanto, é argumento frágil para negar-lhes a existência, diante dos depoimentos reunidos sôbre o caso. A realidade é aquilo em que acreditamos e a fé, a pura fé, sempre foi uma coisa dificílima. Aquilo que foge à nossa compreensão imediata e que não temos capacidade ou tempo para estudar, fica relegado ao domínio da fantasia. Somos como môscas, simples môscas a que escapam as reações químicas e que, contudo, vão morrendo nas nuvens de fumigação dos inseticidas modernos.

Está nos ocorrendo esta divagação sem propósito alarmista, em face do que recentemente declarou em Buenos Aires um cavalheiro que foi daqui e se intitula escritor e cientista: que a terra será invadida pelos marcianos, no próximo ano de 1956. Precisamente, 1956, daqui a três anos. Acha êle que os discos voadores existem, que vêm de Marte, que virão em número crescente no ano próximo, quando haverá maior aproximação entre a terra e aquêle planêta... Por fim, assegura êsse profeta de jaquetão que, em cinqüenta e seis, se dará a grande, assombrosa invasão e — o que é pior — essa invasão se dará no Brasil...

● O tom dos comentários com que foram recebidas essas informações precisas do escritor e cientista Rubens Peiruque — tal é o nome do cavalheiro em questão — é sempre irônico e reticente, o mesmo tom com que comentamos os acontecimentos em quadrinhos narrando as aventuras do Brucutu no planêta Marte... No fundo, estamos considerando a coisa como uma questão de aduela de mais ou de menos, na engrenagem craniana do sr. Peiruque, tão bem informado sôbre assuntos martenses, como se possuísse por lá um «Intelligence Service» ou um F.B.I. de seu uso exclusivo. Inútil que êle afirme até que o ponto exato da invasão marciática será no Planalto Central ou na barra da Tijuca — não acreditaremos, ora... Preferimos inclusive achar que o sr. Peiruque também é pura imaginação, «Robot» telegráfico, que Wells se esqueceu de inventar e que as agências telegráficas manipularam.

Peiruque? Fantasia... fantasia interplanetária, mas fantasia... Fantasia que — sem querer assustar ninguém, inclusive porque pouco adianta assustar ou não — bem pode ser como a das viagens submarinas de Júlio Verne que, depois, os «U-boat» tornaram sinistra realidade, ou como a da ciência física, que considerava o átomo irredutível, o que não impediu que êle se dividisse e, como todos sabemos, arrasasse Hiroshima.

EDMUNDO LYS

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista» bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

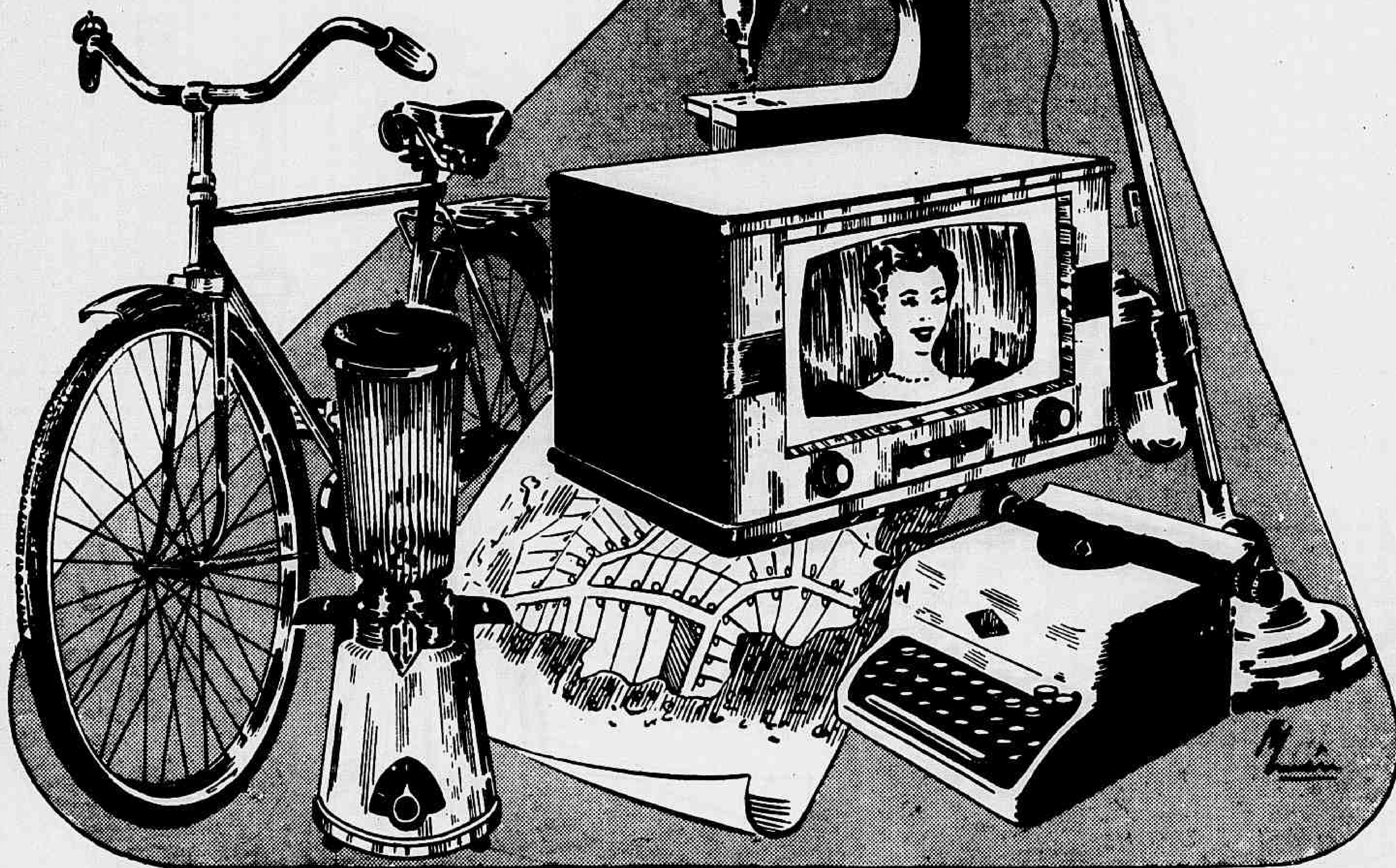
Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA

a venda em todos os jornaleiros

Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —



REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

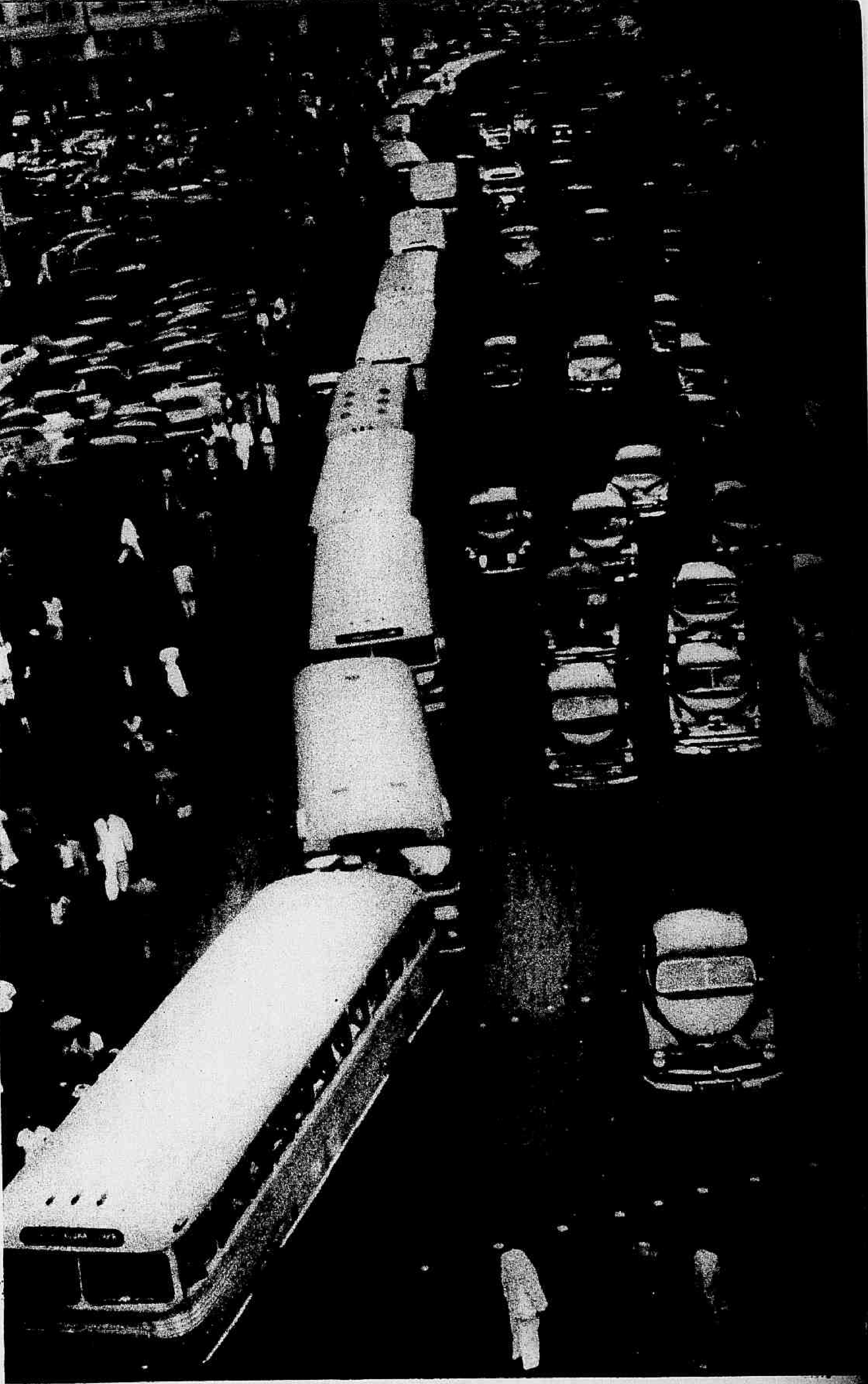
A SEMANA em REVISTA

● As leis científicas são leis indeclináveis. Auridas da experiência são a fonte do conhecimento. Ninguém por isso põe em dúvida os postulados da ciência. Onde mais se evidenciam são no fato da propagação da espécie. Todo ser vivo se origina de outro semelhante. E' lugar comum na ciência êsse antigo axioma. No entanto, fato estranho aconteceu em Palermo: uma gata deu à luz um «macaco». A ocorrência é curiosa. Vai de encontro as próprias leis da natureza. Êsse caso singular ocorreu na casa de um pescador. Ao mesmo tempo que o «macaco», cujas duas patas posteriores conservam os traços somáticos maternos, nasceram dois gatinhos, perfeitamente normais. «Si non é vero... é ben trovato...»

● Prosseguem as diligências para a captura do esquartejador de Itaipava. O monstruoso crime vem se mantendo no cartaz policial há quase um mês. Depois da prisão de Branko Rancic surgiu novo personagem: Ratomi Ivanovitch. Por um tempo admitiu a polícia a existência de uma poderosa organização terrorista, principal executora da terrível ocorrência do rio Jacó. O súbito aparecimento de mais um iugoslavo, sr. Duro Zize, veio dar às investigações maior curiosidade. Zize acusa Branko e Ivanovitch como os assassinos de Irene e de seu filho Harald. O delegado Bretz não perde o menor detalhe. E o mistério continua. Até agora a polícia chegou ao seguinte resultado: se o desaparecimento da bela austríaca e seu filho perdurar Branko terá de ser prêso, porque nada prova a sua inocência.

● Na igreja grega-ortodoxa de Londres, realizou-se recentemente, a função religiosa do casamento de sir Alexander Flemming com a sra. Amália Coutsouris. O inventor da penicilina e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, começou o seu romance amoroso em outubro do ano passado. Visitava o cientista britânico, pela primeira vez a Grécia como delegado ao Congresso Mundial de Medicina realizado em Atenas, quando foi apresentado à dra. Voureka, cujo nome de solteira era Amália Coutsouris. A sra. Coutsouris tornou-se famosa durante a ocupação nazista devido à sua resistência. Abrigava em sua casa soldados inglêses e neo-zelandeses. Estêve prestes a ser fuzilada, quando a vitória aliada a libertou. Flemming casou-se aos setenta e um anos. A espôsa tem mais de quarenta anos. A cerimônia civil realizou-se na Prefeitura de Chélsea.





JUAN R. DUARTE, irmão da falecida Eva Peron, foi aproveitado em cargos da maior importância e responsabilidade na República Argentina. Sua projeção se fazia sentir no cenário político-administrativo, gozando êle do maior prestígio. Ùltimamente, porém, vinha o secretário particular do Presidente Peron a denunciar sérias apreensões, mostrando-se abatido, como se o atormentasse alguma idéia fixa. Em fins da primeira quinzena de abril, Juan Duarte acabou com a vida, dando um tiro no peito. Há quem ligue o seu ato de desespêro aos inquérito na administração argentina. Deixou o suicida uma carta a Peron, na qual o exalta, deixando transparecer que se matou em conseqüência da morte da irmã.

CONFORME PORTARIA da Diretoria do Trânsito, voltou a ser obrigatória nas ruas e avenidas por onde trafegam ônibus e lotações, a chamada "Fila Indiana". A nenhum dêsses carros coletivos é permitida a ultrapassagem, a não ser quando estiverem lotados. Há dois ou três anos passados foi experimentada a providência, com o fim de melhorar o tráfego, mas o resultado não deu certo e caiu a "fila". Com a recondução do sr. Estrêla à chefia do trânsito, persistiu êle no mesmo processo. E' o drama do problema do tráfego no Rio. Quem estará com a razão? Êste flagrante apanhado pelo nosso fotógrafo, nos dá uma amostra da "fila", no trecho da Avenida Nilo Peçanha, vinda da Graça Aranha, entrando na Av. Rio Branco, esquina de S. José. O pedestre está mais protegido. Mas os que viajam não se conformam. E a vida continua...

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar Ventre-Livre ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de Ventre-Livre hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando Ventre-Livre.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

A PERSONAGEM da SEMANA



HOMEM DO POVO, com uma vida pontilhada de lutas, espírito chamado de oposição, o sr. João Café Filho subiu à Vice-Presidente da República e, conseqüentemente, à Presidência do Senado Federal, por fôrça de todo um passado de ação no meio das massas, o que lhe valeu, por parte de alguns a suspeita de demagogo. Mas, na presidência do Senado Federal, o deputado demolidor tem se revelado um homem no seu pôsto agindo com um equilíbrio, uma clarividência e uma segurança que lhe têm colocado entre as mais interessantes figuras do momento nacional. Sem perder o contato com as camadas populares, com as quais convive através de estafantes audiências públicas, sacrifício ingente a que se impôs como que em homenagem àqueles que o elegeram, tem se mostrado, entretanto, um homem, permeável aos assuntos de profundidade. Viajando pelo estrangeiro, como que adquiriu uma visão de conjunto do mundo e dos seus problemas. E, agora, na semana que passou, viu seu nome projetado de maneira singular perante as altas esferas sociais e econômicas do país por fôrça de brilhante conferência que pronunciou na Associação Comercial do Rio de Janeiro. Ali o sr. Café Filho expressou pontos de vista que lhe conferem, sem favor, a categoria de homem de estado situando bem a posição do Brasil no concêrto das nações. Posição que, diz êle, não deve ser de isolacionismo jacobino e cego, porém de compreensão, devendo, em conseqüência, o país abrir sinceramente as portas ao capital estrangeiro que quiser cooperar conosco. A conferência em causa foi, assim, o assunto da semana finda e o sr. Café Filho, ainda uma vez, e, desta vez feita, com inteira justiça, a personagem da semana.

a REVISTA há 50 anos

(26 de abril — 903)

CAVANDO...

NA SEMANA que findou tiveram os habitantes desta muito leal, muito heroica e muito suja Rio de Janeiro — dois acontecimentos importantes — a caça aos cães e a abertura do parlamento. Não ha simile, ou melhor, não deveria haver nos dois factos, mesmo porque aqueles mordem e os membros deste ultimo são mordidos. E' exato, me retorquirá alguem, mas isto só se dará depois da recepção do subsidio agora elles têm um ponto de contacto com os animaes que põem em perigo as pernas dos pacatos burguezes — são muitos caes a um osso, quero dizer, são muitos a avançar em um diploma só. Além disto é justo reivindicar para os cães umas qualidades rarissimas nos politicos — a lealdade e a fidelidade.

★ **Nisto, os senhores politicos se assemelham ao lobo, que promptamente devora o companheiro que cae. Pois, na semana passada, a cidade ficou vazia de cães e cheia de deputados. Na rua do Ouvidor, nos cafés, theatros e outros pontos onde ha sempre numero de parlamentares só se viam abraços e mais abraços, emquanto os miseros bichonhos, a ladrar desesperadamente nos depositos publicos, faziam dó a todos os corações. O Passos, porem, o homem de pedra da situação não se commoveu e a caça aos cães continuou, emquanto os politicos flanavam ... Quem fará mais mal ao povo, estes ou aquelles? Respondam os entendidos, embora eu conheça muito burguez pacato e contribuinte que não trocaria o seu cão por uma bancada inteira... — GAFANHOTO.**

OS THEATROS

Noite de Calvario — E' já historia antiga o caso policial, a que esta peça deu logar. Não tratarei delle. A peça é de Marcellino Mesquita e isso é uma recommendação, tres actos fortes de drama, drama lancinante, doloroso com um desfecho violento; o quarto é de comedia fina, comedia onde o dialogo esfusia, scintillando, cheio de graça, de ironia e de observação. Dramaturgo ou comediographo, Marcellino foi o mesmo, alcançou effeitos iguaes, do mesmo valor, quer empolgando e fazendo correr lagrimas, quer deliciando e fazendo sorrir. O grande merito da peça é a parte litteraria, o bello estylo, tão simples e tão elevado que ao povo agrada o aos eleitos encanta.

As fallas de raisonneur, são de principio ao fim, catadupas de espirito, de humour e de critica superior, á vida, á sociedade, á convenção, critica de quem vê do alto. Em resumo: uma peça adoravel — Noite de Calvario.

O desempenho foi acima do regular, em média. Carlos Santos, Pato Moniz Pinto Costa e Adelia Pereira, em primeira linha, Emilia d'Oliveira, a quem só faltam annos de mitier, muito discreta. Os mais, principalmente o lado masculino, andaram bem.

A peça agradou francamente e vae dando tempo á montagem do Pae Prodigo de Dumas, que a substituirá no cartaz.

● **O São José só tem sido aberto para beneficios. Sobre a companhia que, para elle pretende organisar o actor Paixão, nada ha ainda de positivo.**

● **O activo emprezario Silva Pinto tem em ensaios a esplendida magica A Fada de Coral, que, em breve, fará as delicias dos frequentadores do Lucinda.**

● **A Imperial Companhia Japoneza que trabalha com tão grande sucesso no São Paulo, ainda hoje dará espectaculos á tarde e á noite. A Revista publica o retrato do seu sympathico emprezario, o sr. Max Rosentahl.**

● **No Parque Fluminense continua a conquistar applausos a Companhia Lyrica.**

● **E mais não acusa a semana chôcha. (Papillon).**

QUATRO CÃES FIZERAM JUSTIÇA

Conto de GIOVANNI PAPINI

DEPOIS de dois recados, de uma cartinha escrita a máquina e de três ou quatro telefonadas, tive por fim de decidir-me a ir.

Às seis da tarde o carro parou à minha porta, sem que eu tivesse tido tempo de pôr os punhos engomados. Que massada! As abotoaduras se rebelavam; não encontrava o lenço; os sapatos estavam sujos... Mas não sabe êle de sobra que eu sou pobre e plebeu?... Vamos.

O carro pôs-se em movimento; bambaleou melancòlicamente sôbre as poucas pedras que o barro ainda não sepultara; penetrou pelas ruelas dos subúrbios; percorreu com monótona lentidão as anônimas ruas dos bairros novos; passou uma cêrca; entrou no campo. Chovia com regularidade, como se houvesse chovido sempre, desde o princípio do mundo. Umas poucas luzes avermelhadas, através do nevoeiro, através dos vidros embaciados. Achavam-se comigo, dentro do carro, dois homens, mas eu não olhava para êles. Não podia suportar o ruído das suas palavras; preferia escutar o rumor esmagando o barro.

Compreendia que falavam dêle, da sua vila, da sua riqueza, de sua mulher, de seu futuro, de um vasto poema, eternamente, socialmente e misticamente vasto... um mahabhárata americano, uma bíblia, do ano 4.000, quando nós também formos da Idade-Média. Mas eu preferia o tédio da chuva a tôdas as demais visões ultraterrestres. O cavalo trotava, depois parou, depois se pôs a passo. Havia uma íngreme ladeira; o cocheiro baixou da boléia e a sua sombra, com o chicote sob o braço, passava e repassava pela janela. Eu reconhecia o caminho, as cancelas negras, altas, maciças, através das quais tinha respirado o perfume das rosas e provocado os cãezinhos brancos; muros que gotejavam, desconchavados, manchados de verde, com a cal molhada e as pontas de vidro ao alto... Era a minha campina; passeios solitários aos dezessete anos, idílios com ninguém, perfume de violetas recém-abertas, desejos que não foram contados nunca.

Tínhamos chegado. Que aborrecimento! Ali está a porta aberta; o porteiro nos olha de cenho carregado. Entramos no **hall**. «Lindo! Colossal! Estupendo! Já antes estavam ali aquelas colunas! Que bom-gôsto!»

O intérprete provocava admiração e, não contente com isto, dá tôdas as explicações possíveis. Já estamos no vestiário, pequeno, lindo, envernizado. Acorre a camareira. Também ela! Recolhe o guarda-chuva, o capote. E depois? Que espanto o dela ao ver-me de paletó, de simples paletó, e nem ao menos escuro, ou prêto!

Um criado se aproxima com a intenção de limpar-me os sapatos. «Não, querido amigo — digo-lhe comigo mesmo — não sabes que sou plebeu como tu e gosto de caminhar com as minhas pernas e não com as dos animais?». Mas, para não gastar palavras, retiro os pés e dirijo-me à antecâmara com os sapatos sujos de barro e as mãos mais nervosas do que de costume.

O intérprete nos impele para a sala... Divãs vermelhos, cadeiras de cortiça, Virgens apócrifas e descoloridas, muita luz elétrica e tapêtes da Síria. Olho em tôrno, agora somos quatro. Eu e o Apóstolo, depois o Intérprete e o Antiquário.

Que fizera eu para encontrar-me ali? Por que tinha ido? A quem esperávamos?

Para acalmar minha impaciência, ponho as mãos sôbre um alfarrábio encadernado em velho couro. Há resquícios de ouro sôbre a capa. Abro um dos fechos de latão; mas naquele momento afasta-se uma cortina e entra, majestoso e esbelto, o nosso anfitrião, mister Dayson em pessoa. E' a primeira vez que o vejo; tem seus cinqüenta anos, a barba grisalha, a fronte ampla, uma pequena gravata branca sob o queixo, as mãos enormes. E' um pobre diabo — vê-se em seguida. — Fortes apertos de mão e muitos: How do you do? e: I am very glad...

Assentamo-nos em uma arca esculpida, negra, muito mais alta que os demais assentos: mister Dayson no meio, eu a um lado e o Apóstolo no outro. Sôbre as nossas cabeças pende, à maneira de castigo, um retrato de mister Dayson, executado por um Whytler desabusado. Falamos. Mas de quê? Mr. Dayson sabe o italiano como eu o inglês: muito mal. Êle deglute o princípio de uma pergunta italiana, eu tartamudeio a metade de uma resposta inglêsa. Mas o Intérprete? Ei-lo aqui, sorridente, com o rosto pálido à fôrça de lavar-se, com a camisa branca, vestido de negro, gesticulando como um manequim de alfaiataria, completamente feliz por servir de mediador entre os homens.

Desta maneira, enceta-se uma grave conversação; os nomes de Kant, de Nietzsche, atravessam o ar pesado do salão, que cheira a

(Cont. na pág. 36)

Ilustração de RAMON



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, imbuído de uma idéia esquisita, pela qual êle só deveria desposar uma mulher que encarnasse a imagem ideal de sua Bem-Amada, já desfizera muitos noivados. O penúltimo fôra com Avícia Caro, sua companheira de infância, na povoação da ilha em que nascera. Avícia casou com um primo, ficou viúva com uma filha de nome Ana. Pierston vem a conhecer a segunda Avícia e se sente apaixonado por ela. Para poder estar ao seu lado, aluga um castelo na ilha e vai passar uns meses lá. Ana tem dezenove anos, e êle quase quarenta. Ela é simples, sem educação, vivendo como lavadeira, inclusive das roupas de cama do castelo.

PARECIA-LHE ver ao longe uma gigantesca burla contra as transmutações de sua deusa durante os últimos vinte anos. E Pierston sentia estar sob o domínio dessas contradições, vendo o seu gesto inexplicável de desprezar a aristocrática e bem relacionada senhora Pine-Avon, pela jovem lavadeira, fruto da atração de algum místico ímã, que nada tinha de comum com o raciocínio. Seguramente esta era mais uma pilhéria do Destino.

Mas achava ser complacência temerária consigo mesmo, em não querer saber de nada, deixando-se abandonar às circunstâncias.

Pensando sôbre a maneira de conduzir-se, lembrou-se Pierston que todos os anos, ao chegar a época do verão, o castelo de Sylvania era alugado com tôda a sua mobília. Um sonhador eremita como êle, não precisava de tão grande solar, mesmo para alguns meses, sòmente; porém, interessado pela ilha e em face de seu estado de alma, não teve dúvidas em decidir passar ali uns tempos. Naquela mesma noite escreveu uma carta ao administrador do castelo, e, com uns poucos dias mais, estava êle na posse temporária de uma vivenda cujo interior não havia voltado a ver desde sua meninice, quando o mesmo casarão lhe parecia um palácio apenas destinado a servir de morada a atrevidos fantasmas.

Capítulo XV

JÁ ia muito adiantada a tarde, quando Pierston chegou ao castelo de Sylvania, a típica residência solarenga edificada à borda do penhasco. Percorrera os aposentos, o jardim e o olmedo circundante, que naquela ilha rochosa e sem vegetação, era um aspecto excepcional, emprestando singular paisagem. Pelo nome, aspecto e acessórios, aquela propriedade encerrava em seus muros de taipa, a mais completa antítese de tudo quanto existia em seus arredores. Para encontrar outras árvores entre o banco de pedras lançadas pelo mar e o Beal, era necessário retroceder no tempo e cavar nas camadas geológicas, onde havia fossilizadas sob as capas de pedra, todo um bosque de coníferas situadas na mesma direção, sem dúvida por havê-las abatido uma comoção telúrica na época geológica secundária.

A noite descera sôbre a ilha e Pierston passou a dedicar-se aos objetivos, que, afinal de contas, o tinham levado até ali. As duas empregadas que haviam cuidado da casa já estavam recolhidas aos seus aposentos e Pierston saiu sem que ninguém o visse. Cruzando o pátio onde havia árvores frutíferas, chegou a uma espécie de avilhão de estilo isabelino situado junto ao muro exterior dos terrenos, de onde, através da janela, se podia ver as fachadas das residências próximas. Entre estas estava a casa em que vivia agora a segunda Avícia.

Pierston escolhera aquêle momento para suas explorações, porque sabia que os vizinhos não tinham pressa em fechar as janelas muito cedo. Como êle havia imaginado, o interior do aposento da ressuscitada Avícia estava tão visível como lhe sucedera da vez anterior, iluminado pelos raios da lâmpada acesa na sala.

De quando em quando se ouvia no aposento um golpe sêco. Era a filha de Avícia que batia roupa, ou um tapête de flanela, pois tôda uma série de roupa estava estendida junto ao fogo. O rosto da jovem, pálido quando da outra entrevista, estava agora ruborizado pelo esfôrço e pelo calor. Entretanto, seu ar era tranqüilo, fazendo lembrar Minerva o seu perfil. Quando levantava os olhos, suas faces pareciam refletir tôda a individualidade que caracterizava sua mãe, e que nesta havia sido verdadeiro índice de seu caráter. Seria possível, que, neste caso, fôsse fictícia semelhante manifestação de igualdades? Pierston tinha visto muitos exemplos de persistência de hereditariedade, sem que os descendentes houvessem recebido as qualidades dos seus maiores, e, intimamente temia que também assim viesse a suceder com a filha de Avícia.

A casa de Ana já não tinha tantos móveis como quando Pierston o visitara pela última vez. O aparador de madeira de lei, valioso e grande, onde guardavam a louça, tinha desaparecido, sendo substituído por um móvel simples e pobre. Também já não estava ali o alto e velho relógio de carrilhão, e em seu lugar dava as horas um outro, barato, de mostrador branco. O que aquelas mudanças pudessem indicar entristecia o ânimo de Pierston, e êle sofria em silêncio, achando que a situação em que ela se achava, poderia favorecer a união de ambos. O primitivo impulso do escultor, o seu pensamento na filha de Avícia, sofriam choques espirituais que só mesmo um emotivo poderia compreender.

Como havia fixado sua residência pertinho da de Ana, e por tôda uma estação de repouso, Pierston não quis aparecer-lhe imediatamente. A temporada na ilha seria longa. Teria bastante tempo para fazer-lhe uma visita. Cada vez duvidava menos de que a figura daquela jovem, daquela prosaica e sonhada criatura, apesar de não poder irradiar a imagem de sua mãe, tornando-se depois da orfandade simples memória da morta, tinha por destino ser a encarnação da sedutora primeira Avícia. O escultor se mostrava intranqüilo ao reconhecer isto. Algo havia de anormal na sua presente inclinação. Suas primeiras paixões idealizadoras iam, de início, acompanhadas de bom critério. A Amada, raras vêzes, havia encarnado em uma personalidade que, ao conquistar-lhe a alma houvesse envolvido sua inteligência. Talvez se estivesse operando uma modificação.

Formosa fôra a manhã do dia seguinte. Ia Pierston em direção à porta principal do seu alugado castelo, quando viu entrar Ana e conduzir grande cêsto coberto com um pano branco e deu volta à casa para levar a roupa à porta dos fundos. Sem dúvida lavava para o castelo. Pierston não havia pensado nisto. Ao sol daquela manhã semelhava mais uma sílfide do que uma lavadeira, e êle não pôde deixar de pensar que a delicadeza de sua figura estava mal adaptada àquela ocupação, como também o estivera, a de sua mãe.

Entretanto, Pierston não via nela a lavadeira. Diante dela, de tôdas as suas curvas, brilhava o mais real e mais impressionante ser que êle tão bem conhecia! A profissão da linda operária, envolvendo e deformando a sua verdadeira e profunda personalidade, tinha o mesmo valor na manifestação de sua íntima natureza, como as armações de madeira nas suas tentações dos fogos de artifício.

Saiu Ana dos fundos do castelo e voltou à sua residência por um caminho do qual não se apercebera Pierston; mas, julgou Pierston que ela mudara de rumo pelo fato de havê-lo visto ali. O caso não podia significar nada, pois as relações entre ambos haviam sido, até ali, muito superficiais. Além disso, se ela, com efeito se estivesse esquivando dêle, era uma nova experiência para o escultor. Não teve êle oportunidade para examiná-la suficientemente, pois a vira de longe; mas, inquieto como estava, procurou um pretexto para ficar frente a frente com ela. Notou algumas falhas em sua roupa branca e ordenou às empregadas que fôssem chamar a lavadeira.

A empregada encarregada das chaves da casa exclamou em tom de desculpa:

— E' tão jovem, a pobrezinha! Desde a morte de sua mãe, tem-se esforçado muito para poder manter-se, e nós a ajudamos no que podemos. Porém, de qualquer maneira, vou avisá-la, senhor.

— Quero falar-lhe pessoalmente. Quando ela chegar, diga-lhe que preciso vê-la.

Segundo suas instruções, uma manhã, enquanto Pierston respondia a uma desapiedada crítica sôbre sua última obra, uma criada foi comunicar-lhe que a lavadeira chegara e aguardava suas ordens no vestíbulo. Pierston foi ao seu encontro e lhe disse severamente:

— Sou muito exigente e meticuloso em relação à nossa roupa de cama e mesa e não quero que ponham nela nada de pós nem goma.

— Não sei quem use isso nas roupas desta casa, respondeu ela em tom humilde e assustadiço, sem fitar o patrão.

— Além disso, a calandra arrebenta os botões.

— Mas, se não tenho calandra, senhor! — Murmurou a moça.

— Pois me alegro com isso. Entretanto, há muito bórax no amido.

— Não ponho nada disso, senhor — respondeu Ana com o mesmo tom de reserva — nem jamais ouvi êsse nome até agora.

— Melhor ainda.

Tudo isso era pura conversa convencional, pois, no que estava pensando firmemente Pierston, não era em coisas de roupa branca, e sim na sua nova Avícia. A natureza estava forjando seus planos para a nova progênie sob a capa de um diálogo tão pueril. Não podia êle penetrar o caráter individual daquela mocinha, para estabelecer confronto com a semelhança física com uma mulher cujo valor só havia imaginado demasiadamente tarde. Não podia ver nela tudo quanto conhecia na outra e ocultar tudo o que discordasse de seu conceito de metempsicose.

Enquanto no cérebro de Pierston se travava uma luta de natureza emocional e científica, a jovem não parecia pensar em nada mais do que no materialíssimo assunto da conversação. Havia respondido às suas perguntas sem levar em conta o sexo nem sua idade.

— Eu conheci sua mãe, Avícia — exclamou Pierston, inopinadamente. — Lembra-se de que já lhe disse isto antes?

— Sim.

— Pois bem. Aluguei esta casa por dois ou três meses, e você me podia ser muito útil. Você mora aqui perto, do outro lado da cêrca?

— Sim-senhor — respondeu ela um tanto perturbada.

Fria e tranqüilamente mostrou a moça desejos de ir-se embora. Aquela linda criatura se apresentava a Pierston com feições impassíveis, e isso lhe parecia estranho, uma atitude esquiva na filha de uma mulher a quem conhecia a fundo e que, havia vinte anos passados, se mostrara tão amorosa pela sua pessoa. Não muito longe dali mesmo, Avícia se havia precipitado em seus braços, dando-lhe um beijo, beijo que foi desprezado por êle, depois, mas que agora o revivia como o mais

querido de tôda a sua vida. E agora, aquela cópia de Avícia, como lhe chamavam os locais, aquela segunda Avícia, porque fugia dêle? Pierston a deteve dizendo:

— Sua mãe era uma mulher culta e bem educada, não era assim?

— Era, senhor. Todos dizem isso.

— Espero que você também seja como ela.

A jovem meneou jocosamente a cabeça e volveu o corpo com intenção de sair. Pierston a reteve novamente e lhe disse:

— Oh! Uma palavrinha mais, Avícia. Não trouxe muita roupa branca; por isso terá você que vir aqui todos os dias.

— Muito bem, senhor.

— Não se esquecerá de vir?

— Oh! Não.

Só assim Pierston a deixou ir-se. Se bem que êle fôsse um homem de cidade e ela uma simples roceira, o certo era que Pierston se havia entreaberto como uma anêmona do mar, sem influir na mais pequenina partícula do tranqüilo e natural espírito daquela jovem. Parecia-lhe monstruoso que fôsse tão inacessível aquela mulherzinha que havia aparecido ali para personificar o mais terno de suas recordações. Julgou então que aquela indiferença da moça poderia ser o reflexo de uma paixão determinada pela grande diferença de idades entre ambos, sendo êle muito mais velho do que ela.

Mas Pierston chegou a esta conclusão. Não tinha êle a alma um só dia mais velha sue quando galanteava a mãe de Ana, com a mesma idade, então, que agora tinha a filha. Estava mais velho fisicamente, mas os seus ardores amorosos para com ela eram os mesmos. Suas recordações seguiam o curso dos anos e os seus sentimentos persistiam inalterados.

Quando Pierston via alguns de seus contemporâneos com reputação de graves e circunspectos, imperturbáveis em suas vidas, um tanto ridículos, mestres provados na arte de povoar lares, escolas e colégios, e atualmente peritos na arte de casar suas filhas, o escultor sentia inveja por supor que os mesmos experimentavam sentimentos que aparentavam sentir com seus negócios, suas politiquices, suas galas e seus cachimbos.

Tinham todos êles transposto já as perturbadoras correntes das paixões e estavam nas tranqüilas águas da filosofia e da idade madura. Entretanto, êle, Pierston, contemporâneo daqueles mesmos homens, se via jogado daqui para ali, dali para acolá, como uma casca de noz na crista das ondas, ao léu da sorte, jogado pelas mãos de sua quimera. O mesmo que quando estava ainda com a metade dos anos com que estava agora, havendo contra êle o pesar doloroso de ver cada dia, não passar tudo isso de futilidades, de ambições vãs.

Avícia se retirou e Pierston não tornou a vê-la em todo aquêle dia. Como, porém, já não encontrava outro pretexto para chamá-la de novo, ficou Pierston naquela excitação, tanto mais que a moça se lhe apresentava inacessível como se fôsse uma criatura encerrada em cidadela militar levantada no cimo da colina próxima.

(Cont. no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON





ORGANDI BRANCO

Em organdi branco, com aplicações de renda Chantilly A saia tem uma basque que segue a linha quebrada das aplicações Na cintura uma faixa de veludo negro com uma rosa vermelha completando-a. Bonito modêlo de Dorothy Dickerson.

Semana Literária

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

AKUTAGAWA



● OS LEITORES não erraram, trata-se mesmo de um escritor japonês, Ryunosuke Akutagawa. Seu conhecimento nos foi proporcionado recentemente, não por um livro, mas por um filme: «Rashomon». O filme era bem feito, embora um tanto cacete, pela repetição da mesma história por três vêzes, com pequena variação. Entretanto, seu lirismo, seu humor macabro, com a superior interpretação que lhe deram os artistas nipônicos, tornavam a película uma obra de arte cinematográfica invulgar. Pois bem, essa história, assim amarga — mais amarga, aliás, do que a vimos na tela — foi escrita por Akutagawa. O filme lhe arranjou um fim feliz, introduzindo uma nova versão na história, a do lenhador, a verdadeira versão. No original, que agora os leitores de língua inglêsa podem conhecer (na edição Liveright), o autor deixa o julgamento do caso a seus leitores. E' o espírito dêsse pessimista que, pouco antes de morrer, escreveu êste dístico:

"Among bamboos and flowering dates
Buddh's long been fasta asleep."

● O volume inclui mais cinco histórias de Akutagawa e, tôdas elas, com o mesmo sabor misantrópico. E' um poeta, um filósofo amargo, êste japonês que acabou naufragando no seu pessimismo: matou-se em 1927, tomando uma dose exagerada de veronal. Sua obra é cruel, pondo a nu uma alma inteiramente perdida. Entretanto, é escritor de admirável estilo, de tocante sentimento poético e de um humor que sorri num rictus de descrença, de uma sátira que, ao contrário das outras, não quer melhorar o mundo, antes deseja mostrar que o mundo não tem qualquer espécie de salvação.

FORA DO PRELO

ESPAÑOL, GRAMÁTICA, LITERATURA Y ANTOLOGIA — Ouvimos e lemos, não raramente, que a língua de Cervantes é facílima para os brasileiros. Basta alterar uma ou outra palavra... Ilusões. Para dominar qualquer idioma é absolutamente indispensável penetrar-lhe o sentido, a teoria, os segredos — em primeiro; e, após, ou conjuntamente, de acôrdo com a escola ativa, falá-lo. Muito boa a orientação que deu a seu compêndio o professor Aristóteles de Paula Barros: «Español, Gramática, Literatura Y Antología». De tal maneira que já se encontra a obra na 4ª edição feita caprichosamente pela Melhoramentos de S. Paulo.

★

O PEQUENO MÁGICO — De Tales C. de Andrade, é êste volume que pertence à coleção Encanto e Verdade, que as Edições Melhoramentos dedicam aos leitores de primeiras letras. Bem ilustrado, o volume acha-se na 6ª edição.

★

GEOGRAFIA DO BRASIL (Física e humana) — O professor Moisés Gicovate é uma das maiores autoridades com que contam os estudos de geografia. De estilo claro e simples, e dono dos segredos de tão fascinante disciplina do currículo escolar, os seus livros são sempre acolhidos com enorme simpatia. Assim está acontecendo com esta sua «Geografia do Brasil», para a 3ª série do curso ginasial, edição da Melhoramentos bastante ilustrada, de acôrdo com as normas do programa oficial.

★

COIVÁRAS — As Edições Mantiqueira apresentam êste volume de poemas de Darcy Freire. Poeta tradicional, Darcy Freire rima e metrifica com habilidade, notando-se nos seus versos emoção sincera e, em muitos passos, inspiração e lavor artístico. O poeta ainda não está seguro de seu instrumento, entretanto, procura-se, busca encontrar-se, dando assim uma idéia de insatisfação, própria dos jovens, que, porém, não lhe prejudica o conjunto a obra, de acentos nostálgicos e tons elegíacos, quando, em vez da paisagem, o poeta se volta para si mesmo. Apurando-se na forma e mantendo maior exigência de auto-crítica, Darcy Freire se fará um grande bem, fazendo valer sua vocação poética, digna de estímulos.

★

REVISTAS — Temos recebido regularmente: «Acaiáca», mensário de Belo Horizonte; «Caiçara», a conhecida publicação mensal de Marília (São Paulo); «Marília», de Juiz de Fora, além de outras revistas e suplementos — que agradecemos.

★

FÍSICA — Já em 8ª edição, — o que dispensa maiores comentários — aparece a conhecida «Física», do professor Aníbal Freitas, destinada à primeira série do Ciclo Colegial e que atende, com rigor, aos preceitos dos programas oficiais. Pelas suas extraordinárias qualidades didáticas, esta «Física», apresentada pelas Edições Melhoramentos, continua alcançando grande acolhimento em nosso país.

★



VENTO LESTE NOS CAMPOS GERAIS — Trata-se de um moderno romance histórico, em que seu autor, Rubens Mário Jobim, militar também, situa sua intriga em ambiente de guerra, isto é, a revolução de 93, mais pròpriamente, no episódio conhecido como a «defesa da Lapa», a cidadezinha paranaense que ingressou nos fastos guerreiros do Brasil, pela defesa heróica que opôs aos rebeldes vindos do Sul, graças à bravura do coronel Gomes Carneiro. O romance, que vem enriquecer nossa bibliografia militar, é obra de real valor e grande interêsse histórico e literário.

LA CIGARRA Y EL DON — Angelica Ferrari de Plaza é uma poetisa do Uruguai, de acentos muito pessoais. Seus versos dêste livro confirmam as elogiosas referências da crítica, à sua obra anterior. Apaixonada, sua musa se compraz no lirismo, em uma doce e sugestiva atitude. Todos êstes poemas são confidenciais, fixando momentos inefáveis, onde sua alma, bem feminina, se entrega suavemente. E em muitos instantes de sua poesia, tão fácil e cheia de emoção, ela se eleva a grandes altitudes. Seus poemas confessionais representam pequenas jóias do gênero, pela ternura que os envolve, pela discreção com que falam dêsse tema eterno do amor, com tão novas e tocantes notações. Queremos notar aqui que a poetisa uruguaia põe, como subepígrafe de seus poemas, um verso de nossa Cecília Meireles: «Sé que canto. Y la canción es todo». Como bem disse o escritor Roberto Sienra, sôbre outro livro de Angelica Ferrari de Plaza (Emociones tendidas al Sol) — seus versos se apoderam de nossa alma.

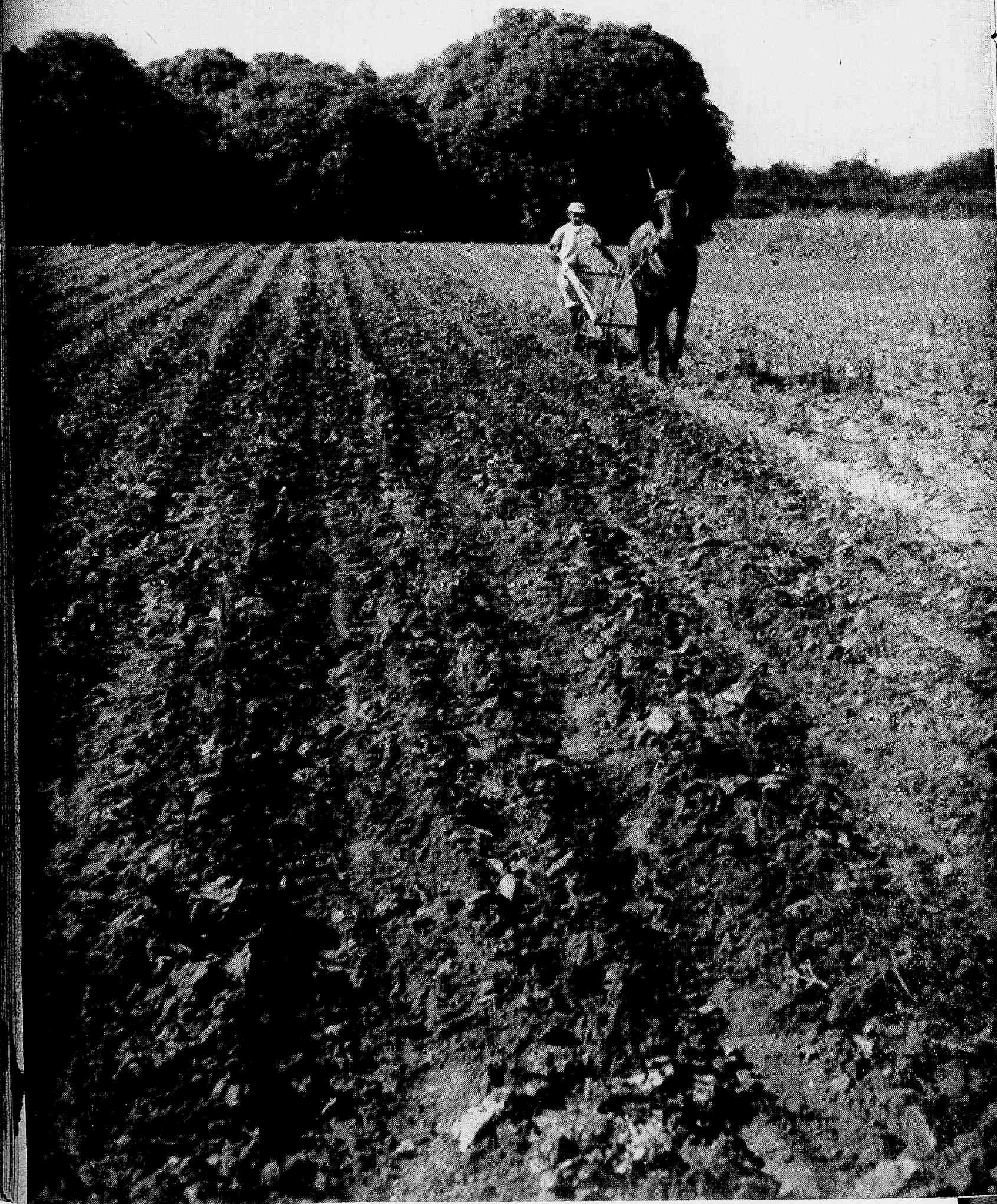
UM LIVRO:

"A Fonte da Beleza"

● O POETA Nilo Bruzzi tem se demonstrado um infatigável pesquisador de nossa história literária, através dos volumes de estudos que ùltimamente vem apresentando. «A Fonte da Beleza» pertence à série que êle iniciou em 1948, com «A Sabedoria da Vida de Múcio Leão», volume a que se seguiram outros, sôbre Casimiro de Abreu — obra discutidíssima — sôbre Júlio Salusse e êste, além de outros, inéditos. No momento, o poeta trabalha em outro estudo de grande importância, sôbre o esquecido romancista Lindolfo Rocha, e em um romance! Deixemos porém o romance ao seu tempo.

● Neste volume, aparecido há dois anos, Nilo Bruzzi revela a mesma garra que pôs no seu Casimiro: o pesquisador que não se contenta com as opiniões formadas, nem com os elementos correntes, querendo mais, querendo o documento autêntico, capaz de fixar com realidade as figuras de nossos poetas e escritores. Há neste livro, por exemplo, um inquérito sôbre o lirismo de Bilac, que enterra o que se disse antes, quanto à vida amorosa do poeta. Haviam transformado a vida amorosa do parnasiano, em uma «parnasianice» também — um deserto de frieza, uma desoladora insensibilidade para os sentimentos afetivos, atribuindo-se os gritos de paixão que vozeiam nos seus versos a puro artifício de rimador perfeito ou, quando muito, a um vago namôro com a irmã de Alberto de Oliveira. Essas duas opiniões estão agora reformadas. Nilo Bruzzi, neste livro, investiga, com serenidade e agudeza, o temperamento do poeta, suas fôrças e suas fraquezas, apresentando-nos, por fim, de corpo inteiro, o nome e documentos epistolares insofismáveis — a «mulher» da vida de Bilac.

● Essas páginas valeriam a obra. Entretanto, neste livro existem ainda mais dois estudos de grande interêsse: um sôbre o protético e admirável Gilberto Amado e outro sôbre Alfonsus de Guimarães, o místico de Mariana, cuja obcessão da morte êle estuda à luz dos documentos, fazendo, também o inquérito à vida amorosa do sombrio cantor de «Ismália» e de «Dona Celeste». Outra página, sobremodo grata ao nosso coração de amigo, é a que consagra a um livro de Jayme de Barros, espírito seleto, escritor de raça, grande e fraterno sempre. Que as musas, pois, se acalmem e deixem ao poeta êsses momentos de prosa que tanto têm feito no domínio de nossa ignorada história literária.



Quando a várzea é irrigada.. Inicialmente houve um equívoco dos agrônomos no espaçamento. O mangueiral fechou! Trata-se de uma plantação de batata.

Redenção!



Um Debret? Não. Apenas um sertanejo pescando na região flagelada. Apaiari, tucumaré e pirarucu proliferam no nordeste.

OÁSIS PROVOCADOS PELA IRRIGAÇÃO NUMA TERRA ESMIRRADA ★ O EXEMPLO CASÉ ★ ATÉ PISCINA! ★ UMA DESGRAÇADA HERANÇA COLONIAL ★ ESCOLA DE ENGENHARIA ★ A GRANDE RESPONSABILIDADE DE UMA GERAÇÃO

Reportagem de **EDMAR MOREL**

Fotos de **ADIR VIEIRA**

NEM tudo é miséria na região da sêca. Dentro do sertão, nos confins da Paraíba, a 480 quilômetros do litoral, um pugilo de jovens engenheiros procura integrar o homem na moderna vida agrícola, oferecendo canais de irrigação e novos métodos de plantio. Acontece que centenas de fazendeiros, herdeiros de uma arcaica e nociva tradição colonial, ainda não compreenderam o trabalho do agrônomo, nem do trator, preferindo o colono expedito e o arado puxado por um cavalo cansado. E' o apêgo à lavoura matuta. A terra exausta por um século de cultivo, sem humus e abatida pelo flagelo, continua hostil à máquina... E o homem, mergulhado na ignorância e sem recursos financeiros, incrível como pareça, é um surdo ao apêlo da engenharia que brada no deserto:

— A terra pobre ficará rica com a irrigação.

Os Mayas, Aztecas e Incas, no México e no Peru, há séculos, desenvolveram a irrigação, em larga escala, estendendo canais, com centenas de quilômetros, dentro de uma política de solidariedade humana. «O solo peruano era adubado com o excremento das aves marinhas ou com sardinhas pescadas no Pacífico. O cultivo da terra era coletivo e os túneis e canais eram revestidos de pedras, havendo rigoroso contrôle na aplicação da água. O próprio imperador e os nobres, para darem o exemplo ao povo, também cuidavam a terra, com arados de madeira.»

A colonização no Brasil, desgraçadamente, foi feita sob um estreito individualismo, sem o necessário processo de cooperação, com a absoluta ausência do espírito coletivista. O estrangeiro tirou a última gôta de suor do nativo e, como recompensa deu, apenas, chicote e ração. Ademais, os métodos usados na vida agropastoril do país, foram os mesmos empregados no interior da África. Herdamos, assim, uma triste tradição de ignorância, em particular, no campo. José Gui-



Até galinha gorda a gente encontra na zona flagelada. Custa 20 cruzeiros e a dona de casa adquire a ave sem ½ quilo de milho no papo.

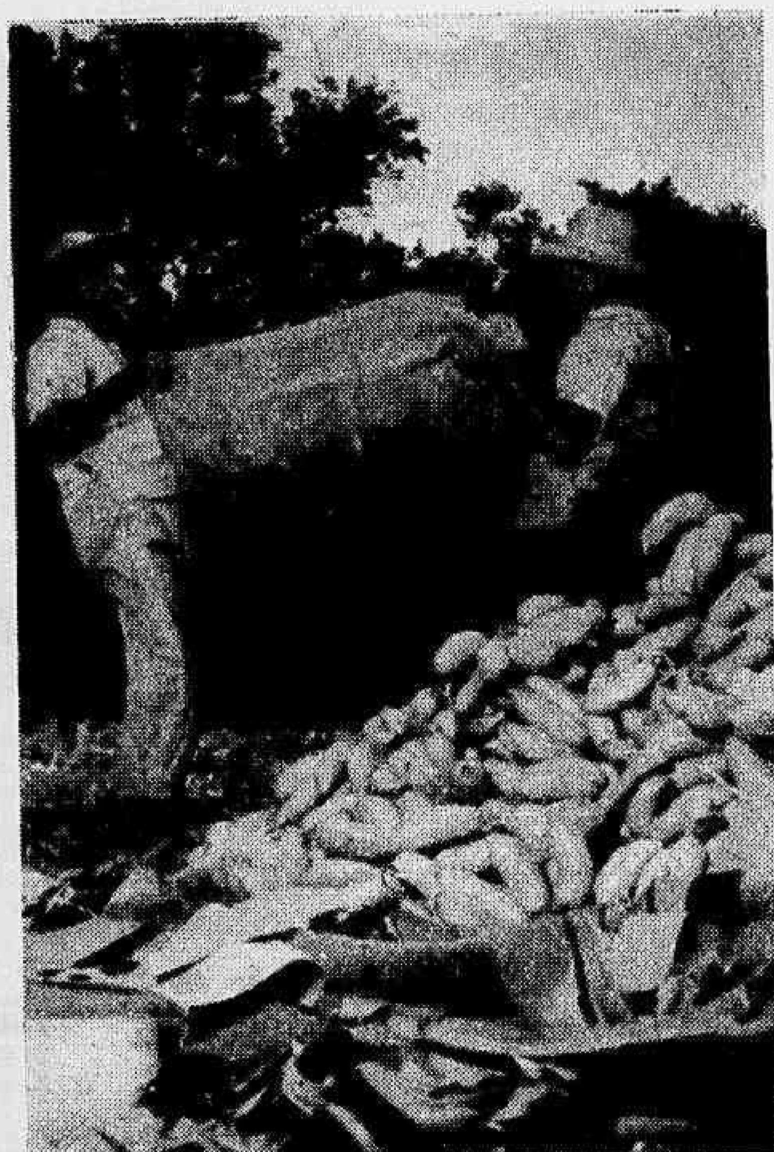


Laranja boa a 4 cruzeiros a dúzia. A produção de frutas cítricas é espantosa nas terras irrigadas do nordeste, em particular, na Paraíba sêca.





Milho verde na sêca! Isto é possível com o aproveitamento das terras irrigadas. Acontece que existe água armazenada e poucos canais.



José Casé e suas bananas, cada uma pesando ½ k. E' fruto da terra irrigada tão combatida por sertanejos apegados a uma tradição arcaica.

A região sêca não tem, apenas, xique-xique e mandacaru. O homem quando planta em terras irrigadas, colhe beringela, tomate, pimentão, etc.

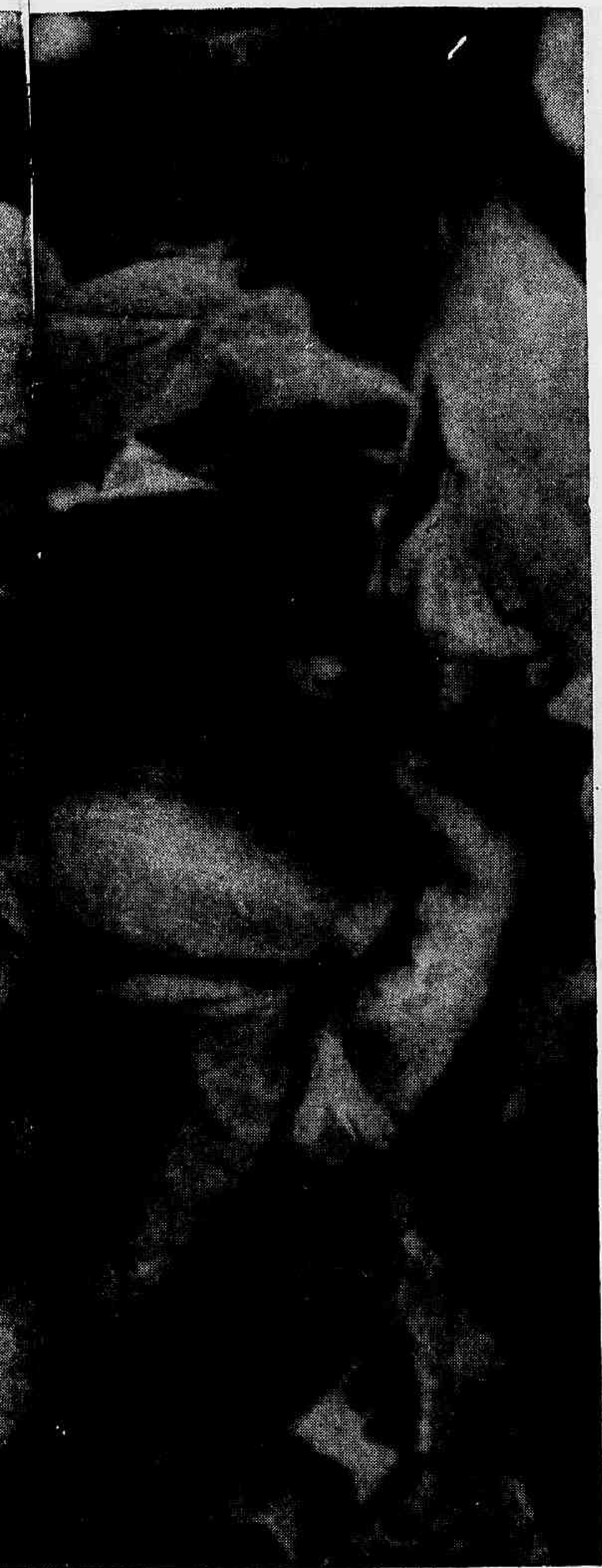
marães Duque, sem favor, um dos estudiosos dos problemas nacionais, escreveu, certa vez:

— «Em 400 anos a Civilização Nordestina pode ter evoluído muito na técnica das comunicações, no regime político, na alfabetização parcial, etc., porém, ela regrediu tremendamente na cooperação, na harmonia grupal, na união do trabalho mútuo, nas qualidades dos indivíduos como unidades da multidão. O que a comunidade ganhou na rapidez em transmitir o pensamento, na confecção do sistema político, na assimilação de princípios científicos, etc., ela perdeu em atributos outros desenvolvendo o individualismo, o egoísmo, a inveja e o afrouxamento das relações do habitante com seus companheiros. Ainda não se formou nenhum núcleo espontâneo de trabalho agrícola, associativo e familiar no Polígono Sêco. A irrigação é uma necessidade que ninguém nega para esta zona e, no entanto, não existe a tradição irrigatória e a metade das terras particulares, nas quais o Govêrno construiu canais de irrigação, não está cultivada, está inculta.»

Dentro dêste doloroso panorama social, sem dúvida, reflexo de uma errônea política colonizadora, vivem 80% dos donos de terra no nordeste, onde imperam, para o desequilíbrio econômico da região, os mais rotineiros métodos de trabalhos.

OÁSIS NO DESERTO...

Acontece que nem tudo é miséria na zona semi-árida... Existem verdadeiros oásis no «hinterland», com cultura de legumes, como trabalhada à máquina e cortada por canais tomate, beringela, repôlho, frutas, arroz, laranjais que se perdem de vista. A terra é de irrigação. No coração do Polígono da Sêca, a engenharia, tão combatida pelo matuto, consegue 2.300 quilos de arroz em cada hectare, irrigado, mensalmente, por 1.500 metros cúbicos de água. A batata doce tem uma produção de 16 a 18 toneladas por hectare e, em casos excepcionais, em terras de aluvião, aquela

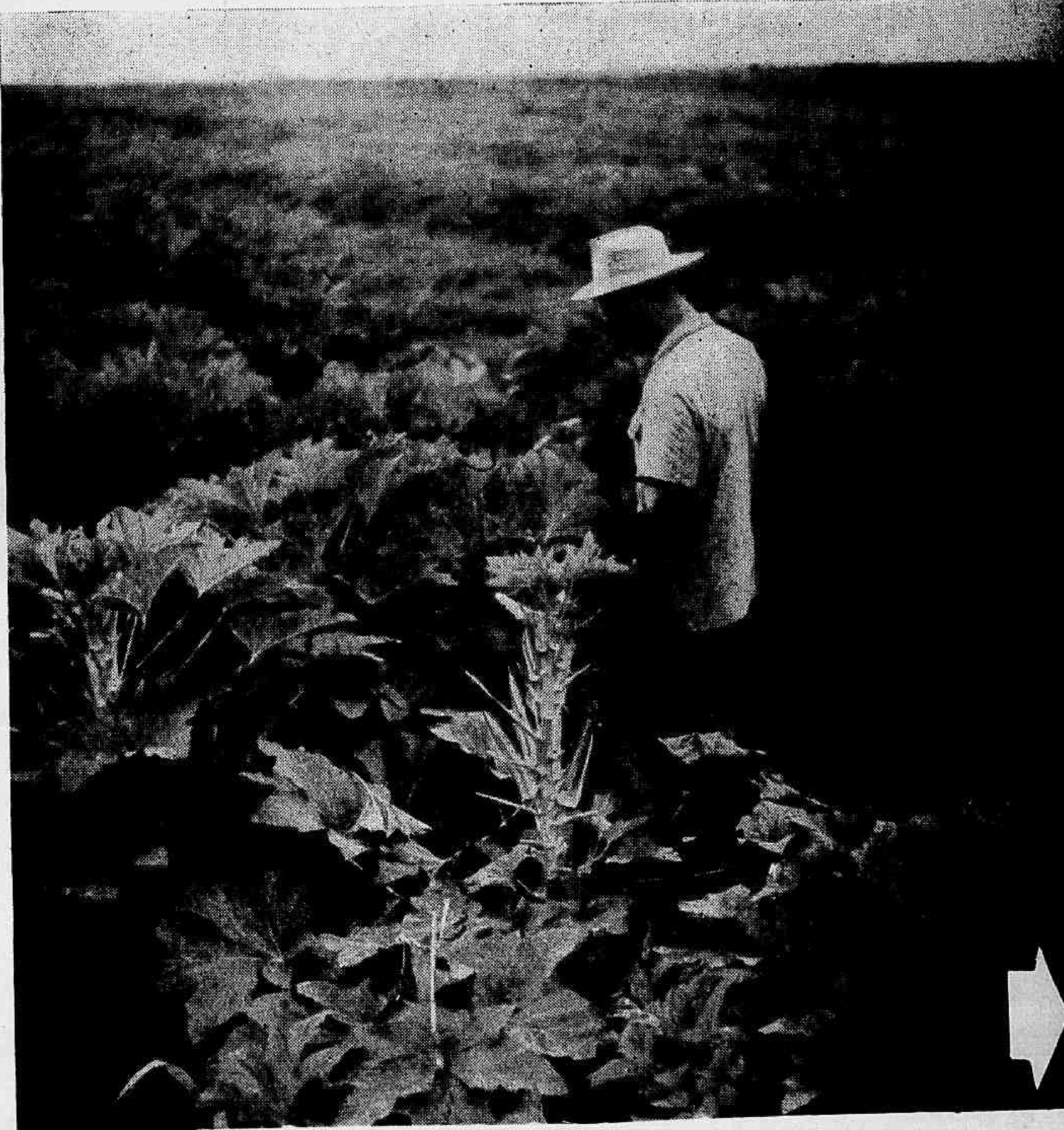


E não se pense que se trata de fotografia obtida em pleno inverno: as terras do sertão nordestino são prodigiosas, quando irrigadas.



Tinha razão o mestre Caminha: «A terra é boa e plantando...» Plantação de alface em S. Gonçalo, onde existem 150 km de terras irrigadas.

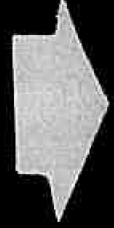
Mata de mamoeiros? São quiabeiros, em sua plenitude, deslumbrando o visitante na região flagelada. Acontece que a terra foi irrigada.

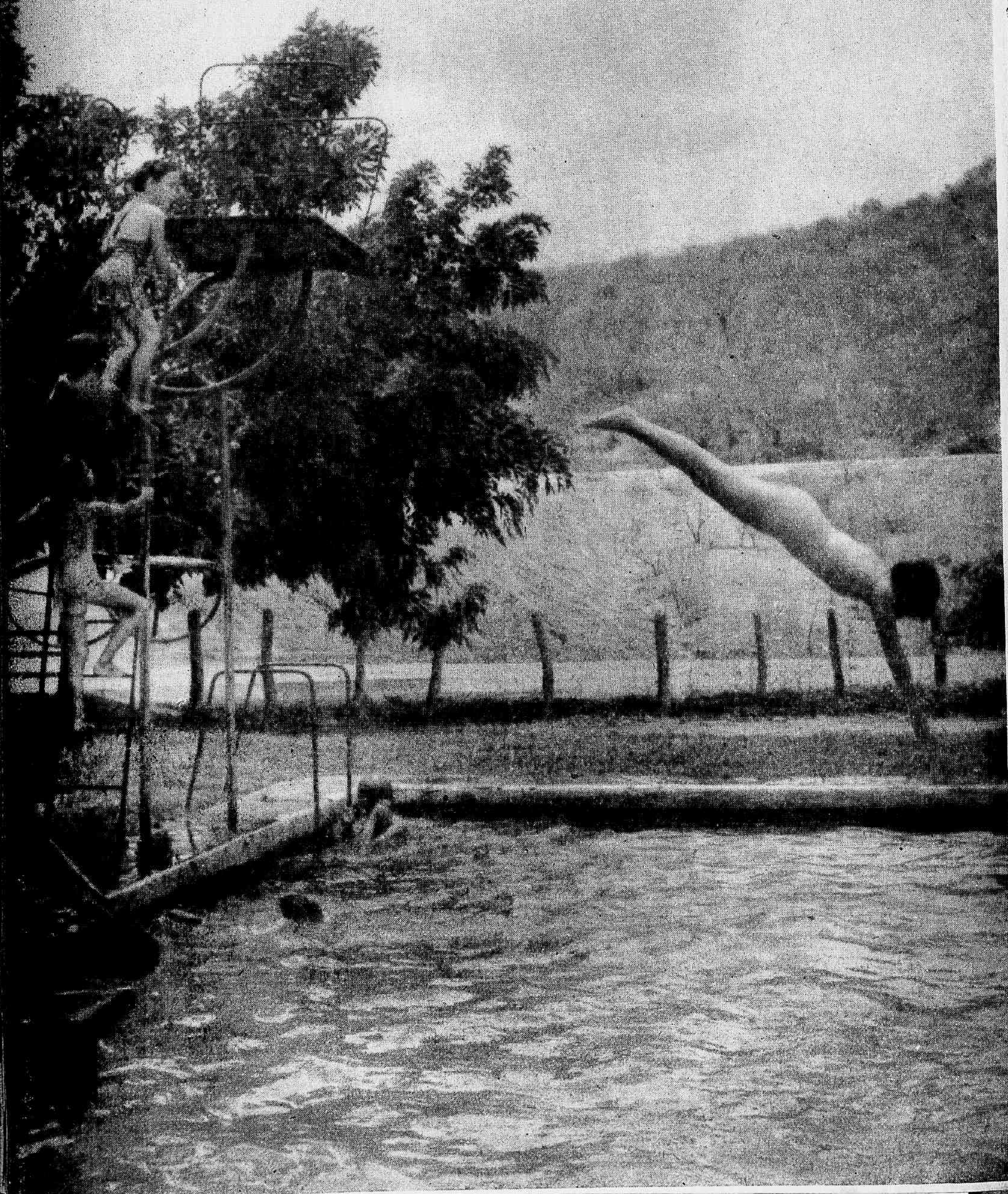


cifra ultrapassa a 40. O feijão proporciona 400 quilos, contra 2 800 de milho. A produção média do repôlho é de 30 toneladas na mesma área, contra 18 de tomate.

Tudo isto ocorre numa das regiões mais sêcas do Brasil, porém, irrigada. Trata-se de «São Gonçalo», no município de Souza, um centro de estudos, pesquisas e experimentação agrícolas, dotado de todos os modernos recursos de laboratório.

Em tôrno do açude que faz parte do chamado sistema do Alto Piranhas vivem 9.800 pessoas; todavia, só 120 são proprietários de pequenos sítios irrigados. Note-se que a ca-





Ao fundo, o morro árido tostado pela sêca. Mas a piscina, levada pela civilização do açude, é o prazer dos garotos de «Curema». Vejam o estilo do salto.

REDENÇÃO!



Uma paisagem européia? Não. São medas. Grandes depósitos de feno, alimento guardado no inverno para o gado na sêca.

pacidade do «São Gonçalo» é uma das menores: 45.000.000 metros cúbicos, enquanto o «Curema», seu vizinho de 60 quilômetros, é de 120.000.000; o «Mãe d'água», 640 milhões; «Piranhas» 255 milhões. Êste impressionante conjunto tem capacidade para irrigar 20.000 hectares, do vale do Piranhas às proximidades das cidades de Souza e Antenor Navarro, sem dúvida, um futuro pomar, um belo jardim florido no Polígono da Sêca, que abrange 834.666 quilômetros quadrados, segundo Vinícius Berredo, antigo diretor do D.N.O.C.S. Um copo d'água no deserto!

O MILAGRE DA IRRIGAÇÃO

A única rêde de canais de irrigação digna de registro é a do «São Gonçalo», aproximadamente, 150 quilômetros. E as áreas cultivadas? As cifras são de estarrecer. 1 692 hectares com arroz; 291 com banana; 286 com milho; 90 com mandioca, batata, etc.; 75 com frutas, inclusive 23 só com laranja. A produção da banana e do milho, em 1952, em São Gonçalo, foi, respectivamente, de 1 431 800 e 1 941 000 quilos, contra 846 336 de arroz; 307 347 de tubérculos.

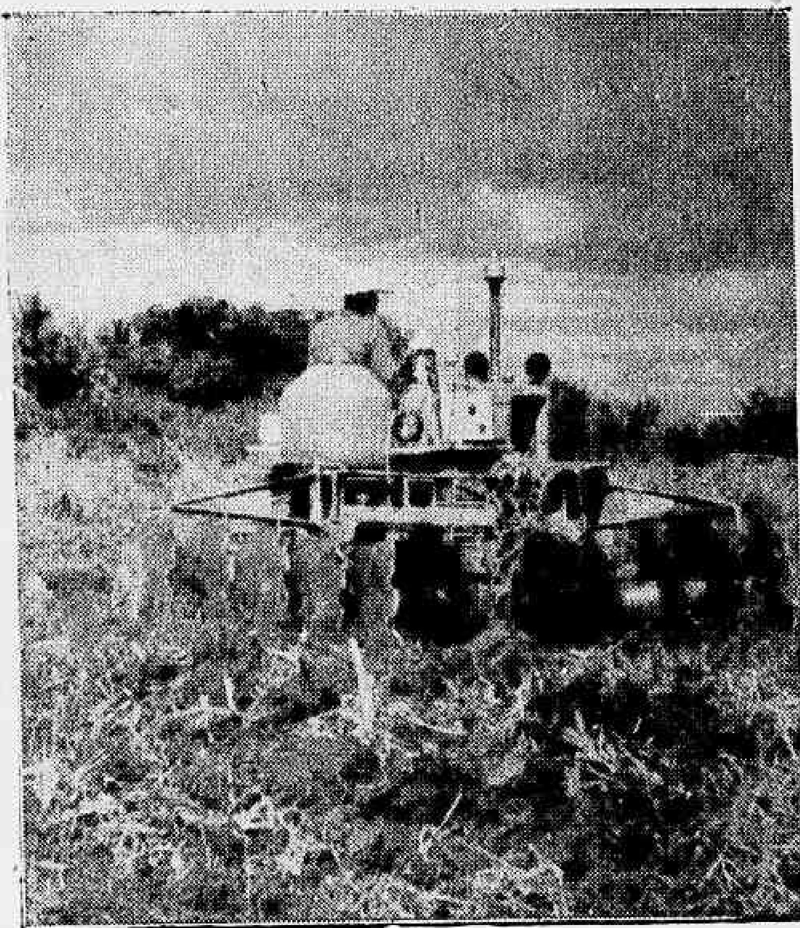
JOSÉ CASÉ, UM EXEMPLO

José Casé, até 1940, era um entre os milhares de «Jeca Tatu» perdidos por êste Brasil afora. Depois acreditou na irrigação, foi comprando terras e plantando banana e laranja. Suas terras, ao lado do açude, agora, valem ouro. José Casé é o maior fornecedor de frutas aos mercados de Campina Grande e cidades vizinhas. Sua fortuna, ganha com a água, é grande e sólida. Mesmo assim, com êste exemplo aos olhos, mais de ⅔ dos que

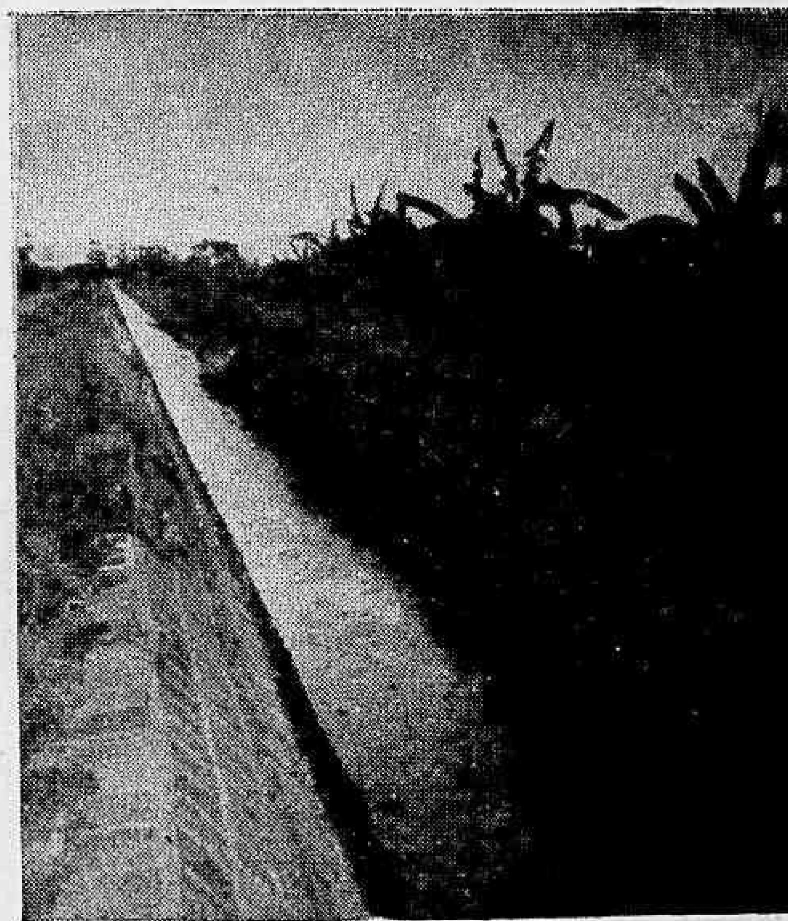
(Cont. na pág. 36)



Vamos esbanjar água no nordeste, enquanto não aprovam crédito para comprar uma turbina. A Paraíba perde 5 000 HP, diários, em Curema.



O trabalho do agrônomo é arrancar o Brasil das trilhas dos velhos carros de bois. O trator já não é mais um bicho de sete cabeças no hinterland.



Irrigação, que fará a Redenção do nordeste. Água estagnada não resolve o problema da sêca. Urge movimentá-la em tôdas as direções.

S E G R E D O S   D A   A L M A

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

Nada confrange mais, no espetáculo da população sofredora do Rio, que a infância abandonada.

Voltávamos ontem de Nova Iguaçu — próspero município fluminense — aonde fôramos, com sacrifício, atender a um antigo cliente, agora residente por lá. O trem vázio na descida, à tarde, era um recreio volante para um bando de crianças infelizes. Um menino de menos de 10 anos, vendia amedoim torrado; dois, pouco mais velhos, vendiam balas, enquanto sete ou oito lhes faziam companhia. Cordiais entre si, na desgraça, acamaradados no palmilhar dêsse desvio do bom caminho, nesse tortuoso atalho conducente à miséria e ao crime dêsses futuros homens, os pobres garôtos arrepiaram-me a sensibilidade, esfrangalharam-me o coração e enxovalharam-me os brios de brasileiro, desenhando aos meus olhos, êsse quadro que, mais uma vez, fêz-me pensar na desgraça da infância desvalida de minha terra.

● Solidários no abandono, uns viajavam o cobrador das passagens, para que outros brincassem. Ao grito de: «lá vem êle», escapava-se o bando todo de um para outro vagão, enquanto os das balas e do amendoim ficavam apregoando.

Atraí a mim, o das balas, fazendo-me comprador:

— Quanto é?

— Um cruzeiro.

— Isso é para ajudar sua mãe?

— Não tenho mãe, não senhor.

E estendia a mão ressabiado, para apanhar o dinheiro e pôr fim à conversa.

— Deixe-me ver mais êsse pacote; não, êsse não; êsse aqui. Quanto é? (Pretextamos para continuar). Seu pai, onde está?

— Meu pai? Não sei, não senhor. Êle não me quis mais. Me botou pra fora de casa, e uma moça ficou comigo.

● **Tínhamos uma amostra do drama: um pai desnaturado, um pai acobertado por leis tolerantes, um pai que faz o que quer com seus filhos; um pai que a lei não pune; um pai bandido, um pai miserável. Por que os códigos não prevêem como crime inafiançável, o abandono dos filhos? Em outras palavras: por que a justiça não caça, como a qualquer bandido, o pai que abandonou seus filhos, para puni-lo com penas severas? Se a lei pune, inexorável, o adulto que maltrata uma criança, por não prever, bem explícita, a pena para o pai que atira seu próprio filho na estrada da miséria e do crime, abandonando-o?**

Esperar que o govêrno com os recursos oficiais, promova todos os meios, é ter a certeza da repetição dos quadros no trem de Nova Iguaçu e às portas dos cinemas elegantes de Copacabana, entrando pela noite, em dias frios.

Tôda correspondência deverá ser dirigida ao Consultório de Psicologia e doenças nervosas:
Dr. Luiz Fraga — Rua Sen. Dantas, 76 — 4º — Rio de Janeiro.

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **MARIA — (Rio).**

SONHO: Encontrava-me num lugar onde reinava grande confusão, no meio da qual eu ouvia pronunciarem os nomes de meus dois namorados. Afastava-me daí em companhia de uma amiga e nos aproximávamos de uma casa de madeira, tipo barracão. Na porta dessa casa havia uma lata com tinta vermelha. Via um cidadão encaminhando-se para mim, vestido de branco e reconhecia alguém que eu só conhecia de vista. Quando êle chegava bem perto, eu punha a mão dentro da lata e retirava-a vermelha de tinta, passava-a nos olhos do homem, cegando-o. Logo depois, passava a outra mão limpa nos seus olhos e êle recuperava a vista. Com certo orgulho, eu dizia à minha amiga: — Tenho fôrça. Isto é sangue de Cristo.

INTERPRETAÇÃO — Sócrates viu, através os buracos da túnica de seu escravo, porejar o orgulho e você que se diminui e se recrimina (barracão de madeira) se orgulha de conseguir «cegar» um dos seus namorados em favor do outro... Em verdade, grande confusão deve reinar em sua mente pelo simples fato de ter dois amados ao mesmo tempo. Vejo um ponto de ligação espiritual entre você e sua amiga, que lhe dá o direito de apreciar e, quem sabe? também criticar seu gesto pouco recomendável de ludibriar alguém (cegar o homem com tinta). Nada está perdido, porém, em seu Ego, pois você tem possibilidades, querendo, de voltar à lisura de uma vida normal e sem engodos para quem quer que seja (mão limpa que fazia voltar a vista do homem). Você tem fôrça; mas a fôrça que possuímos deve ser empregada tão sòmente na prática do Bem e nunca em prejuízo de outrem. A tinta vermelha representa o «sangue» (trabalho do seu segundo namorado). Seria de grande valor moral para você se consultasse sua consciência e seu coração, visse a quem realmente ama e vivesse exclusivamente para êle. Como mulher, ser a quem Deus dotou de finos e delicados sentimentos, você deve dar o bom exemplo de retidão e fidelidade absoluta. Acredito que, com a advertência do seu sonho, sua vida algo anômala tome novo rumo e você siga o caminho da luz interior (visão recuperada). Só o fato de sentir-se inquieta com a experiência do seu sonho e procurar esclarecer-se, prova que será capaz de reformar-se.

● **GIL BERTO (Jales — S.P.)**

SONHO: — Eu me encontrava de pé num monte de areia, perto do qual corria um pequeno regato de águas límpidas. Virando-me para trás, vi uma cêrca de madeira contornando um pomar sem frutos. Por cima das árvores, uma casa de paredes brancas, janelas e portas pintadas de azul na parte superior e o velho telhado, numa elevação, diversas árvores altas e sêcas; numa delas estavam pousadas cinco aves de penas vermelhas e douradas que fulgiam ao sol; eram grandes e de rara beleza e cantavam uma suave melodia que me tocava o coração. Inesperadamente se aproximou um desconhecido e observou: — Mantenha-se imóvel se quiser ouvir o canto dessas aves, nesta distância, se elas nos perceberem, logo voarão. A melodia que estão cantando se chama «Vigília», nome que é também delas. — Quando êle acabou de falar, vi que as aves estavam voando a grande altura em nossa direção, acompanhadas, agora, por um pássaro azul. Olheias até perdê-las de vista e, depois, atravessei uma porteira, entrando num tabocal, onde outro desconhecido me disse: — Veio tarde; as carriças já passaram. — Olhei para os ramos, depois para o chão e ainda vi uma carriça, depois outra, e outras, ainda, que se foram embora uma a uma.

INTERPRETAÇÃO — Vigília — diz o dicionário — é «insônia, estado daquele que se conserva acordado durante a noite.» Em sua infância, Gil Berto, há de você ter passado por uma centena de pequenas experiências — apanhar passarinhos, caçar, etc. — relacionadas com as aves, êsses pequenos e doces sêres que enchem de música o espaço infinito. Agora, na idade adulta, as cenas vividas na juventude voltam a representar-se em sonhos, de mistura com os múltiplos problemas de sua vida... Vigilante deve viver em relação aos seus negócios, porém os sente um tanto instáveis e sem base (estar de pé sôbre a areia). Mas, com sua natureza bizarra e algo romancista (a julgar por sua chancela) você consegue livrar-se de alguns embaraços (cêrca de pau) com habilidade e bom humor (rio de águas límpidas). Você espera grandes lucros e se decepciona muitas vêzes (pomar sem frutos). Isso em parte porque vive sonhando acordado (cinco Vigílias), ouvindo os rouxinóis cantarem (a melodia) e construindo na imaginação altos castelos. Em seu sonho, tudo me diz que é um emotivo, sentimental e algo espiritualista (fantasia das aves) e que espera «alguém» que ainda não veio (o desconhecido) para compreendê-los e fazê-lo feliz. Êsse «alguém», o seu próprio Eu superior, o adverte de que você, sem uma direção segura, deixa passar os melhores momentos de sua vida, sem concretizar um dos seus muitos anhelos (aves que se perdem no espaço). Continuando a trilhar o seu caminho, você conseguirá abrir a porta da felicidade (porteira), porém, terá que se apressar para que não seja tarde demais e não tenham voado as suas carriças (sonhos e desejos) deixando-o perplexo no fim da vida. Reúna tôda a sua capacidade de trabalho, estude um pouco da ciência espiritualista, enquadre os sonhos na realidade da vida e você os caldeará, conseguindo equilíbrio perfeito em seu interior e na vida de relação. Sua letra demonstra capacidade de especulação, economia, em contraste com a sutileza de sua alma. Que se passa com você, Gil Berto, que, tendo tanto, se sente insatisfeito e quase triste?



O esquife com o corpo da Rainha Mary, quando deixava Malborough House Chapel, a fim de ser sepultada, como de tradição, em Westminster.

O SEPULTAMENTO DA RAINHA MARY

TUDO OBEDECEU AO RITUAL E À TRADIÇÃO ★ MULTIDÕES DE PESSOAS SE POSTARAM AO LONGO DAS RUAS PARA DAR SEU ÚLTIMO ADEUS À PRANTEADA SOBERANA

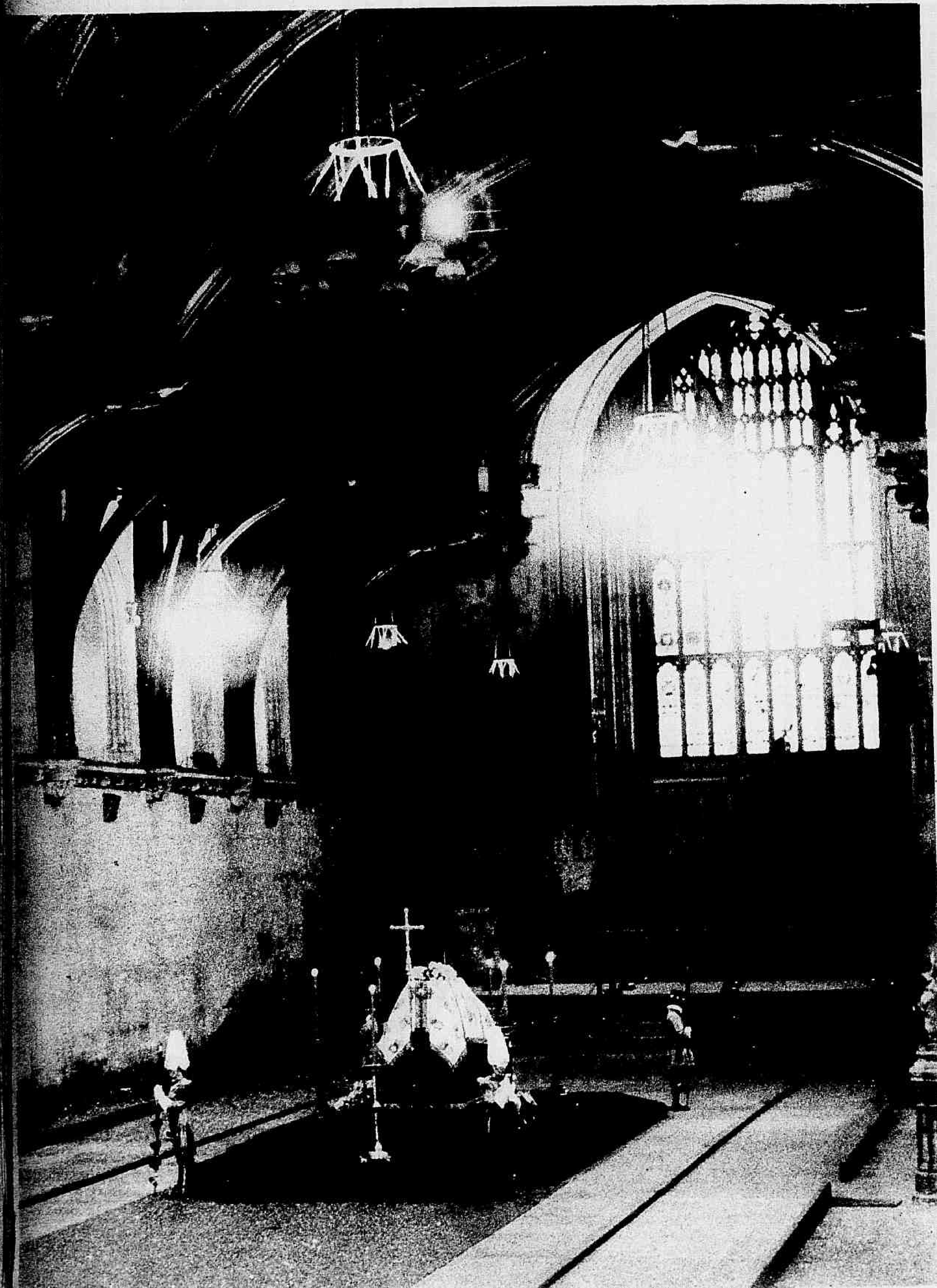


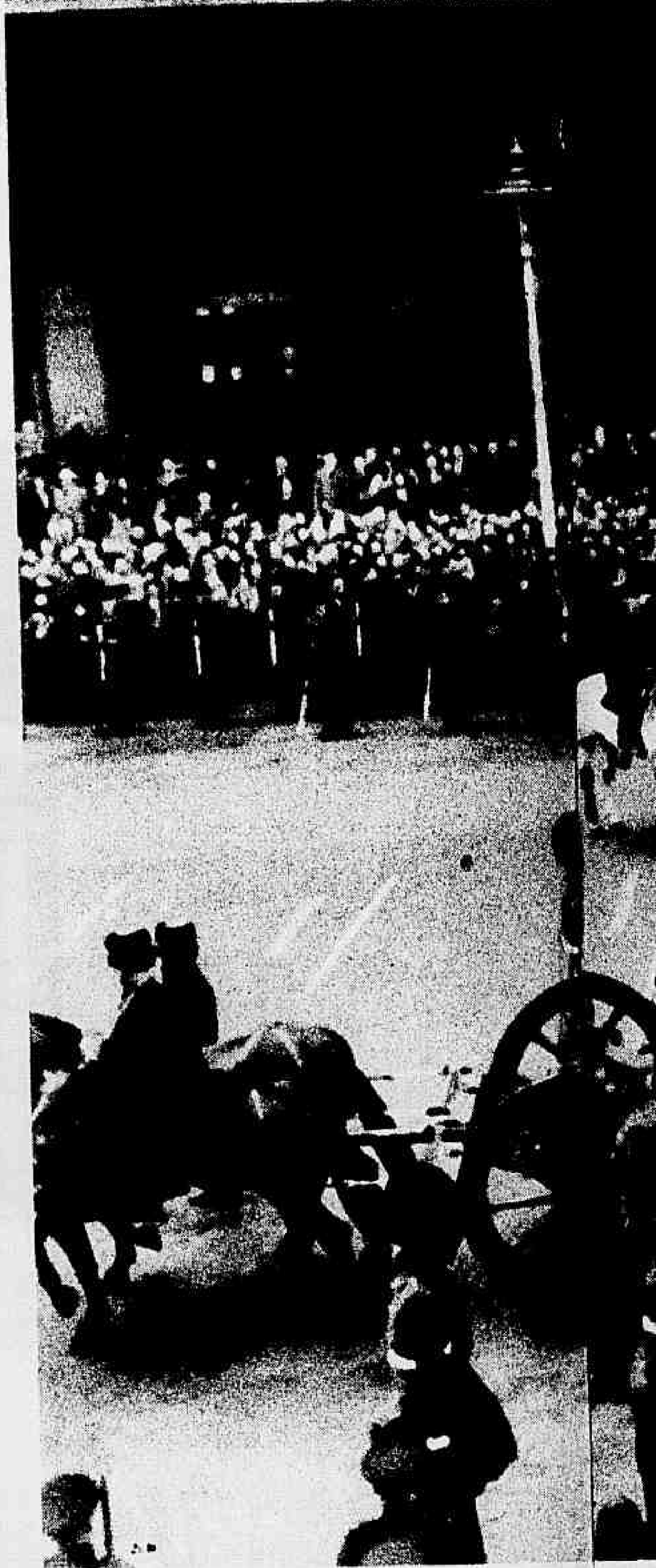
A Rainha da Inglaterra e seu espôso, o Duque de Edimburgo, ao se despedirem do Arcebispo de Canterbury ao deixarem Westminster Hall.

O SEPULTAMENTO DA RAINHA MARY

EM meio da maior consternação de todo o povo britânico, realizou-se a 31 de março o cerimonial dos funerais da Rainha Mary, da Inglaterra, viúva de Jorge V e avó da atual soberana da Grã-Bretanha. Os restos mortais da Rainha Mary permaneceram em câmara ardente no palácio de Westminster, onde mais de cem mil pessoas desfilaram ante o ataúde, rendendo suas últimas homenagens à morta. Dentre as pessoas de maior destaque, notaram-se vários membros da embaixada russa. A visitação se prolongou até às duas da madrugada do dia 31. Ao amanhecer do mesmo dia, o corpo da ex-soberana foi conduzido, sem maiores cerimônias, para o castelo de Windsor, onde ficará em meio a outros membros já falecidos da côrte de St. James. Causou a mais agradável impressão o haver a atual soberana, Elizabeth II, cedido o lugar de honra nos cerimoniais ao Duque de Windsor, ex-Rei Eduardo VIII. As outras figuras de sangue real que foram convidadas para assistir ao entêrro, são: a rainha Frederica, da Grécia; o rei Hussein, da Jordânia; o príncipe Félix, do Luxemburgo, o príncipe Paulo, da Iugoslávia; o príncipe Bertil, da Suécia; o príncipe Jorge, da Dinamarca; o príncipe Chula, da Tailândia; o príncipe Jorge de Hanover; a princesa Eugênia e o príncipe Luís de Hesse. O cortejo foi acompanhado pelos duques reais, na seguinte ordem: Windsor, Gloucester, Edimburgo e o de Kent. Embora o duque de Edimburgo, espôso da soberana, seja atualmente a primeira pessoa da casa real depois da rainha, êle cedeu seu lugar aos dois tios.

O corpo da Rainha Mary, já em Westminster, onde repousará eternamente, entre outros soberanos inglêses.

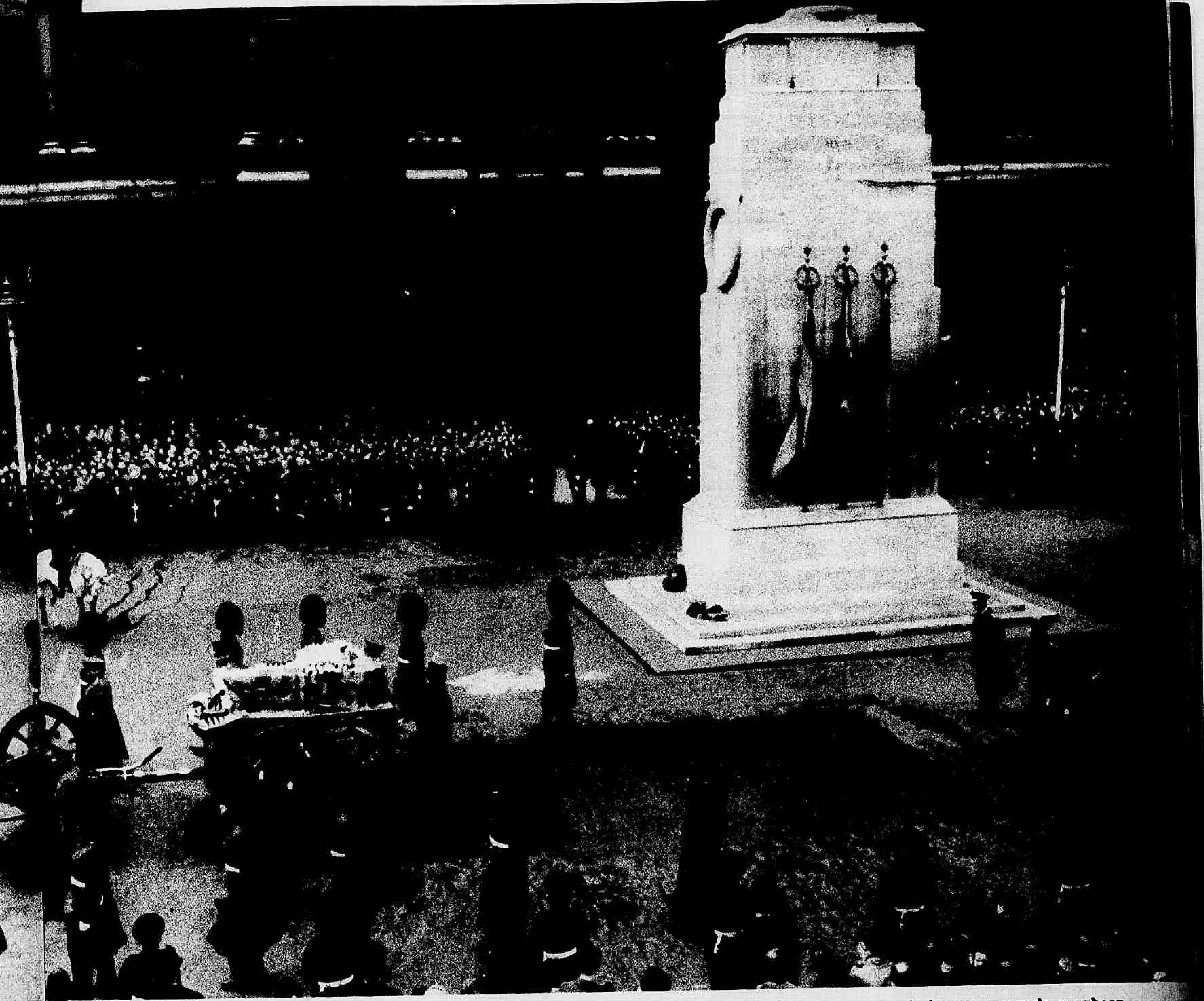




Impressionante instante em que passava c



Grandes dignitários em Edimburgo hon



...passava o cortejo fúnebre diante do Cenotáfio, perante grande multidão que guardou absoluto silêncio. Repare-se no cavalo branco, curvando a cabeça.



...mburgo homenagearam a Rainha Mary em Saint Gilles.



A Rainha e seus filhos, Príncipe Charles e Princesa Anne, quando iam assistir aos funerais.



O carro-chefe abrindo o cortejo do préstito de «Aí Vem a Marinha».



Marly Sorel, comanda o porta-aviões «Almirante Louro», em plena forma.



Detalhe de um dos carros alegóricos desfilando na noite do dia 5.



Com uma tripulação dessas, qual o inimigo que poderia resistir?



Bela alegoria das Nações Unidas, simbolizando a segurança mundial.

AÍ VEM A MARINHA!

UM NOVO CARNAVAL NA NOITE DE DOMINGO DA RESSURREIÇÃO ★ O POVO CARIOCA APLAUDIU A INICIATIVA DA MARINHA BRASILEIRA

TODOS os anos, além dos grandes clubes que se exibem no Carnaval do Rio, uma organização se destaca como das mais queridas do nosso povo: o conhecido conjunto de «Aí Vem a Marinha», associação formada pelos elementos mais destacados de nossa maruja de guerra. No Carnaval que se foi, o préstito da Marinha não pôde sair, como sucede anualmente, em virtude do mau tempo que reinou durante o tríduo momesmo, prejudicando profundamente a animação das ruas e tirando ao povo o prazer de aplaudir os realizadores do cortejo da Marinha. Por êsse motivo ficou transferida a sua exibição para a noite de Domingo da Ressurreição, cinco de abril, quando pôde ser apresentada ao carioca o que o Carnaval não pôde permitir. O cortejo recebeu os mais delirantes aplausos, não sòmente



«Nações Unidas», foi um dos carros mais aplaudidos pela multidão.

pelo seu acabamento artístico, como pelos motivos alegóricos que inspiraram os seus promotores. Abrindo o desfile, via-se belo carro com o emblema da Marinha, encimado pelos dizeres, em grandes letras «AÍ VEM A MARINHA — ENRÊDO: CONFRATERNIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS». O carro provocou aplausos entusiásticos da massa, tocando fundamente no espírito de solidariedade do carioca para com os países a que estamos ligados pela tradição e amizade internacional. Grande sensação causou a presença daquele «Almirante» a dirigir o rumo do Porta-Aviões. Era a linda e loura Marly Sore', emprestando muita graça ao cortejo, enviando suas balas em forma de beijos, o que muita gente não ficava satisfeita e pedia mais. Pela primeira vez na história, um vaso de guerra rompia fogo e os objetivos visados pediam mais. O Domingo da Ressurr uma festa patriótica e que deixou a melhor impressão no espírit zendo-se a lacuna que estêve aberta até então, pela ausência t carros do tradicional «AÍ VEM A MARINHA», sempre imaginados alta expressão cívica. O povo que foi assistir ao desfile soube reconhecendo nos esforços de nossos marujos, um sentido constr patriotismo. Seria mesmo da maior utilidade pública, que as c sociedades, imitassem os realizadores do AÍ VEM A MARINHA, c de suas alegorias, letreiros indicando os respectivos enredos.

AÍ VEM A MARINHA!

go da Ressurreição fechou com
são no espírito público, desfa-
la ausência tão deplorada dos
re imaginados com motivos de
desfile soube fazer-lhe justiça,
sentido construtivo pela arte e
ca, que as chamadas grandes
MARINHA, colocando à frente
os enredos.



«Na noite da Ressurreição», homenagem prestada a Tio Sam.



Portugal também foi homenageado com alegorias de efeito.

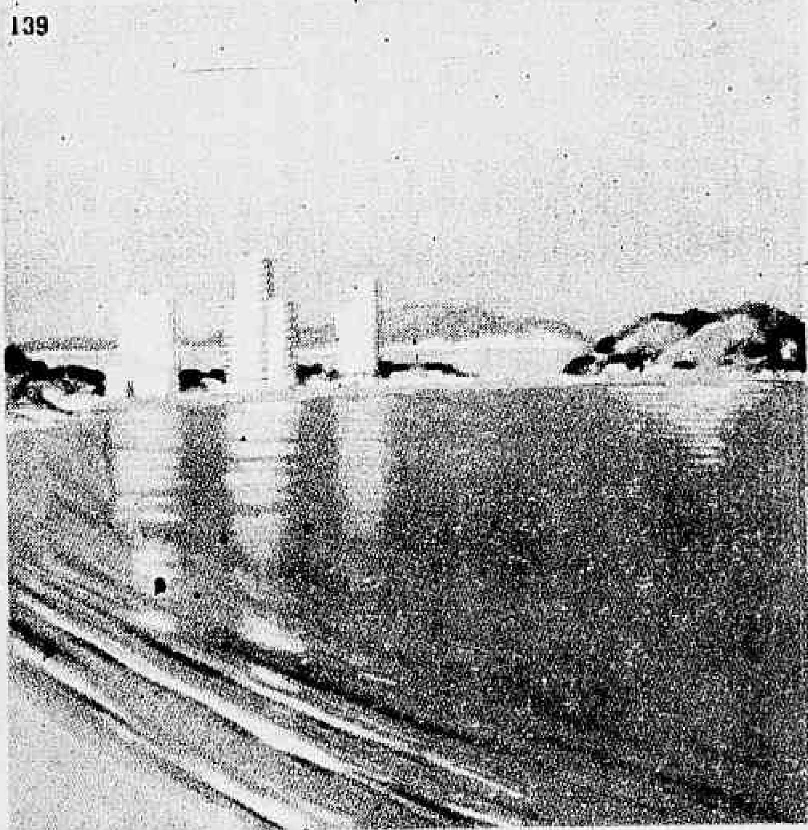


Ao México, que tanto estimamos, foi feita esta homenagem



O Japão figurou no desfile, provocando vivos aplausos do povo.


2
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
DISTRITO FEDERAL


139

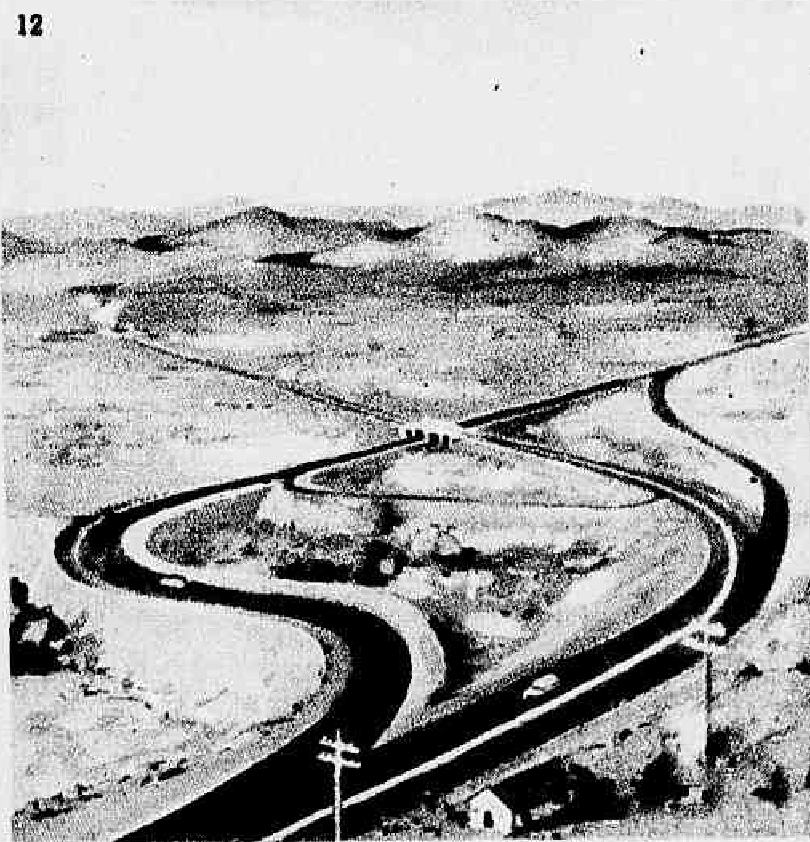

44


69

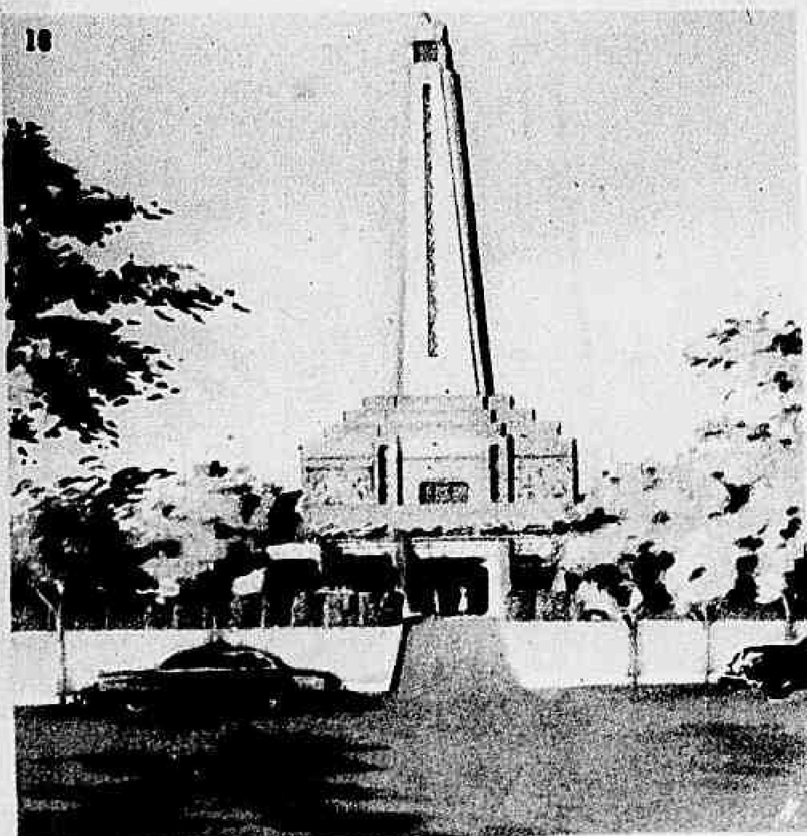

115

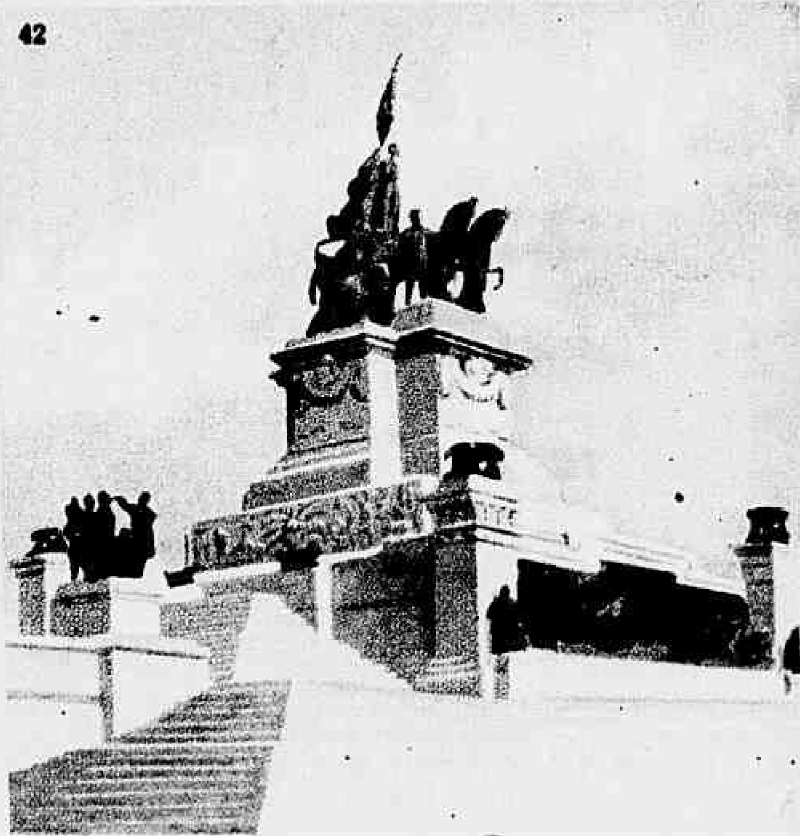

35

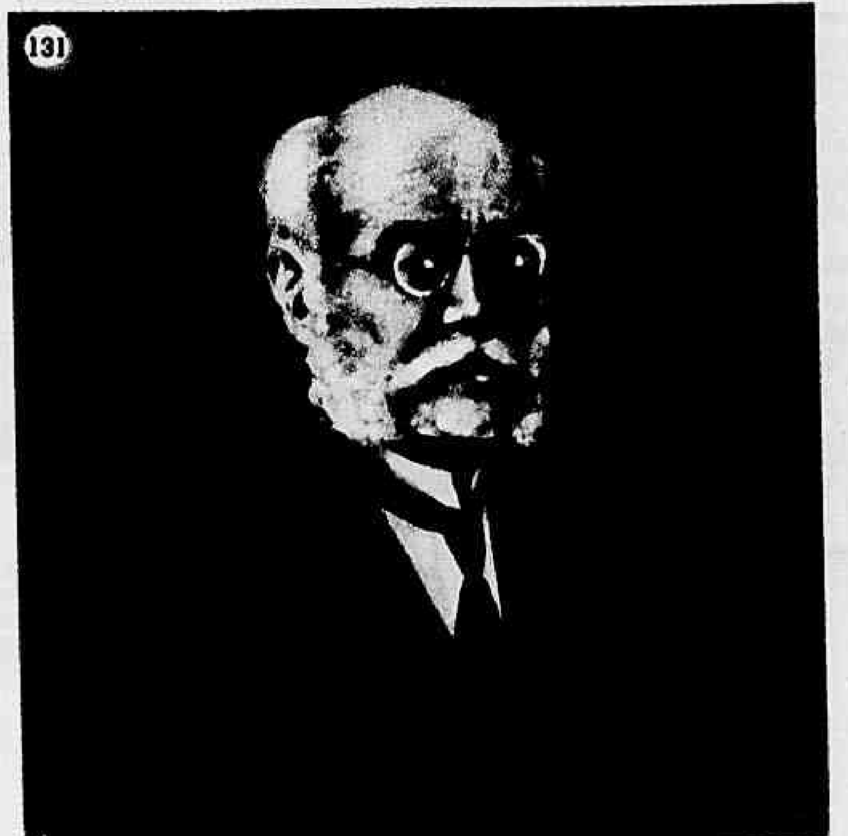

75


12


85




42


131

O governo de Minas Gerais, para melhor celebrar o protomártir da Independência, decidiu transferir-se, a 21 de Abril, para a sua velha sede, Ouro Prêto, e ali, no ambiente intacto dos «inconfidentes», dar às comemorações cívicas muito mais do que a ênfase oficial: o colorido histórico. Já no ano passado o governador Juscelino Kubitischek fêz reviver as pompas antigas de Vila Rica com a homenagem que prestou a Tiradentes nos próprios sítios em que viveu, junto ao seu alto monumento, em frente ao sombrio palácio dos capitães generais, na praça austera cujos sobrados de beiral nobre falam da opulência e da grandeza de outrora. Repetir-se-á êste ano a cerimônia. O culto do Precursor perdura, intenso, no espírito da sua gente. Entranhou-se na alma brasileira; é, em verdade, uma espécie de religião profana, para os mineiros. Tiradentes não tem para êles a realidade de um episódio, mas o esplendor de um símbolo. Desdenham o ceticismo de mestre Capistrano, quando, mau-humorado, se gabava de poder escrever a história do Brasil sem a Inconfidência. Vêem-lhe a importância festiva de uma anunciação: o tremendo significado das revoltas santificadas pelo infortúnio; a lírica evidência da Promessa. Nem se poderá compreender — analisando-lhe o caráter alegórico — a intensidade, senão a fidelidade dessa lembrança, sem o teor místico que há nas mais vivas recordações populares, principalmente o entranhado cristianismo da gente montanhesa. No apostolado da Pátria livre houve a eloqüência dos que doutrinaram, a inspiração dos que converteram e ensinaram os gentios, a intuição mágica da palavra: porém, em verdade, o escolhido para morrer, na imolação sem retórica, foi êle, o humilde, o desafortunado, o crente, êle só, com a sua barba nazarena e a sua serena firmeza, o seu destino heróico e a sua tranqüila honestidade... Saído do povo, nos braços do povo caiu: e nunca mais o esqueceu o povo das Minas Gerais!



Tiradentes encarnava as grandes aspirações, ainda vagas e confusas, da nação que amanhecia; e o seu sublime sacrifício marcou, no calendário americano, um momento decisivo.

TIRADENTES — SÍMBOLO E VERDADE

PEDRO CALMON (**Da Academia Brasileira**)

O «processo dos inconfidentes» ainda continua aberto para a História. Por falar em justiça: quem afinal condenou ao patíbulo o alferes Joaquim José da Silva Xavier? Os compêndios são a respeito incompletos. A culpa do rigor atrós é tôda da Alçada, composta de três magistrados insensíveis, apesar de ser um dêles o admirável poeta de «Hissope»: Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, Antônio Gomes Ribeiro e Antônio Diniz da Cruz e Souza. A carta régia de 15 de Outubro de 1790 dera-lhes a oportunidade de uma clemência indeterminada: pois previa a comutação da pena máxima, exceção apenas dos que a não merecessem pelas «agravantes circunstâncias...» Não individualizava. Deixava ao arbítrio dos juízes ponderar as provas e os testemunhos, para salvarem ou perderem os réus conforme aquelas «circunstâncias». A rainha D. Maria I não indicou, com o seu fino dedo, lá de Lisboa — já enrodilhada nos anéis da esquizofrenia, a vésperas de enlouquecer — o alferes Xavier. Os doutôres é que não se compadeceram: descarregaram nêle as culpas dos demais; e enquanto mandavam para o degredo d'África os conjurados mais ilustres, dêle faziam a vítima propiciatória. Mais perigosos eram o vigário Toledo, porque tinha influência, o tenente-coronel Francisco de Paula, porque comandava tropa, José Alves Maciel, homem de ciência. Certo, o mavioso Gonzaga não entrara naquilo senão teòricamente, por inquietação intelectual, sem convicções nítidas, e devia ser absolvido. Mas a condenação de Tiradentes parecia excessiva: e o isolava do grupo, sobrecarregando-o com a responsabilidade que os seus pobres ombros não podiam suportar, êle que não tinha saber, nem tropa, nem influência, entre ecleciásticos famosos, sujeitos de prol, desembargadores de muitas letras. Foi cruel: e os ministros da Alçada não se eximem desta iniquidade. Diniz, confrade de Dircêo, poupou o irmão em poesia: mas manchou o seu lirismo com o sangue do visionário.

Os fatos tinham entretanto a sua lógica. Tiradentes encarnava as aspirações ainda vagas e confusas da nação que amanhecia: e o seu sacrifício marcou, no calendário americano, um momento decisivo. A emoção das multidões recolheu-lhe o ensinamento final, de que ficou, no seu lenço de Verônica, a imagem que nunca mais se apagou. Aquela piedosa e modesta atitude de cadafalso. O seu gesto calmo de perdão e renúncia. A bravura sem frases com que enfrentou os algozes. Tudo o que há de formidàvelmente representativo no seu drama sem literatura, na dor sem ressonância, no silêncio álgido, o homem a antecipar-se à estátua...

E' por isto que o dia de Tiradentes é, por excelência, o dia das Minas Gerais.



Eis os implicados na chacina de Xapecó, uma página negra na história do Brasil. O maior grupo de réus já formado no Brasil. Acompanharam com interêsse o desenrolar dos debates. Cansaram e às 3 da madrugada da primeira noite foram dormir... no chão da cadeia. 42 horas durou o julgamento.

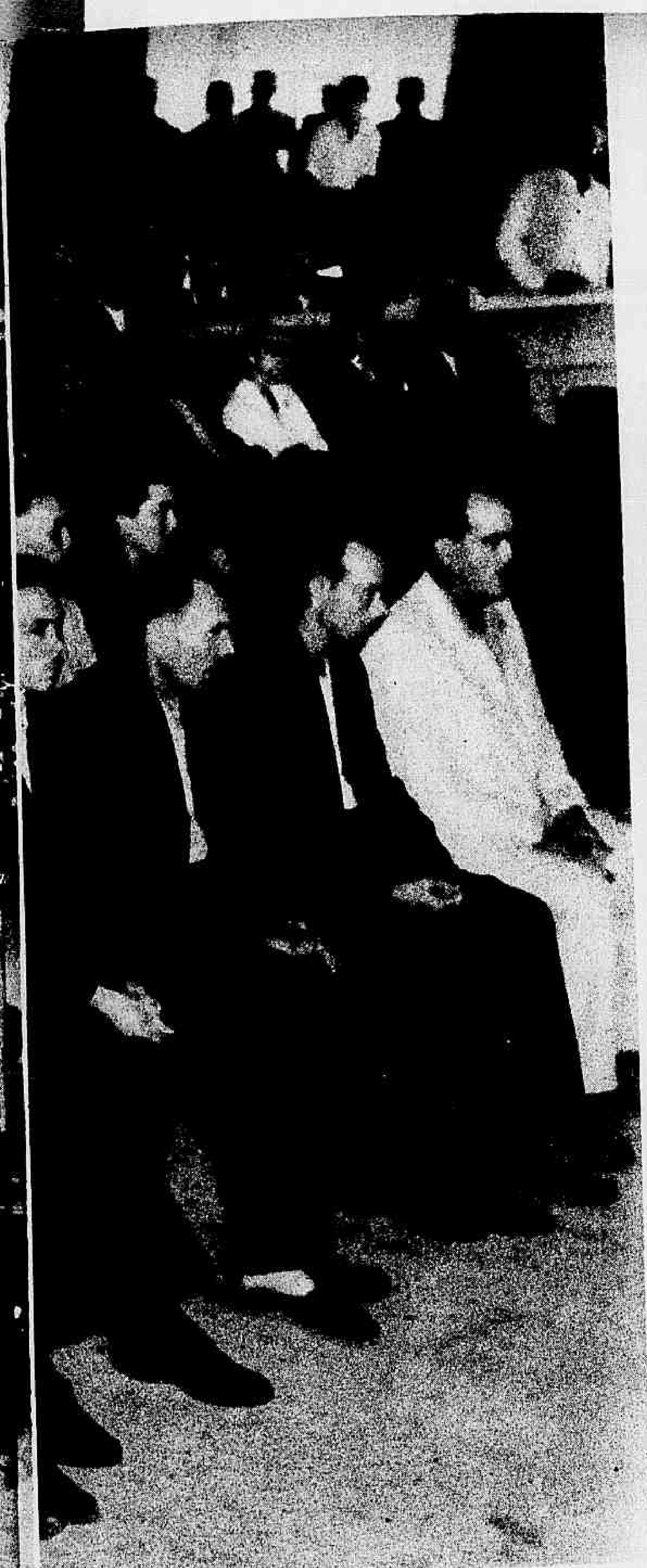
A carnificina de Xapecó teve lugar na noite de 17 para 18 de outubro de 1950, quando uma turba de homens enfurecidos invadiu a cadeia local e com o apoio do delegado, tiraram do interior da prisão quatro presos que, depois de espancados e mortos, tiveram seus cadáveres queimados no pátio do presídio. O motivo do crime era um só e, mesmo assim, baseado em frágil hipótese. Desconhecidos haviam, tempos antes, ateado fogo ao prédio onde funcionava o «Clube Xapecoense» e, posteriormente, o mesmo ato de vandalismo foi levado a efeito contra a pequena igrejinha de madeira, que ficou reduzida a cinzas. Suspeitos, foram presos. Ivo de Oliveira Paim, Romano Ruini, Orlando e Armando Lima, irmãos. No entanto, os irmãos estavam, ao que consta até hoje, inocentes e não foram poupados. O vigário da cidade, inclusive, tomou parte no massacre. O delegado Argeu Lajus, entretanto, foi apontado como o autor intelectual do monstruoso crime. Ao todo foram denunciados 75 indivíduos.

Pôrto União (Santa Catarina) — 42 horas de agitado debate durou o segundo julgamento dos implicados na chacina de Xapecó (Noite de 18 de outubro de 1950). 42 horas que antecederam o veredicto do Conselho de Sentença já conhecido da opinião pública: absolver 46 réus e condenar o ex-delegado Artur Argeu Lajus. Êsse é, em resumo, o maior júri da história judiciária do Brasil.

Às 9 horas do dia 31 de março, o juiz Davi do Amaral Camargo instalou os trabalhos. Depois da chamada dos sorteados para o Conselho, leitura do relatório e outras formalidades, ficou formado o corpo de jurados: Antônio Kretzer, Jofre de Oliveira Cabral, Michel Guerios, Valmor Adão Schmidt, Herbert João Carlson, Vilmar Wolff e Joel Leal. A manhã foi consumida com isso e mais dois depoimentos em plenário, tomados a pedido dos advogados de defesa.

Reiniciados os trabalhos às 14 horas (os presos e jurados fizeram tôdas as refeições nos salões do Clube Concórdia, local da sessão) ocupou a tribuna, por 8 horas e 50 minutos, o promotor José Daura. Em objetivo trabalhos, o representante do Ministério Público fixou seu libelo acusatório no inquérito policial, frisando que a prova formada da materialidade do delito aplicava-se a todos os réus. A seguir, leu os autos dos exames cadavéricos das vítimas Ivo Paim, Romano Roani, Orlando Lima e Armando Lima. Concluiu pela responsabilidade de cada um dos indiciados, asseverando que o triste acontecimento constituiu uma página negra na história do Brasil. Em abono do seu trabalho, o promotor fêz «cavalo de batalha» do depoimento de Emílio Loss (foi condenado no primeiro júri a 24 anos e prestou 4 depoimentos diferentes), acusando, especialmente, Lajus, Diomedes Davi, Alfredo Bertoleti, Pedro Compagnola e Alcebíades Pôrto. Os debates foram bastante intensos nessa primeira fase do júri. A assistência particular da promotoria, formada pelos advogados Wilson Weber e Deburgo de Deus, falou pouco menos de 2 horas, fazendo carga contra Lajus. Tanto o primeiro como os segundos timbraram em dizer que Lajus «fôra o cérebro criminoso que arquitetara o maquiavelismo da noite macabra que abalou a população xapecoense, envolvendo no luto uma sociedade pacata. 11 horas gastou a acusação.

A defesa iniciou os discursos a 1,50 horas do dia primeiro de abril. Sono; pouca gente; café e chimarrão; pílulas contra o cansaço e 6 réus (os demais foram dormir na cadeia) foi o quadro que encontrou o primeiro advogado, Brasílio Celestino de Oliveira. Tinha 16 constituintes e todos foram absolvidos.



A CHACINA DE XAPECÓ

RESULTADO DO SEGUNDO JULGAMENTO: 46 ABSOLVIDOS E UM CONDENADO ★ O VEREDICTO JÁ ERA CONHECIDO DIAS ANTES ★ 7 ADVOGADOS FALARAM DURANTE 42 HORAS ★ O TRABALHO DO PROMOTOR ★ O DELEGADO LAJUS VOLTA À CADEIA ★ MARCADO NOVO JÚRI

Reportagem de WILSON MULLER



Artur Argeu Lajus. Ex-delegado de Xapecó. Apontado como um dos mais responsáveis.

Falou tôda madrugada na tribuna dos jurados, em voz baixa e com os autos nas mãos. O seguinte foi Luís da Cruz, com 7 constituintes. Idem, idem. Ao amanhecer falou João Carlos Dick. Provocou os primeiros debates com a promotoria. Saiu-se bem e lutou por seus 14 homens. Os 3, guardadas as particularidades de cada caso, demonstraram a falsidade do inquérito policial, feito por um capitão da Fôrça Pública catarinense, eivado, disseram, de erros, violência, chantagem e roubo. Essa autoridade, então delegado especial em Xapecó, recebia dinheiro dos implicados, cêrca de 300, para excluir-lhes os nomes do inquérito. Essas afirmações foram corroboradas, posteriormente, pelo dr. Gaspar Coitinho. Falaram e argumentaram êsses bacharéis pela não culpabilidade dos seus constituintes. E foram bem.

A defesa de Lajus, o mais visado por tudo e por todos, foi desenvolvida pelo dr. Gaspar Coitinho, que tinha mais 11 constituintes. Êsse causídico de Xapecó foi o que mais impressionou de quantos passaram pela tribuna, quer da acusação, quer da defesa. Depois de analisar suscintamente a participação ou a não participação dos seus constituintes, o dr. Coitinho fixou-se no ex-delegado. Disse que Lajus advertira dias antes ao Juiz de Direito, dr. José Pedro de Almeida; ao



O histórico Conselho de Setença. 42 horas que antecederam o veredicto foram fatigantes. O sono tomou conta de todos e os jurados não dormiram.



A alegria apossou-se dos réus quando foi lido o veredicto absolvitório No centro, o mais velho dos réus, com 68 anos, quando cumprimentado



Mateus Soinsk. Ficou cego na cadeia de Xapecó, perdeu a vista direita. No caso culpou o juiz, que não lhe permitiu se tratar

dr. José Daura, Promotor; ao Secretário de Segurança do Estado e demais autoridades locais do que se preparava na cidade; negadas suas pretensões, de retirar os presos para a vizinha cidade de Joaçaba, êle entregou o cargo, assumindo-o o capitão da F. P. Longe, Lajus não poderia ser acusado de tal. Êsse advogado exibiu provas e mais provas, mas não conseguiu mudar a opinião arraigada: Lajus é o culpado. Lajus tem de ser condenado. E assim foi.

A votação dos quesitos é um capítulo à parte. As 4 vítimas foram separadas: Ivo, Romano, Orlando e Armando. Para cada uma a mesma pergunta inicial em relação a cada réu. Absolvidos todos, veio Lajus. Ivo Paim, acusado ou inocente? **Acusado**. 12 anos. (Co-autoria). Romano Roani, acusado ou inocente? **Acusado**. 12 anos. (Idem). Orlando Lima, acusado ou inocente? **Inocente!** Armando Lima, acusado ou inocente? **Inocente!** Eis o paradoxo e a vontade de condenar.

A promotoria apelou para o Tribunal de Justiça, alegando que as absolvições foram contra a prova dos autos. O advogado de Lajus também apelou: insuficiência de provas, pois todo trabalho da acusação foi calcado no depoimento de Loss, apontado como inimigo figadal de Lajus; nulidade do julgamento pela escusa do Juiz José Pedro de depor em plenário, quando arrolado pela defesa. Terminou assim, êste julgamento sensacional.



O Promotor José Daura. Convicto da culpabilidade da maioria dos seus acusados, apelou da sentença que lhes deu absolvição

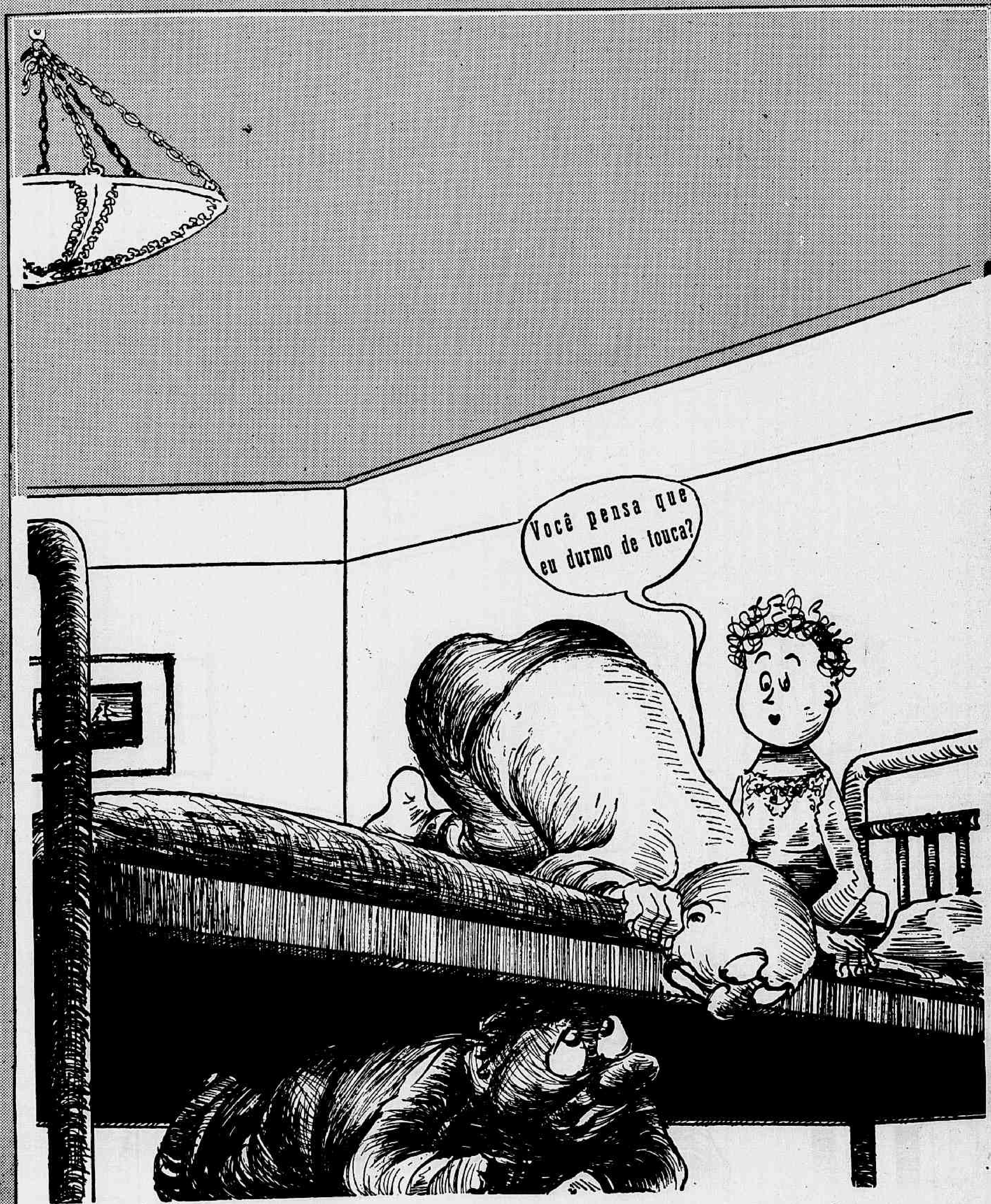


Às 9 hs. do dia 31 de março, o juiz Davi do Amaral instalou os trabalhos, que se prolongaram por 42 longas horas. A defesa está bastante cansada. É duro rebater 11 horas de acusação cerrada e documentada: Brasilio Celestino de Oliveira, João Carlos Dick, Luís Abs da Cruz e Gaspar Coitinho

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

EXPRESSÕES POPULARES VI

CRIAÇÃO DE DARCY



PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 51

A	Banco de três pés →	2	127	79	66	46	22	95
B	Instrumento que as costureiras usam no dedo →	4	28	64	91	129		
C	Olvida; não se lembra →	33	7	15	69	126	104	112
D	Mulher nascida na Alemanha →	5	53	48	124	73		
E	Possuída; julgada reputada →	13	58	99	35			
F	Protozoários sem membranas →	27	113	50	75	61	8	
G	Que não sofreu dano ou prejuízo; ileso →	54	12	42	128	101	115	
H	Resolução; ato de decidir →	125	59	39	89	103	133	30
I	Poesias consagradas ao luto e à tristeza →	107	116	81	10	132	65	98
J	Suavizada; tornada doce →	23	62	3	72	121	94	44
K	Que desertou; que fugiu →	31	16	131	105	60	74	
L	Porção de olivais →	43	80	93	34	17	55	134
M	Nada (gíria) →	21	40	76	123	85		
N	Ajustado; pago o saldo →	78	102	92	26	56	114	67
O	Ondear; fazer ondulações →	52	41	96	120	24	77	83
P	Pessoa que exerce as belas artes →	71	45	18	117	51	109	84
Q	Conserte; ponha remendos →	19	38	106	63	122	49	86
R	Altera; vira em sentido oposto →	82	118	90	14	57	37	100
S	Cada uma das ninfas que presidiam o mar →	111	11	88	97	36	47	20
T	Comprime; causa opressão →	110	68	32	25	87	6	
U	Simples; inocente; sincera →	29	130	108	119	1	70	9

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	U 1	■	A 2	J 3	B 4	D 5	■	T 6	C 7	F 8	J 9	■
I 10	S 11	G 12	E 13	R 14	,	C 15	K 16	L 17	■	P 18	Q 19	S 20
M 21	A 22	J 23	,	O 24	T 25	N 26	F 27	■	B 28	■	U 29	H 30
K 31	T 32	C 33	,	L 34	E 35	S 36	■	R 37	Q 38	H 39	M 40	O 41
G 42	L 43	■	J 44	■	P 45	A 46	S 47	D 48	■	Q 49	F 50	■
P 51	O 52	D 53	G 54	L 55	N 56	R 57	E 58	H 59	K 60	F 61	J 62	Q 63
■	B 64	I 65	■	A 66	N 67	T 68	C 69	U 70	P 71	J 72	D 73	K 74
■	F 75	M 76	O 77	N 78	A 79	L 80	I 81	R 82	O 83	P 84	,	M 85
Q 86	T 87	■	S 88	H 89	R 90	B 91	N 92	L 93	J 94	A 95	O 96	S 97
I 98	■	E 99	R 100	■	G 101	N 102	H 103	C 104	K 105	Q 106	I 107	U 108
P 109	T 110	,	S 111	C 112	F 113	■	N 114	G 115	■	I 116	P 117	R 118
U 119	O 120	J 121	,	Q 122	M 123	D 124	■	H 125	C 126	■	A 127	G 128
B 129	U 130	K 131	I 132	H 133	L 134	■	■	■	■	Olaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 50 — J. DANTAS. — PATRIA PORTUGUÊSA. — "Em cada pedra de muralha, em cada crista de fraguedo, em cada laje de sepultura, há uma voz que grita, há um coração que sangra, há uma memória que ruge!"

QUATRO CÃES FIZERAM JUSTIÇA

(Cont. da pág. 11)

estufas e rosas. Ali! o ar úmido e livre que se respira entre as oliveiras molhadas! Foram dizer a mister Dayson que eu sou filósofo e êle agora me tortura com a filosofia. Fala devagar, emite sentenças, olha em tôrno sorrindo, interroga com os olhos pardos, repete os argumentos. O Antiquário o acompanha com um ar sardônico, mas o Intérprete sorri extático como um anjo de porcelana, como um pequeno Buda. Sinto que me passam pela cara fétidos de revistas de Boston. Falamos de Scheling, eis-nos chegados a Mazzini. Também os mártires de longas barbas brancas são profanados, entre sorriso e sorriso, ante os tapêtes de Smirna. Ponho-me em pé; não posso mais resistir.

(Cont. no próximo número)

AGARRE-SE...

(Cont. da pág. 52)

1 200 000 pessoas se movimentam, diàriamente, em tôdas as direções do Rio, usando, de preferência, o trem, por ser o mais barato, seguindo-se, o bonde, ônibus, lotação e táxi.

As cifras dizem, perfeitamente, da angústia do tráfego, no Rio, com os seus 70 000 veículos registrados na Inspetoria do Trânsito.

Até quando perdurará o drama do agarre-se como puder?

O subway, certamente, resolveria o problema.

Acontece que, até hoje, não foi feita uma só sondagem, furado um só palmo de terra e cada membro da imaginária Comissão de Planejamento do Metrô — e êles são 25 — ganha uma gratificação de Cr$ 5.000,00. Houve um engano. Os engenheiros fizeram um furinho de dois metros, na Lapa . . . Como esta gente trabalha! Assim, o problema do tráfego, na Capital Federal, não será resolvido dentro de um século.

OS REIS...

(Cont. da pág. 49)

no assunto, como Manoel Aires da Veiga, junto à "Fomil", em Vitória; José Vasconcelos na "Orquima", e "Fomil", em Barra de Itabapoana; Erminio Barbosa Camargo na "Orquima" e "Fomil" em Anchieta; José Leopoldino Soares, Waldemar Caetano e José Luiz dos Santos, na "Inaremo" e "Mibra".

Peço a atenção do leitor para o seguinte:

O operário brasileiro, do lado de fora, fiscaliza o tório e o urânio manipulados secretamente por refugiados de guerra. Esta é a fiscalização exercida pelo Ministério da Guerra. Aliás, o documento enviado à Câmara Federal, diz textualmente: "Em sua generalidade não detém êste Ministério a fiscalização dos minérios estratégicos".

E o Ministério da Agricultura, que tem o luxo de imprimir o Código de Minas e Legislação Correlata em papel bufon, que vigilância exerce nas areias monazíticas?

Deixo falar o próprio ministro João Cleofas, através do seu ofício número 1.197 à Câmara dos Deputados, em resposta ao deputado Armando Falcão:

— "Em que consiste, na prática, o sistema de fiscalização da exploração dos minérios estratégicos?" — indagou o parlamentar.

Responde o titular da pasta:

— "Em inspeções periódicas, na medida das possibilidades e disponibilidades do corpo técnico da Divisão do Fomento da Produção Mineral".

Chega de imprevidência!

Antigamente três agrônomos percorriam o litoral. Um dêles, o de nome Birger Juell, com 70 anos de idade, acaba de ser aposentado. As minas de areias monazíticas, a céu aberto e sem fiscalização, continuam exploradas por dezenas de organizações particulares e, o mais grave, em terrenos da Marinha, como no caso da "Mibra", com 16 hectares em Guarapari; Mineração Itabapoana, com 60 hectares em S. João da Barra; Vicente de Araújo Tôrres, com 75 hectares em Iconha e Anchieta. Note-se que êstes depósitos foram arrendados a 600 cruzeiros, por cada tonelada de areia beneficiada, à "Fomil", (norte-americana). A "Fomil", por sua vez, foi comprada pela "Orquima" (francêsa). O que lucra o Brasil com isto?

Urge, para salvaguardar os altos interêsses do Brasil, a desapropriação das minas de areias monazíticas, arrancando-as do contrôle de consócios estrangeiros e de brasileiros testas de ferro.

REDENÇÃO

(Cont. da pág. 21)

vivem em tôrno do "São Gonçalo" combatem a irrigação, preferindo o plantio do algodão "Mocó", a efêmera cultura da várzea. Esperam pelo algodão e pescam tucumaré, apaiari e o valioso pirarucu, peixes trasladados da Amazônia e que proliferam admiràvelmente no nordeste.

A piscicultura nos oásis de "São Gonçalo", "Lima Campos", "Joaquim Távora" é uma boa fonte de renda do Govêno Federal através do D.N.O.C.S. Durante a sêca de 1942, por exemplo, no "Joaquim Távora" com 24 milhões de metros cúbicos, foram pescados ... 733.390 exemplares e, então, ocorreu o impossível: os flagelados pagaram Cr$ 303.000,00 ao Govêrno Federal.

Até 1952, segundo o Serviço de Piscicultura, já foram distribuídos, para criação em açudes particulares e públicos, 14 espécies selecionadas de peixes, a maioria do Amazonas, num total superior a 1.200.000 exemplares.

(Cont. na pág. 40)

Diàriamente rumo à BELÉM

PELO INTERIOR OU PELO LITORAL

voam os confortáveis DC-3 misto-luxo da AEROVIAS

25% DE DESCONTO

ESCALAS

pelo interior:
Uberaba • Anápolis • Pôrto Nacional • Pedro Afonso • Carolina • Belém • Lapa • Petrolina • Teresina

pelo litoral:
Rio de Janeiro • Vitória • Ilhéus Salvador • Aracajú • Maceió Recife • Natal • Fortaleza • Parnaíba • São Luiz • Belém



Os srs. passageiros poderão interromper a viagem para conhecer qualquer cidade da rota, sem acréscimo de preço.

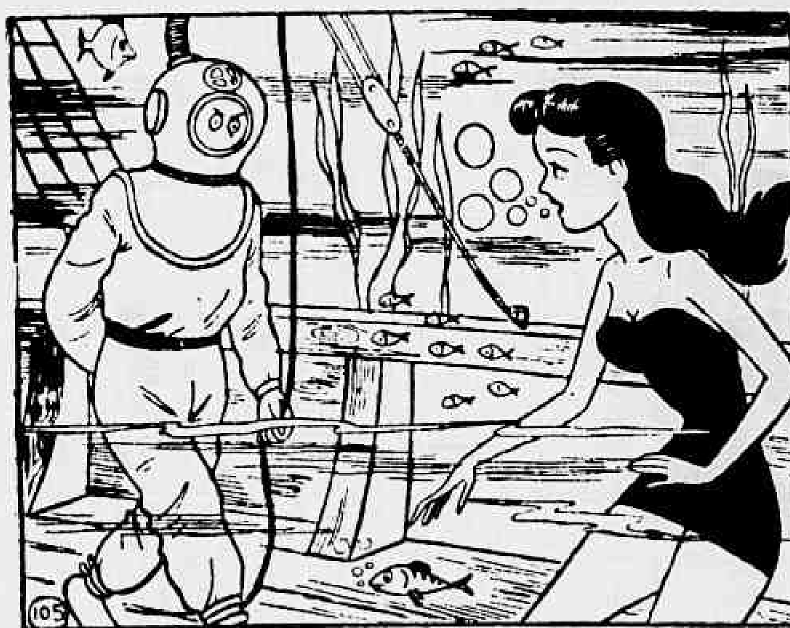
AEROVIAS BRASIL

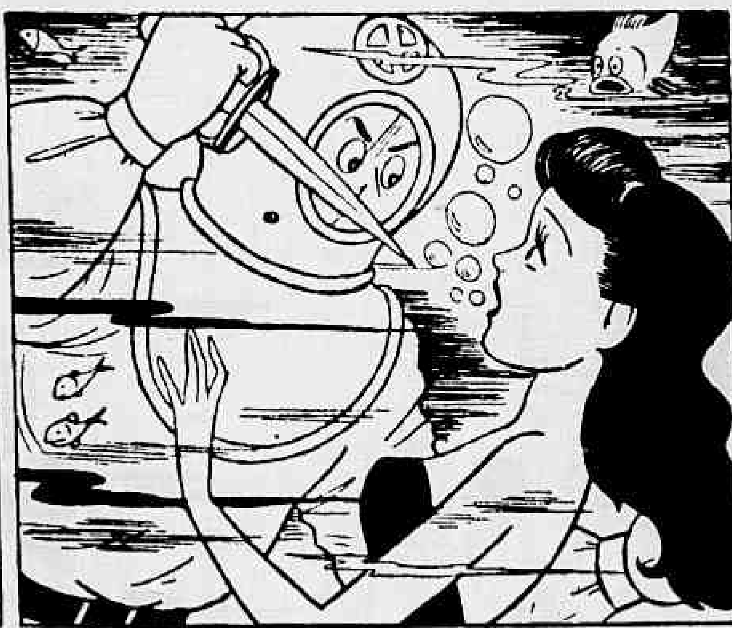
CONSULTE O AGENTE DE DE SUA CIDADE

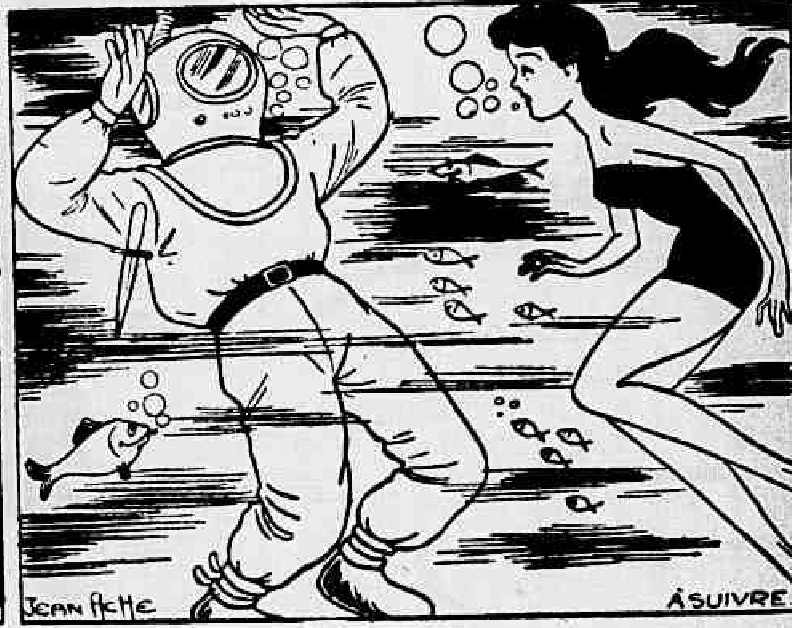


Panam - Casa de Amigos

ARABELLE a última sereia







Era a primeira vez que Arabelle via uma pessoa metida em escafandro, e pensou que se tratasse de algo absolutamente inofensivo. Bem intencionada e de boa fé, foi-lhe ao encontro sem suspeitar.

Mas o desconhecido, que trazia um punhal escondido, ao aproximar-se de Arabelle dá um salto e ergue o braço, empunhando a arma, com a qual tentava atingir o peito da sereia.

Mas a estupefação de Arabelle chega ao mais alto grau, quando vê que o agressor, ao invés de desferir o golpe criminoso, cai de costas e larga o punhal, estendendo-se no solo. Estava morto!...







Arabelle não sabia que o escafandrista era alimentado de ar pelo tubo de oxigênio, cujo aparelho se achava instalado no barco, que o dirigia, e que o espadarte cortara com um só golpe.

Os peixes tratam de levar o corpo do escafandrista para bem longe, enquanto Arabelle fica preocupada a respeito do que lhe poderia acontecer lá da praia, se chegasse com as jóias.

A sereia procura, então, à sua volta, algo que lhe possibilite camuflar o tesouro, a fim de que possa levá-lo até à praia, sem perigo; mas só acha mariscos. Nesse instante Arabelle tem uma idéa...









Depois de combinar tudo com seus amigos peixes, Arabelle pede segrêdo acêrca do plano e volta à praia fingindo grande decepção.

Com efeito, tanto Pedro como Flor Azul ficam desolados quando a vêm chegar com a cesta vazia, sem mais provas da riqueza.

Maliciosamente, Arabelle lhes diz que tudo lhe foi adverso, e que não conseguiu nada, não querendo retornar à caravel.a.

Ouvindo Flor Azul que alguém a incomodara, não teve dúvidas sôbrequem poderia ter sido: começou a atirar pedras contra os dois tripulantes do barco, gesto no qual foi ajudado por Pedro.









Súbito, uma nuvem de peixes-voadores começou a sobrevoar o grupo da sereia, trazendo na bôca tôda a riqueza contida na caravela, e foi depositando a preciosa carga a seus pés.

Flor Azul se mostra maravilhado, e Arabelle goza a peça que lhe pregou. Pedro exulta com o espetáculo inédito e todos ficam radiantes!...

Até o macaquinho Kouki se mostrava como aristocrático turista, tendo surripiado um colar de coral, com o qual se enfeitou.

Arabelle oferece a alguns pescadores das redondezas, alguns diamantes e êstes improvisaram uma festa em louvor da Sereia.

História de VANIA LAUREZ — **Desenhos de JEAN ACHE**

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO, ENTRE 25 DE ABRIL E 1º DE MAIO DE 1953

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — A semana vai iniciar-se de modo o mais harmonioso, no seu caso, proporcionando-lhe um reajustamento satisfatório, na vida doméstica e nos negócios profissionais.

TOURO (21/10-20/11) — Poderá contar com uma semana vazia de acontecimentos. Nada de maior importância ocorrerá e todos os esforços postos em prática, serão inúteis à realização dos objetivos.

GÊMEOS (21/11-22/12) — A semana entrante não lhe oferecerá oportunidade para o lançamento dos seus projetos. Aliás, o que tiver início nos próximos sete dias, no seu caso, não se desenvolverá.

CÂNCER (23/12-20/1) — Uma fase de equilíbrio lhe vai ser oferecida. Se souber aproveitá-la, conseguirá economizar alguma cousa, o bastante para o início do pecúlio em que tiver de amparar-se nos dias incertos do futuro.

LEÃO (21/1-20/2) — A semana será marcadamente desfavorável, com uma elevação máxima de insucessos, nos dias 27 e 30 do corrente mês. Nada de estável será conseguido, no período assinalado.

VIRGEM (21/2-22/3) — Um prêmio poderá ser conseguido, como reconhecimento pelo esfôrço e pelo comportamento. Período favorável às viagens pelo interior do país, à vida doméstica e aos afazeres profissionais.

LIBRA (23/3-20/4) — Não haverá oportunidade de realizações proveitosas, na semana que se vai iniciar, exceto no setor da vida doméstica e das relações íntimas. O período possibilita as reconciliações. Fique de bem, como se diz.

ESCORPIÃO (21/4-20/5) — Tratamento com êxito poderá ser tentado, pelos que sofrem das vias urinárias. Bom resultado em tudo.

SAGITÁRIO (21/5-23/6) — Sua fôrça moral estará duplicada. Faça valer seu ponto de vista na solução dos negócios. Será bem sucedido no que empreender.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — O dia 28 será o pior do período. Não obstante, conseguirá a desejada solução, nos negócios de seu interêsse imediato.

AQUÁRIO (23/7-21/8) — Fatos providenciais ocorrerão, na semana entrante, dando-lhe uma chance inesperada, nos limites do justo e do possível.

PEIXES (22/8-20/9) — Uma semana de realizações benéficas, eis o que o espera. Favorabilidades na vida em comum e nas ocupações diárias.

OS NOMES DA SEMANA

Abril	25	João	Joana.
"	26	Hermes	Elídia
"	27	Pedro	Olindina
"	28	Fausto	Marta
"	29	Ernesto	Ernestina.
"	30	Hernani	Francesca.
Maio	1	Urbano	Eduarda.

EFEMÉRIDE DA SEMANA
(Marcha e posição do sol. Meio-dia de Greenwich)

Abril	25	4º58'36"	(Signo do Touro)
"	26	5º56'58"	(" " ")
"	27	6º55'18"	(" " ")
"	28	7º53'36"	(" " ")
"	29	8º51'53"	(" " ")
"	30	9º50' 7"	(" " ")
Maio	1	10º48'20"	(" " ")

JANELA SOB



VESTIDO DE NOIVA — A artista da canção, Constance Moore, apareceu assim, diante do público de Nova York, num desfile festivo, significando a Noiva do Futuro. Foi um sucesso tão grande, que, no dia seguinte, o modista autor do modêlo revolucionário recebeu várias encomendas de vestidos iguais, para noivas interessadas neste novo indumento para as bodas. E' claro que a moda não vai pegar assim tão depressa, pois a tradição é uma coisa que não se desarraiga de um dia para a noite, da alma do povo. Mas, que uma noiva assim, seria um sucesso espantoso, não resta a menor dúvida. Resta saber como seria o trajo do noivo. Quem sabe se vestindo uma saia rodada e um casaco de talhe bem decotado, hem? Êste mundo...

A TRADIÇÃO DO SENHOR DO BONFIM

● À famosa igreja do Senhor do Bonfim, na capital baiana, não acorrem, apenas, os indivíduos do povo, as pessoas simples. Grandes estadistas brasileiros também foram (e são, naturalmente) seus devotos. Como prova citamos êste trecho de uma carta que a um seu amigo da Bahia, dirigiu o Visconde do Rio Branco, pai do Barão: "Entretanto, rogo a V. Excia. que prepare suas ordens, se m'as quiser dar, e me dispense de ir à sua presença quando por aí passar, se isso fôr absolutamente incompatível com a minha devoção ao Senhor do Bonfim, cujo voto será o primeiro que eu aí cumpro. Foi o santo protetor da minha juventude."

HOLLYWOOD

● Que quer dizer Hollywood? Pessoas pouco avisadas não têm dúvida em traduzir: **Pau Santo.** Mas há **holly** (do's eles, e **holy**, com um só ele). Se, entre nós, a grafia foi simplificada, na língua inglêsa não pôde ser ainda. Desta forma, **holly** nada tem de santo, sagrado, pio. E' um arbusto, a que os portuguêses chamam **azevinho**, e o botânico "ilex aquifolium". Deixando de lado a etimologia da palavra, digamos alguma coisa acêrca de Hollywood como bairro de Los Angeles. O seu music-hall, que tem o nome de "Earl Carroll's", é o maior de Los Angeles, o maior dos Estados Unidos, e, talvez ainda seja o maior do mundo. E nesse mundo de elegância que os astros e estrêlas do cinema são vistos e admirados em suas mesas entre comes e bebes do mais elevado gôsto. Mas muita gente se desilude, quando, habituada a admirar certas estrêlas na tela, a vê a dois passos de sua cadeira. E' o mesmo que fazer-se poesias à lua cheia sem ver-lhe as cavernas...

A MEMÓRIA DE FREI BASTOS

● Os fatos que contam de Frei Bastos, em relação à sua memória prodigiosa, são surpreendentes. Dizem que, tendo perdido rara e valiosa obra em francês, que lhe emprestara o arcebispo da Bahia, ficou aflito a procurá-la, sem nenhum êxito. Perdera mesmo. Quando o prelado insistiu para que êle a devolvesse, Frei Bastos não teve dúvidas: entregou-lhe outra, mas em manuscrito, de seu próprio punho, escrita de memória! Outro episódio, e êsse um tanto cômico. Festejava-se o dia de N. S. do Rosário, na Baixa dos Sapateiros, estando as comemorações muito concorridas pelos devotos baianos. No último dia haveria dois sermões: um, pela manhã, na ocasião da missa, e outro, à noite, ao "Te-Deum". Frei Bastos deveria falar, na missa, cabendo o segundo, ao vigário de Soubara. O de Frei Bastos êle o produziria de improviso, como sempre fazia; mas o outro colega de batina, sem possuir os recursos de oratória do frade, teve que preparar o seu sermão com antecedência, burilando-o, emendando, riscando, incluindo, citando, enfim, trabalhando para que sua obra sacra ficasse aceitável. Nas proximidades da festa, o vigário procurou Frei Bastos e leu o sermão para que o frade lhe desse sua opinião franca e leal. Não queria fazer feio num ato de tanta responsabilidade. Frei Bastos ouviu todo o sermão e, ao terminar a leitura, disse ao padre:

— Magnífico, sr. vigário! O seu sermão está excelente! Gostei muito!

Na hora H, presentes os dois sacerdotes, subiu ao púlpito Frei Bastos, para sua falação de acôrdo com o programa. A igreja estava repleta, vendo-se personagens de tôdas as classes, políticos, militares, administradores. Frei Bastos, então, pregou uma peça no vigário: proferiu "ipsis verbis" o sermão do pobre sacerdote de Soubara! Quando Frei Bastos desceu do púlpito, o vigário, preocupadíssimo lhe perguntou:

— E agora? Que irei dizer no meu sermão do "Te Deum"?

— Não se incomode, meu amigo. Eu falarei por você.

À hora de falar o vigário, êste não apareceu. Uma indisposição súbita o proibia de fazer o sermão do programa...

RE O MUNDO

A BALA

● Muita gente repete essa expressão de Floriano Peixoto, mas erra na sua verdade histórica. Quando rebentou a revolta da armada, em setembro de 1893, com o bombardeio da cidade do Rio pelos canhões dos navios de guerra, os comandantes de belonaves estrangeiras surtos no Rio (da França, Inglaterra e Itália), resolveram desembarcar tropas na Capital Federal, a título de proteção aos seus compatriotas aqui residentes. A reunião dos marujos estrangeiros se efetuou a bordo do navio francês "Aréthuze", ficando assentado que fôrças daqueles vasos de guerra desembarcariam no Rio, à revelia da autoridade constituída. Mas, antes de dar-se êsse passo perigoso e muito sério, porque feria a soberania nacional, os comandantes estrangeiros comunicaram a decisão ao Comandante do Litoral, o qual transmitiu a notícia a Floriano Peixoto, perguntando-lhe no mesmo instante, "como deveria recebê-los". Foi aí que Floriano respondeu: "A BALA!" A frase ficou célebre e está gravada no monumento ao grande brasileiro, ali na Praça Floriano, na Cinelândia. Mas o bravo militar não deu a resposta ao comandante inglês, como muita gente pensa, e sim ao comandante brasileiro a quem cumpria a defesa do litoral. Isso não diminui o valor histórico da resposta, pois Floriano a daria mesmo nas barbas do próprio Rei da Inglaterra...

QUEM DISSE ISTO:

1 O estilo é o homem

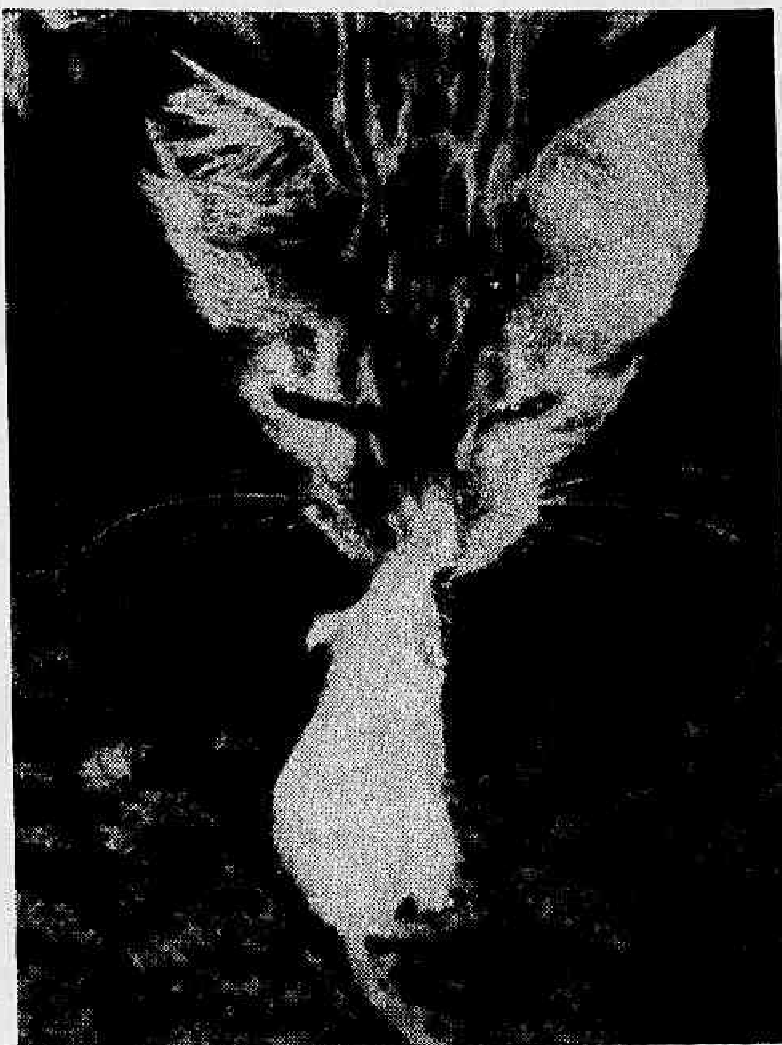
2 A Academia é uma instituição que se tornou , assim como a democracia sob o aspecto político, mais prejudicial do que útil às letras francesas

3 Deus perdoar-me-á, ' seu ofício

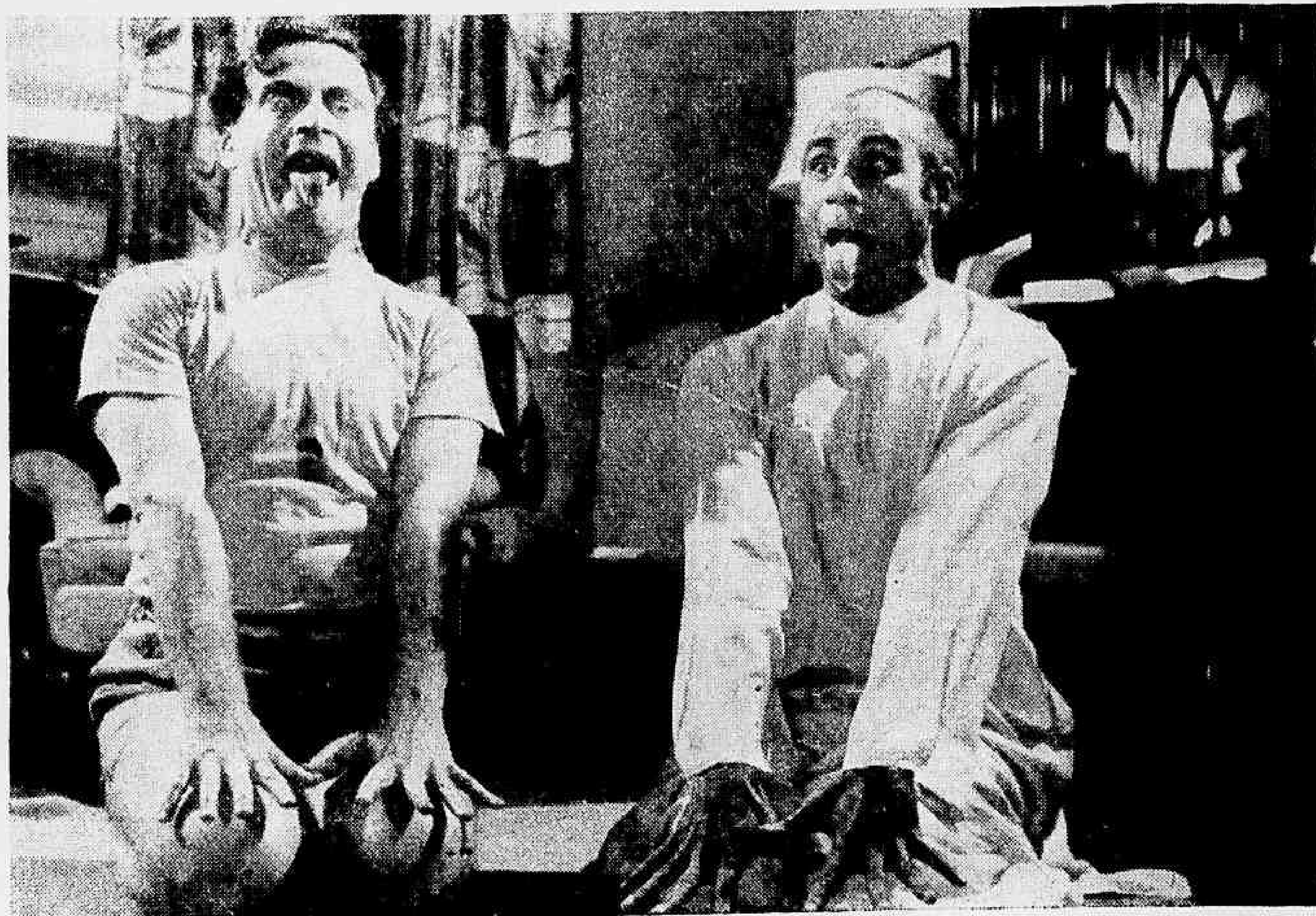
4 O casamento é um jugo. Para ser levado suavemente buscam-se bois parelhos

5 Adiante, leões!

(Respostas na página 40)



PACTO DE PAZ — **Todo mundo sempre disse e asseverou: gato come rato; gato é inimigo de rato; numa casa que tem rato, se puser um gato, os ratos desaparecem, ou apavorados, ou no bucho do gato. Mas isso é coisa dos tempos dos nossos avós. Os gatos de hoje estão em plena paz com os ratos. Comem juntos, no mesmo prato, ou no mesmo esgôto; dormem um ao lado do outro, como se fôssem da mesma raça. Prova? Aqui está um exemplo: uma gatinha deixando-se beijar ternamente por um ratinho branco, gordinho e apetitoso ao paladar aprimorado de um felino. Mas o bichano nem dá bola. Parece que assinaram um pacto de paz, e o estão seguindo fielmente, dando bela lição aos homens, sempre de má vontade neste mundo.**



O culto do Yoga, originário da índia misteriosa, tem por finalidade aproximar o homem de Deus. Para isso tem o Yógui que seguir oito princípios fundamentais. Dois dêles são: o domínio sôbre si mesmo e a contemplação absoluta. Aqui temos um dos novos adeptos do Yoga, o violinista Yehudi Menuhin (à esquerda), a realizar um dêsses exercícios ritualísticos, aprendidos numa viagem recente à Nova Zelândia. Diz êle que isso é excelente para conservar o bem-estar geral e muito ajuda a sua arte. Não queremos discutir o valor sedativo de tais práticas; mas, que susto para um cidadão desprevenido, se entrar para o interior da casa de um Yógui e der de cara com um espetáculo dêsses! Aqui chamaria a R. P.!

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Há no Brasil maior número de portos:
— Marítimos
— Fluviais?
— Ou em quantidades iguais?

2—Qual o país de maior população do mundo:
— Rússia?
— Estados Unidos?
— China?

3—Em que Estado do Brasil há uma vila com o nome de Nova Iorque:
— No Maranhão?
— No Rio Grande do Sul?
— Na Bahia?

4—Quantos milhões de dólares custou o maior edifício do mundo, "Empire State", de Nova Iorque:
— Oitenta?
— Cinqüenta?
— Trinta e cinco?

5—A estátua da Liberdade, à entrada do pôrto de Nova Iorque, é de:
— Cobre?
— Bronze?
— Ou de mármore com cimento armado?

6—Quais as autoridades eclesiásticas que têm direito de rezar missa na Basílica de S. Pedro:
— Só o Papa?
— Também o cardeal mais velho de Roma?
— Ou qualquer sacerdote católico?

7—Qual dêstes países da Europa, o que maior número de castelos possui:
— Alemanha?
— Portugal?
— França?

8—Em que cidade há o maior parque industrial do mundo:
— Em S. Paulo?
— Em Detroit?
— Em Nova Iorque?

9—Qual o maior oceano do mundo:
— O Pacífico?
— O Atlântico?
— O índico?

10—Qual o lugar que cabe ao relógio da Central do Brasil, em tamanho, no mundo inteiro:
— O primeiro?
— O segundo?
— O terceiro?

11—Em que país do mundo se produz mais ovos:
— No Brasil?
— Nos Estados Unidos?
— Na Dinamarca?

12—Qual o peixe cognominado "bacalhau brasileiro":
— O cação?
— O pirarucu?
— A cavala?

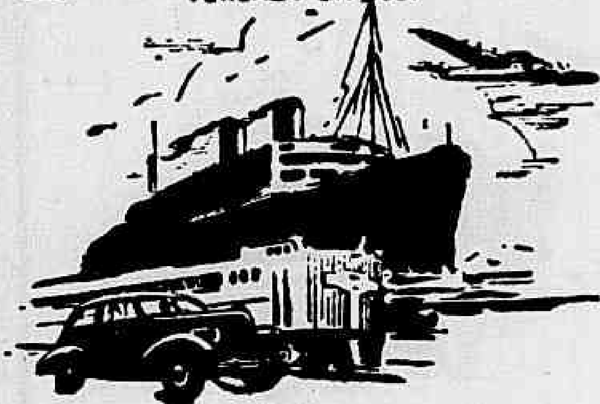
13—Em que rio foi Jesus Cristo batisado:
— No Jordão?
— No Nilo?
— Ou no Eufrates?

14—Qual destas cidades foi soterrada pela erupção do Vesúvio:
— Sodoma?
— Nápoles?
— Pompéia?

15—O hipopótomo é:
— Paquiderme?
— Digitigrado?
— Invertebrado?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 40)



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.**

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

REDENÇÃO (Cont. da pág. 36)

"CUREMA", O BERÇO ESPLÊNDIDO

O açude "Curema", ao lado do "Mãe d'Água", numa distância de seis quilômetros é bem aquêle "gigante deitado em berço esplêndido". Tem uma capacidade de 720.000.000 metros cúbicos e está apto a irrigar 14.000 hectares. Acontece que irriga alguns pomares e, por falta de uma turbina, perde, diàriamente, há 10 anos, 5.000 H.P. E.
para funcionar a sua usina, há 10
anos, vem devastando a floresta. "Curema", que pertence ao município de Piancó, tem duas populações distintas: os que vivem no acampamento — funcionários do D.N.O.C.S. — e os que
moram no povoado velho — brasilei-
ros esquecidos. A vila, com 4.300 ha-
bitantes, depende do acampamento,
com pouco mais de 300 pessoas. Na verdade, os abnegados funcionários das Obras Contra as Sêcas, à frente o grande engenheiro Estevam Marinho, em doze anos, fizeram mais do que o govêrno em 100 anos. Não levaram,
apenas, o açude, mas a vida cultural
e esportiva, como o cinema, o teatro,
rádio, a piscina, o futebol, o tênis,
etc. Levaram o culto à Pátria, tornando
conhecido o Pavilhão Nacional. Fun-
daram escolas e milhares de crianças
já foram alfabetizadas. Mas o govêrno esqueceu de abrir um só ginásio para os filhos alfabetizados dos empregados das Sêcas, os quais, com enormes
sacrifícios dos pais, são mandados pa-
ra os colégios particulares das cida-
des próximas e até mesmo para João Pessoa.

Os salários dos engenheiros, justa-
mente os que não têm hora para tra-
balhar e comer, são irrisórios. Cr$
4.310,00 na carreira inicial e Cr$ ....
9.000,00 quando chefes de distritos, is-
to depois de 30 anos de inestimáveis serviços ao país, êste mesmo país que aposenta um fiscal do Impôsto do Consumo com 45 mil cruzeiros por mês. Mas o DASP acha que tudo está certo...

O que empolga no Nordeste é o tra-
balho de equipe dos jovens engenhei-
ros das Obras Contra as Sêcas, técni-
cos que honram o país, percebendo um
salário de fome, uma propina de qual-
quer cantor de rádio. Trabalham com
idealismo e com os olhos voltados pa-
ra o Brasil. São os discípulos de Ar-
rojado Lisboa, Luis Vieira, Vinicius
Berredo, Francisco Sabóia, Pereira de
Miranda, Guimarães Duque, e, por fim,
Estevam Marinho e José Augusto Trin-
dade, exemplos de dedicação ao servi-
ço público e de honestidade.

"E assim o Nordeste, com a obra
talvez de mais uma geração, será a
fôrça e a grandeza do Brasil, pela pu-
jança do seu solo e pela energia e in-
teligência do seu povo".

O orador esqueceu de dizer que esta geração precisa arrancar os sertões das trilhas dos carros de bois, educar as populações herdeiras de tradições coloniais, substituir os métodos rotineiros pela técnica moderna, valorizar o Homem e fixá-lo à Terra!

Assim, então, o Nordeste será a fôrça e a grandeza do Brasil. Fora disto, honestamente, é poesia, é verde-amarelo, é o falso "porque me ufano" que intoxicou uma geração. A chamada geração proscrita realizará a tarefa?

E' possível, se houver um plano nacional de combate à sêca e que não sofra modificação ou interrupção, coisa corriqueira em nosso país, quando sai e entra um diretor de obras públicas.

UMA VIDA DE... (Cont. da pág. 42)

morte, na guerra, do Duque de Kent,
foi um outro duro golpe para seu co-
ração de mãe. Mas enfrentou essa in-
felicidade com calma e resignação,
dando um exemplo de coragem a
muitas mães que haviam também per-
dido seus filhos na luta. Sua volta a Londres, depois de terminado o conflito, foi recebida com afeição e simpatia. Londres não parecia a mesma sem ela. Ela própria ficou contento pelo retôrno. Com mais assiduidade do que antes, ia às inaugurações de exposições de arte, às lojas de antigüidade, aos teatros, a tudo enfim, de que gostava, principalmente as mostras de flores. A cada novo aniversário, as manifestações de carinho de seu povo eram mais comoventes.

Para sua família continuiu a ser, até a morte, uma autoridade suave, uma fonte de união. Para a nação — ainda que tivesse nascido na distante época da Rainha Vitória — nunca foi uma mera sobrevivente de épocas idas. Suas dedicações ao dever e à sua fé; sua coragem e serenidade em tôdas as circunstâncias provocavam a admiração de todos. Quando nasceram os bisnetos pareceu rejuvenescer e demonstrou por êles o mesmo interêsse que pelos filhos e netos. Sofreu muito com a morte de Jorge VI. Porém, mais uma vez mostrou a todos como se enfrenta a adversidade. (L.J.)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente das 14 às 19 horas.

RESPOSTAS DA PÁGINA 39

Quem disse isto?

1—Buffon

2—Leon Daudet

3—Henri Heine

4—Ovidio

5—O General Osório (na batalha de Avai).

Puxe pelo cérebro

1—Fluviais (91, num total de 140)
2—China (mais de 450 milhões)
3—Maranhão
4—50 milhões
5—Cobre
6—Só o Papa
7—A França
8—Detroit, Estados Unidos
9—O Pacifico
10—O terceiro (10 mts. de diâmetro)
11—Na Dinamarca
12—O pirarucu
13—No Jordão
14—Pompéia
15—Paquiderme

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

UMA VIDA DE DEDICAÇÃO

Interessando-se constantemente por tudo que a cercava, a Rainha Mary parecia renovar-se perpetuamente, numa perene juventude de espírito.

UM dos mais interessantes retratos da rainha Mary, o que melhor a define no seu papel de mulher, pois mostra-a como mãe, e a descrição que dela faz o Duque de Windsor, relembrando a infância:

«Minha mãe tinha por hábito ficar no seus aposentos antes do jantar. Era êsse o momento reservado para os filhos. As seis e meia chegávamos da sala de estudo. Ela estava em «negligé», descansando num sofá. Sentavamo-nos à sua volta em cadeiras pequeninas e ela lia para nós e conversava conosco. Recordando essa cena tenho a certeza de que meu interêsse pela cultura nasceu nos joelhos de minha mãe. Os anos que, na juventude, ela passara no continente europeu, haviam alargado o seu campo de interêsse A leitura e o seu espírito de observação a equiparam com uma grande dose de conhecimentos sôbre a história da realeza. Sua voz suave, sua mente culta, e quarto cheio de recordações pessoais, estavam intimamente associados à sensação de felicidade que eu sentia nessa última hora de meu dia de criança.

Sendo também de natureza muito prática minha mãe fazia-nos aproveitar o tempo confeccionando uma porção de agazalhos de lã para os necessitados, agasalhos que distribuía em suas muitas visitas de caridade.

....

Era tanto o seu orgulho pelos filhos, que considerava muito importante tudo que nos acontecia. No nascimento de cada um iniciava um álbum, no qual assinalava todos os nossos progressos infantis: a queda do primeiro dente, o primeiro passo... e havia um cachimbo amarrado com laço de fita na página correspondente ao primeiro corte de cabelo.»

★

A futura rainha Mary recebera na infância e adolescência uma educação dentro das estritas normas de etiquêta com as princesas de seu tempo. Aprendera com sua mãe a se interessar pelas obras de caridade, atividade a que se dedicou durante tôda sua longa vida. Também com a mãe aprendera hábitos de economia e a dirigir uma casa com prudência, o que lhe seria muito útil mais tarde, quando já Rainha, para a administração do Palácio Imperial. Na mocidade, fôra obrigada a se transferir para Florença, devido à situação financeira dos pais. Aproveitou os dois anos de exílio para lançar as bases de sua vasta cultura sôbre obras de arte e antigüidades. (Tornou-se mais tarde uma colecionadora entendida a quem os próprios técnicos consultavam).

O seu casamento com o Duque de York (futuro Jorge V) abriu-lhe um mundo diferente. Os primeiros anos passou-os educando os filhos que teve. Tornou-se proverbial a sua afeição e dedicação ao marido, ao qual dava todo seu apoio moral e intelectual. Apesar de tímida e reservada era de grande inteligência. A Rainha Vitória (sua sogra) dizia sôbre Mary:

«Ela me desperta admiração pela sua grande inteligência, extrema sensibilidade e retidão de caráter. E' um grande auxílio para «Georgie» (o Duque de York). Ajuda-o a fazer seus discursos e em tudo que êle escreve». Depois da morte da Rainha Vitória, começou uma época movimentada para a família imperial. Foram as grandes visitas a todo o Império Britânico: Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Canadá, Índia. Foi nessas excursões que a Duquesa de York adquiriu a pose encantadora que sempre a havia de caracterizar em público.

Tornou-se rainha depois da morte de Eduardo VII. Uma de suas primeiras ocupações foi então a reorganização e remodelação dos palácios reais, de forma a modernizá-los, conservando e restaurando, porém, o que era tradicional. Na intimidade adotou a vida simples e doméstica de todos os casais. Durante a primeira grande guerra foi de ação incansável. Criou o corpo de voluntárias auxiliares femininas. Interessava-se por tudo profundamente e não apenas para ter prestígio. Certa época, o corpo auxiliar feminino foi caluniado pela imprensa; as jovens que dêle faziam parte foram classificadas de imorais e desfrutáveis. A rainha Mary fêz calar tôdas as bôcas, consentindo em ser seu comandante em chefe.

O rei, já então, passava grande parte de sua vida preocupado com a vida fútil das sociedades européias o que o afastava de Mary. Esta conpensava as infidelidades do espôso aumentando seus pontos de interêsse, ocupando-se sempre com maior número de boas obras e organizações culturais. A proporção, porém, que os filhos cresceram e vieram os netos, Jorge V foi voltando ao seio familiar. Infelizmente sua saúde, afetada na guerra de 1914, piorou. Durante a doença do rei, e principalmente na comemoração de seu jubileu, revelou-se o sentimento de respeito e afeição de tôda nação pelos dois soberanos. Com a morte de Eduardo a devoção popular pela rainha



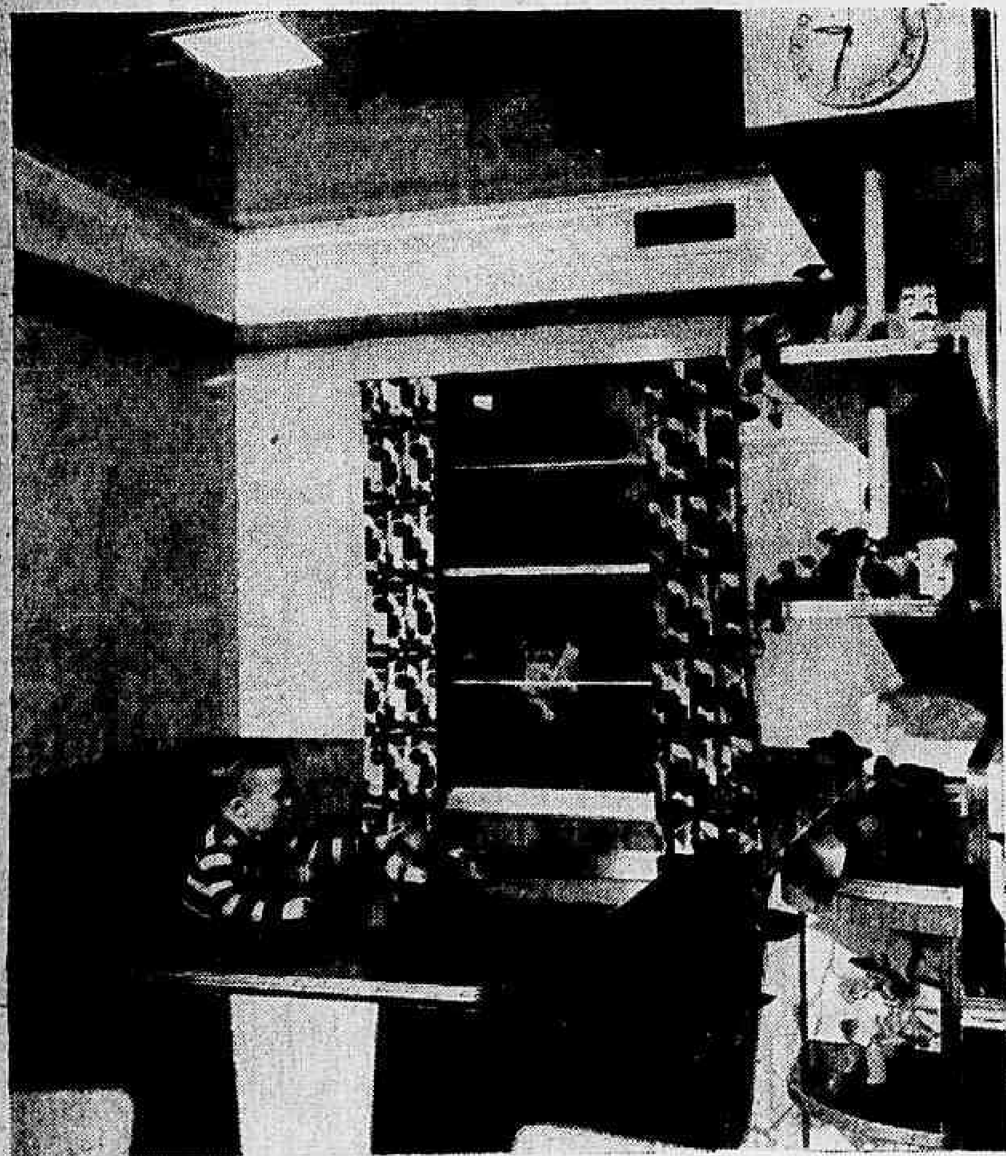
Sua Majestade a Rainha Mary, recentemente falecida, tendo ao colo seu neto mais jovem, filho do Duque e da Duquesa de Kent. Tendo resignado sua autoridade de viúva do Rei, entregou a Coroa a seus filhos Eduardo e Jorge.

Mary continuou a crescer. Sàbiamente ela resignou sua autoridade, passando os negócios de estado a seus filhos Eduardo e Jorge.

Um golpe doloroso para a Rainha foi a abdicação de Eduardo VIII. Desaprovava sua atitude como rei, mas continuou a amá-lo sempre como filho, ainda que nunca tivesse consentido em receber a Wally Simpson. A escolha pertencia a êle, e por isso não interferiu. Como Rainha Mãe continuou a ser personagem indispensável em tôdas as festividades públicas, que pareciam incompletas sem a sua presença calma e digna.

Durante a última guerra, retirou-se de Londres e em sua residência de Badmington passou 6 anos, ocupada com seus trabalhos de agulha, suas leituras e a correspondência volumosa; trabalhava também no seu jardim, e constantemente visitava doentes e necessitados, as cantinas dos soldados e as fábricas. A

(Cont. na pág. 40)



SUGESTÕES PARA O LAR

● A falta de espaço dos apartamentos modernos, precisa ser compensada pela utilização de diversas maneiras diferentes de cada um dos recantos que o compõem. O reduzido espaço vital de que se dispõe fica assim multiplicado pelo número de finalidades a que se presta, criando uma porção de «ambientes» diferentes no mesmo lugar. Já não falamos dos armários que servem à mesma finalidade, como sofás-camas, camas-armários, estantes-eletrolas e outros muitos. A ilustração de hoje mostra-nos algo muito mais prático do que tudo isso:

● O cantinho de que se dispunha era de apenas 2,00 metros por 1,50. Mas foi arrumado de tal jeito que se conseguiu: uma sala de refeições, uma sala para palestrar e para o jôgo. Os dois sofás, com dois lugares cada um, são fixos, encostados de um lado na parede e do outro no armário divisório, com prateleiras. Forrados de couro plástico são de fácil limpeza. Os painéis laterais, em madeira clara, combinam com os lambris que revestem êsse canto e o pé da mesa. O assento levanta-se, deixando à mostra muito espaço para guardados. A mesa é desarmável. O tampo plástico, de «Marlite», dobra-se ao meio e, por um sistema de dobradiças bem colocadas, fica rente à parede, meio embutido, formando o pé único de madeira um painel decorativo, em baixo da janela.

● Desarmada a mesa, eis o recanto transformado numa saleta de estar, ótima para um «bate-papo». A decoração foi completada pelas prateleiras que formam as paredes divisórias. Estas são enfeitadas com bibelôs e plantas. Conforme o local em que arrumar o recanto, pode colocar nas prateleiras também livros ou objetos de arte finos. (L. J.)

Uma criação francesa de Josef. Em suede negra, contornada com galão grosso, de sêda. Fecho dourado em forma de medalhão.



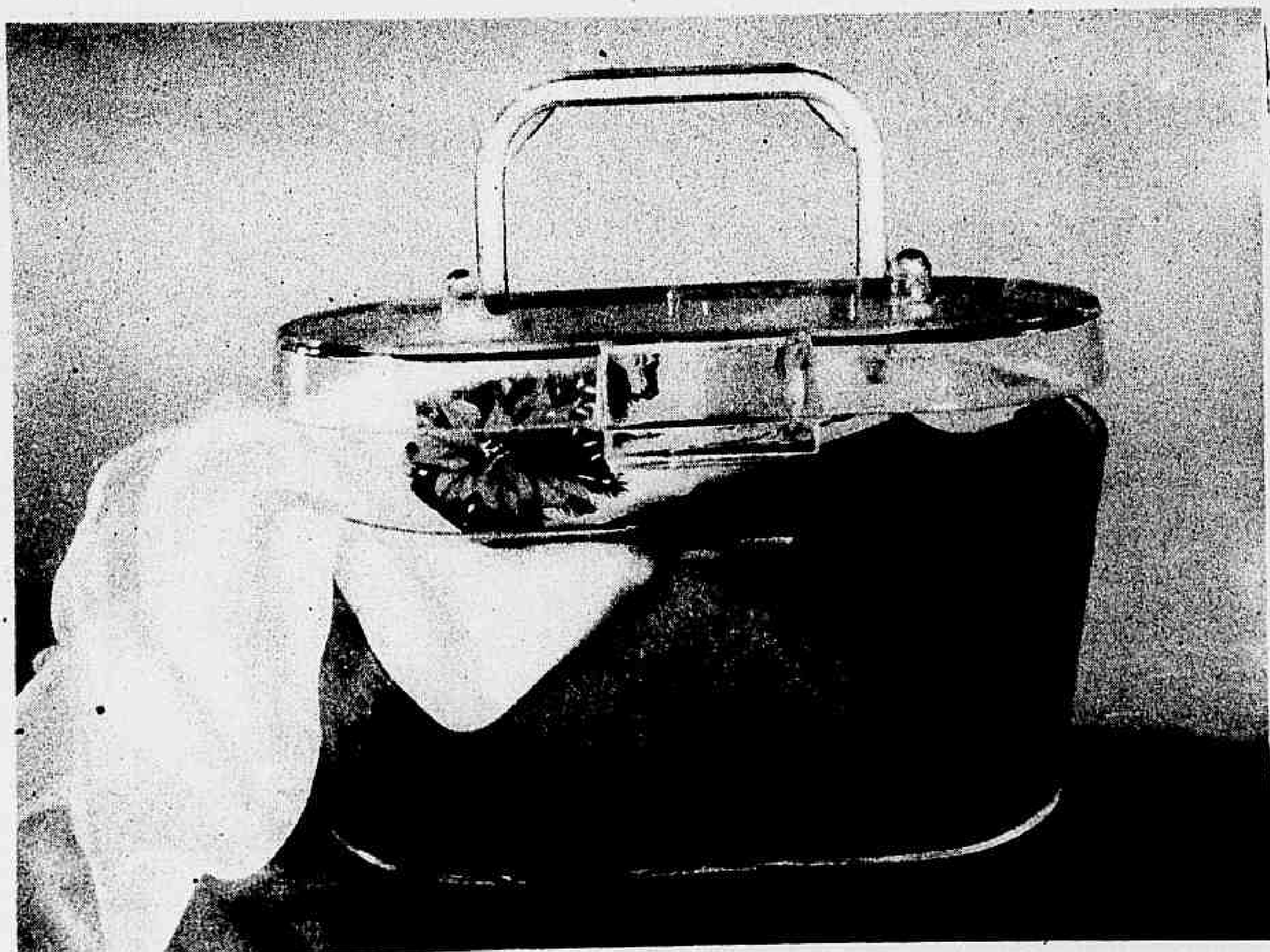
A arte de escolher uma bôlsa caracteriza a mulher realmente elegante. Complemento importante para a harmonia de uma tualete, deve ser bonita sempre, graciosa ou original às vêzes ou discreta, em muitas ocasiões. São tantas as variedades de bôlsas apresentadas pelos criadores de acessórios de moda, que há muito onde escolher.

● As bôlsas plásticas, em forma de caixa ou de carteira, têm a vantagem de serem laváveis, o que lhes garante uma grande durabilidade. Um modêlo todo transparente pode acompanhar qualquer tualete, mas é preciso que seja completado por uma «echarpe» vistosa (na côr requerida pelo traje), cuja função é ocultar as diversas miudezas indispensáveis quando se sai de casa.

● A palha está muito em moda. Apareceu em fins do ano passado, com os primeiros modelos italianos, de Capri ou de Nápoles. Dominou em todo o verão e acompanhará as bonitas tualetes de meia estação. Para essa temporada serão, porém, mais discretas, em feitio clássico, permitindo-se apenas alguns enfeites de flores ou desenhos geométricos. A côr de palha natural combina com quase tôdas as tonalidades, o que é muito prático.

● Quanto aos modelos mais tradicionais são em «faille» de sêda, suede ou antílope. Apresentam quase sempre um detalhe muito feminino, como um fecho adornado com pedras fantasia, um debrum de galão de sêda, ou uma alça retorcida como trança. Vimos nas coleções de Paris bôlsas lisas, sem adornos, destinadas a serem usadas com um broche ou mesmo um relógio de lapela como enfeite. Como em tudo o mais, a moda atual das bôlsas é muito versátil. Permite que cada uma siga suas próprias tendências e seu bom-gôsto. E... qual a mulher que não o tem? (L. J.)

Bôlsas modernas





Bôlsa em palha clara, com aplicação de um ramo de flor e uma grega, em dourado. O modêlo foi apresentado por Leslie, em Miami.

Uma caixinha plástica, em lucite. Os apetrechos femininos são ocultos pela echarpe de sêda. Elegante modêlo de Glentex.

Sugestivos



G. Renal apresentou em Paris, sua coleção atual, êste modêlo em lã fina, todo pregueado. Destaca-se a pala em forma de capinha.



Vestido em tafetá verde vivo de Schiaparelli, saia plissada em diagonal, feita por diversos panos. Gola levantada, forrada com plissé.

e Elegantes



Renal — Um modêlo distinto, em lãzinha negra. Apanhados presos com alfinetões dourados de um lado da saia e num ombro.



Renée Marciel — Desfilou êste modêlo em sêda negra. A pala que faz as vêzes de bolero pode ser retirada. Laço de sêda champanhe.



WEEK-END na COZINHA

CONSELHOS ÚTEIS

- PARA QUE o mingau de maizena não encaroce, misture a farinha com água fria, ou leite frio, e em seguida acrescente leite quente. Depois então, leve ao fogo para engrossar.

- QUER PREPARAR um sanduíche diferente e gostoso para a lonche de domingo à tarde? Experimente pão de centeio ou pão integral, recheado com geléia de ameixas pretas.

- SE SUAS MÃOS estão encardidas, elas ficarão outra vez brancas se lavá-las numa bacia com água e sabão, à qual acrescentou uma colherinha de açúcar. E' esta uma receita de embelezamento das mãos, ótima para quem cozinha.

- TENHA CUIDADO de sempre lavar os pratos sujos de leite ou ôvo com água fria. A água quente solidifica a albumina que existe nesses dois produtos, tornando muito mais difícil a limpeza.

MÔLHO DE CHOCOLATE

100 gramas de chocolate amargo.
1/2 xícara d'água.
1/2 a 3/4 de xícara de açúcar.
1 pitada de sal.

1. Misture o chocolate com a água numa panela pequena. Deixe ferver e cozinhe 4 minutos, mexendo sempre com uma colher de pau.

2. Junte o açúcar e o sal e deixe ferver mais 4 minutos, sempre mexendo com a colher de pau.

3. Espalhe o môlho de chocolate sôbre o sorvete de baunilha, que recheia a torta de chocolate e côco, logo antes de servir.

A receita dá 1 xícara de môlho.

TORTA DE CHOCOLATE E CÔCO

Esta é uma torta diferente, pois a crosta da mesma é feita com chocolate e côco, e não vai ao fôrno.

INGREDIENTES

Crosta

60 gramas de chocolate amargo.
2 colheres das de sopa de manteiga.
2 colheres das de sopa de leite ou água quente.
2/3 de xícara de açúcar.
1 1/2 xícara de côco ralado, tostado.

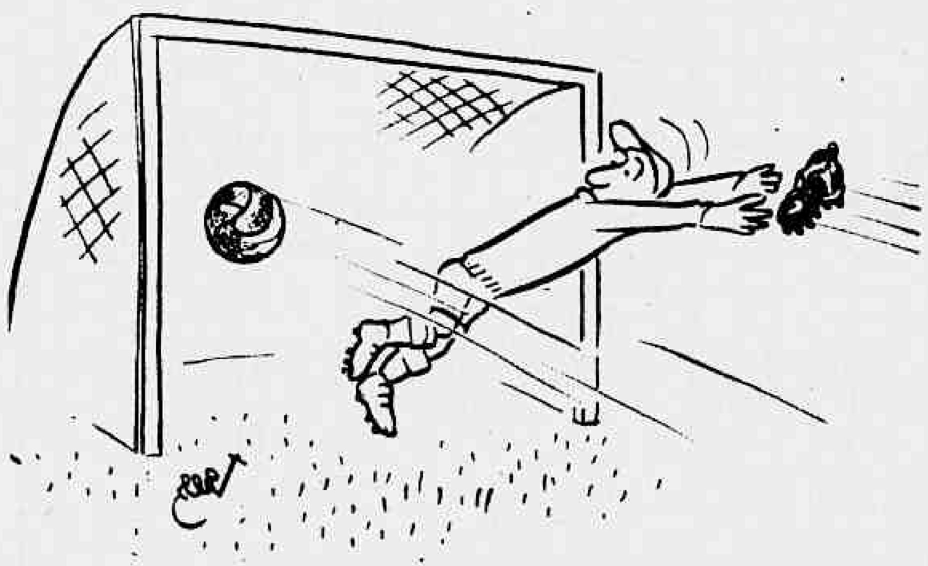
1. Derreta o chocolate e a manteiga, em banho-maria, tendo cuidado de mexer até que se dissolva.

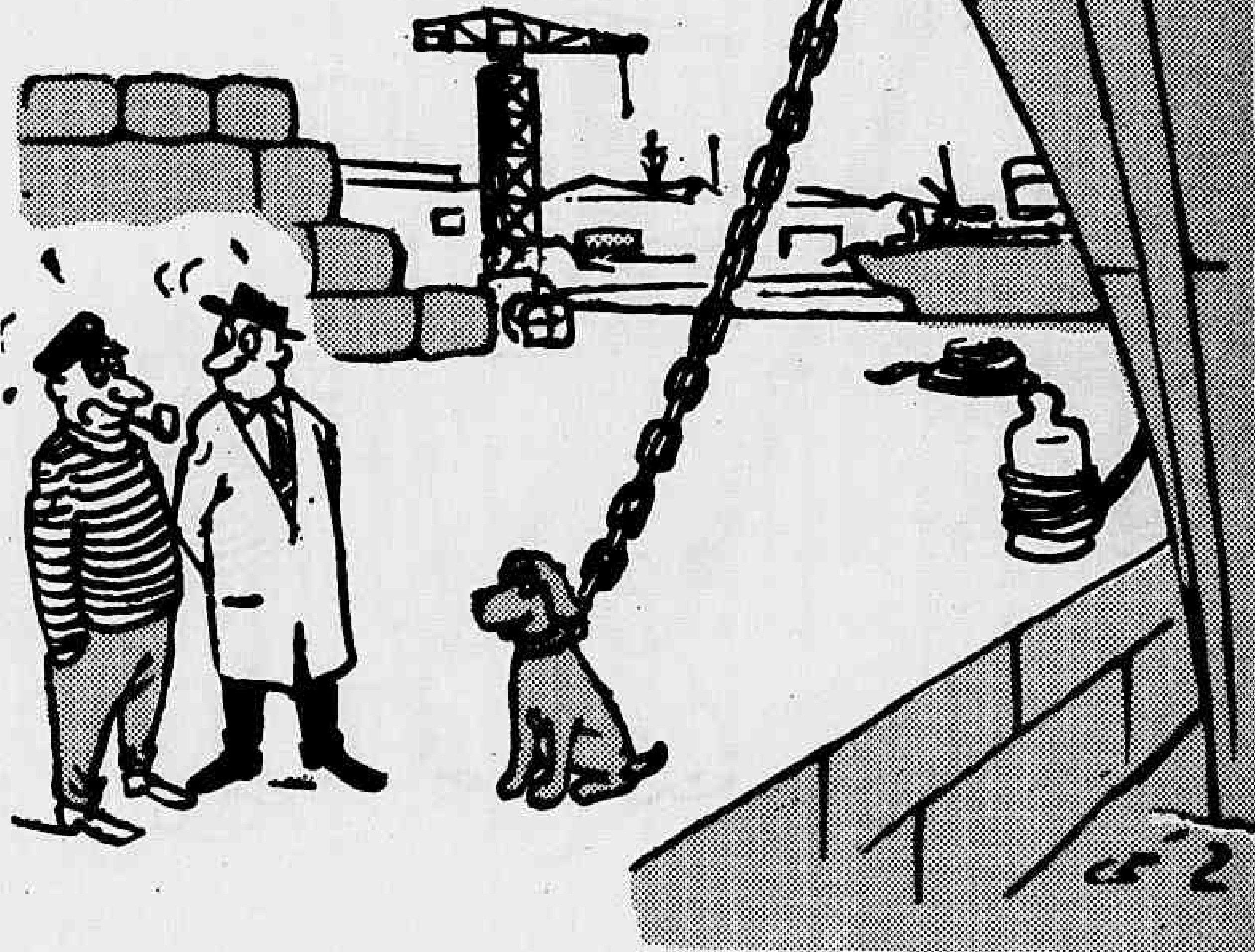
2. Misture o leite com o açúcar e ponha no chocolate derretido, misturando sempre com uma colher. Acrescente o côco e misture.

3. Ponha essa massa de chocolate e côco no fundo e dos lados de uma forma de torta, forrando-a bem.

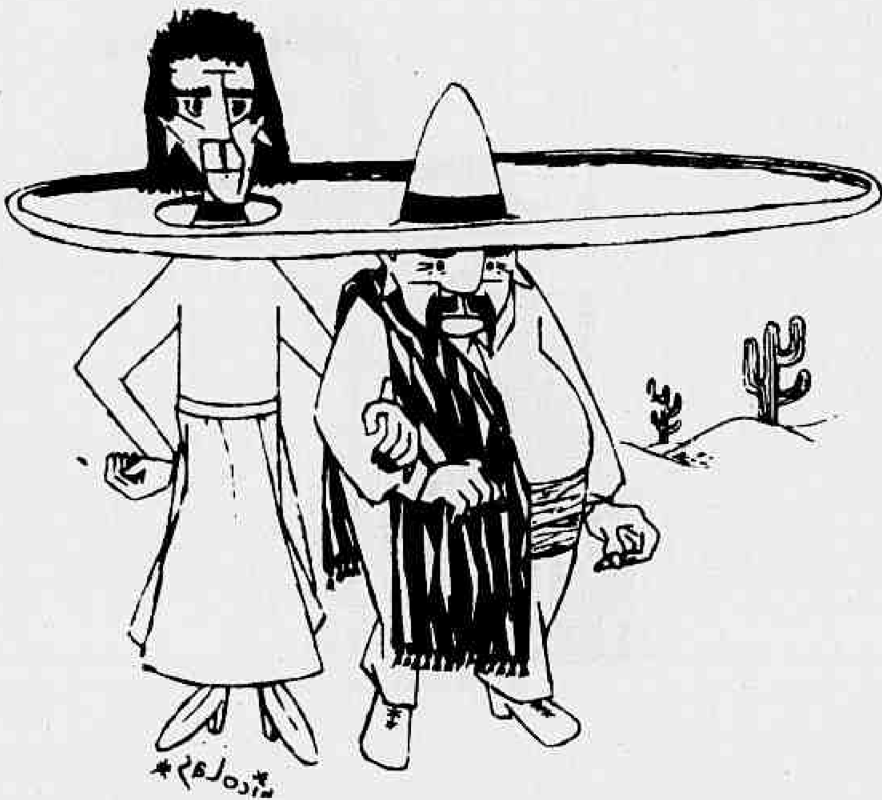
4. Deixe gelar. Na hora de servir encha a crosta com sorvete de creme, um pudim de baunilha ou outro tipo de recheio de sua preferência.

Sirva com o môlho de chocolate. (a outra receita desta página).

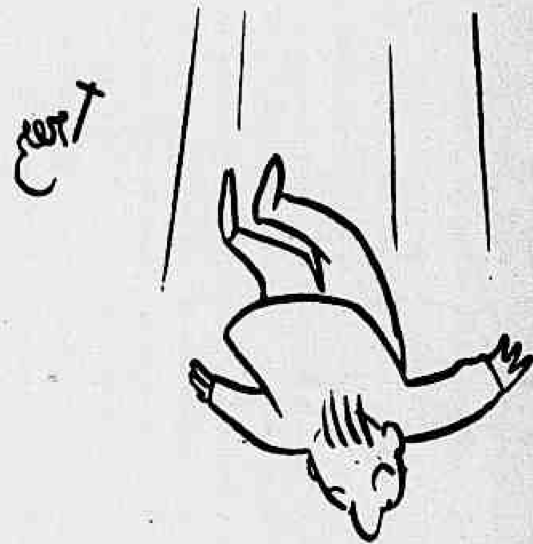




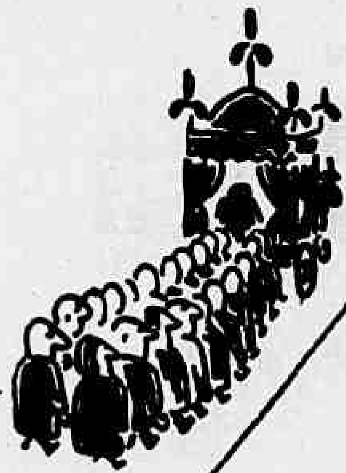


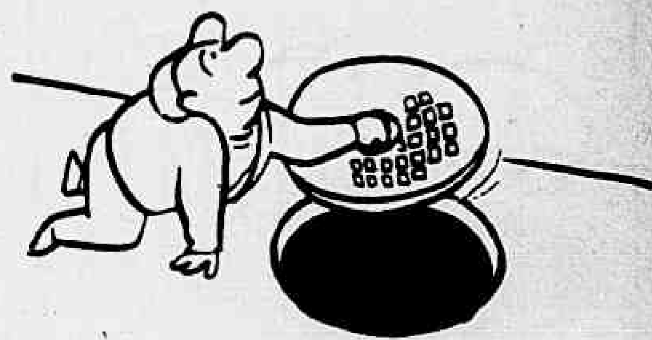


O RISO DOS OUTROS









OS REIS DAS AREI

A barra de Guarapari, cujo canal tem dezessete pés de profundidade. Pelo canal já passaram navios como o «Fjord» e o «Mercator», que conduziram, clandestinamente, noventa e cinco mil e setenta e três mil

Disputadas por trustes — Para onde vão? — Riqueza

Reportagem de EDMAR MOREL

DESDE que o casal Curie anunciou que havia isolado o radium da pixeblenda e que os norte-americanos e os russos tiraram urânio do referido minério para a fabricação de armas atômicas, o Brasil e a Índia, com as suas incalculáveis reservas de areias monazíticas, passaram a figurar no ról das nações que têm tório, metal que figura ao lado do urânio, seu companheiro radioativo, elementos naturais da Era Atômica.

As principais jazidas de areias monazíticas, no Brasil, a céu aberto, estão ao longo da barra do Itabapoana, no litoral fluminense, até Pôrto Seguro, no sul da Bahia. Porém, o seu quartel-general, é em Guarapari e Anchieta, às portas de Vitória.

De 1884, até 1951, a monazítica foi embarcada clandestinamente para o estrangeiro, em particular, para a Alemanha, onde era submetida a um tratamento químico e retirado um sal, o nitrato de tório, para a fabricação dos véus incandescentes da iluminação a gás. Durante 25 anos o mundo foi iluminado às custas das areias furtadas pelo inglês John Gordon.

★

E eis o que ocorre na exploração das areias monazíticas. Quatro grupos estão em luta. O consórcio francês Societé Miniére et Industrielle Franco-Bresilienne, para efeito de "brasilidade", age com o nome de Monazita e Ilmenita do Brasil Ltda., conhecida pelas iniciais de "Mibra". Seus diretores são antigos homens do govêrno do Estado do Espírito Santo, inclusive o sr. Osvaldo Guimarães, antigo Secretário de Finanças, membros das poderosas famílias Guimarães e Queiroz, senador Carlos Lindenberg e o próprio coronel Punaro Bley, antigo governador.

O outro grupo é a "Comira", testa de ferro da sociedade norte-americana Rare Minerals and Metals de Nova York e seus dirigentes são: Boris Davidovitch, Thelmo Lloyd Keener e Miguel Douglache. Aparece depois a firma "ianque" Lindsay Light and Chemical Co. de West Chicago, cujo agente, em nosso país, é a "Fomil", sob o contrôle do escritório de advocacia do sr. Richard Monsen. O representante em Vitória é o próprio presidente da Assembléia Legislativa. O seu atual gerente é o sr. M. Graft, que substituiu o sr. Louis Daigle. E por fim surge a "Orquima", subsidiária da Sociedade de Terras Raras, com sede em Paris, e que tem como dirigente um grupo de judeus comandados pelo sr. Chaim Waisnar. Entre os diretores brasileiros aparece o sr. Augusto Frederico Schmidt.

Eis, em síntese, o jôgo de interêsses em tôrno das areias monazíticas, cuja supremacia, no que diz respeito à exploração e industrialização, está sendo disputado pelo sr. Boris Davidovitch e a "Orquima", a qual vem de comprar tôdas as instalações, bemfeitorias, caminhões e minas da "Fomil". A "Orquima", agora, a exemplo do que fêz com o cacau, em abril de 1945, está forçando a baixa do preço da monazita.

Desta maneira, apenas, duas organizações dispõem de uzinas de beneficiamento de material estratégico. A "Orquima", em Vitória, à praia do Suá, e a "Inaremo", de Boris Davidovitch, em Guarapari.

Abro um parêntesis para destacar o seguinte: os técnicos que manipulam materiais atômicos são estrangeiros, refugiados de guerra, inclusive uma mulher. Quem pode atestar os bons propósitos desta gente?

★

A monazita é definida nos tratados

República dos Estados Unidos do Brasil
Câmara dos Deputados
Protocolo n. 2867
Dep. Armando Falcão
PROJETO N. Reg 318/51 DE 19
DISTRIBUIÇÃO
Monazíticas

...dos Estados Unidos do Brasil
Câmara dos Deputados
Protocolo n. 2867
Falcão
DISTRIBUIÇÃO
Areias monazíticas
Inf. M. Agricultura

Reg 318/51
PROJETO N. DE 19
República dos Estados Unidos do Brasil
Câmara dos Deputados
Protocolo n. 2867
Dep. Armando Falcão
DISTRIBUIÇÃO
Inf. M. Guerra
s/ areias monazíticas
Falcão

Respostas dos Ministros da Guerra e da Agricultura ao sr. Armando Falcão. Conclui-se de que não existe fiscalização nas areias monazíticas.



sacas, respectivamente. Entre outros barcos que frequentam a baía, e são bem conhecidos como traficantes de areias monazíticas, figuram os veleiros «Sta. Maria», «Sergipe», «Guanabara» e «São Mateus».

que sai às escuras — Perguntas e respostas

Fotos de ADIR VIEIRA

de mineralogia como um fosfato de terras raras do grupo do cério, fornecendo, ainda, tôda a série de lantanídios: cério, lantânio, praseodímio, neodímio, érbio, semário, európio, gadolínio, térbio, disprósio, hólmio, túlio e lutécio, metais êstes cada um com propriedades químicas e físicas especificadas para as mais diversas aplicações. Eis porque a monazita é matéria-prima tão disputada. A nossa monazita contém uma média de seis por cento de óxido de tório. Criado o Conselho Nacional de Pesquisas, pela lei n. 1.310, de 15 de janeiro de 1951, direta e imediatamente subordinada ao Presidente da República, "a exportação, por qualquer forma, de urânio, tório e seus compostos de minérios, salvo de govêrno, para govêrno, passou a ser terminantemente proibida". E' o que diz o artigo n. 4 da referida lei, que prevê prisão e outras penas graves para o infrator.

A areia monazítica é fiscalizada pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, através do seu Código de Minas; Conselho de Segurança Nacional, por intermédio da Comissão de Estudos e Fiscalização de Minérios Estrangeiros e, finalmente, pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

Tanta fiscalização no papel, apenas, enquanto o contrabando continua livre. O único trabalho é encostar a barca ou o caminhão na praia.

Recentemente, em Vitória, foi denunciado mais um embarque clandestino de 1.500 toneladas de areias e nada aconteceu. Campeia a impunidade! Os entendidos acham que a partir de 1900 até nossos dias o Brasil já viu partir, clandestinamente, cêrca de 3.250 toneladas de tório metálico. Admitindo que tão sòmente 10 % dêsse tório fôsse transformado em combustível nuclear, como afirmam os técnicos e estudiosos, o Brasil teria tido 325 toneladas dêsse combustível produtor de energia atômica, que correspondem, na proporção do calor, a 975 milhões de toneladas de carvão ou a 650 milhões de toneladas de petróleo.

★

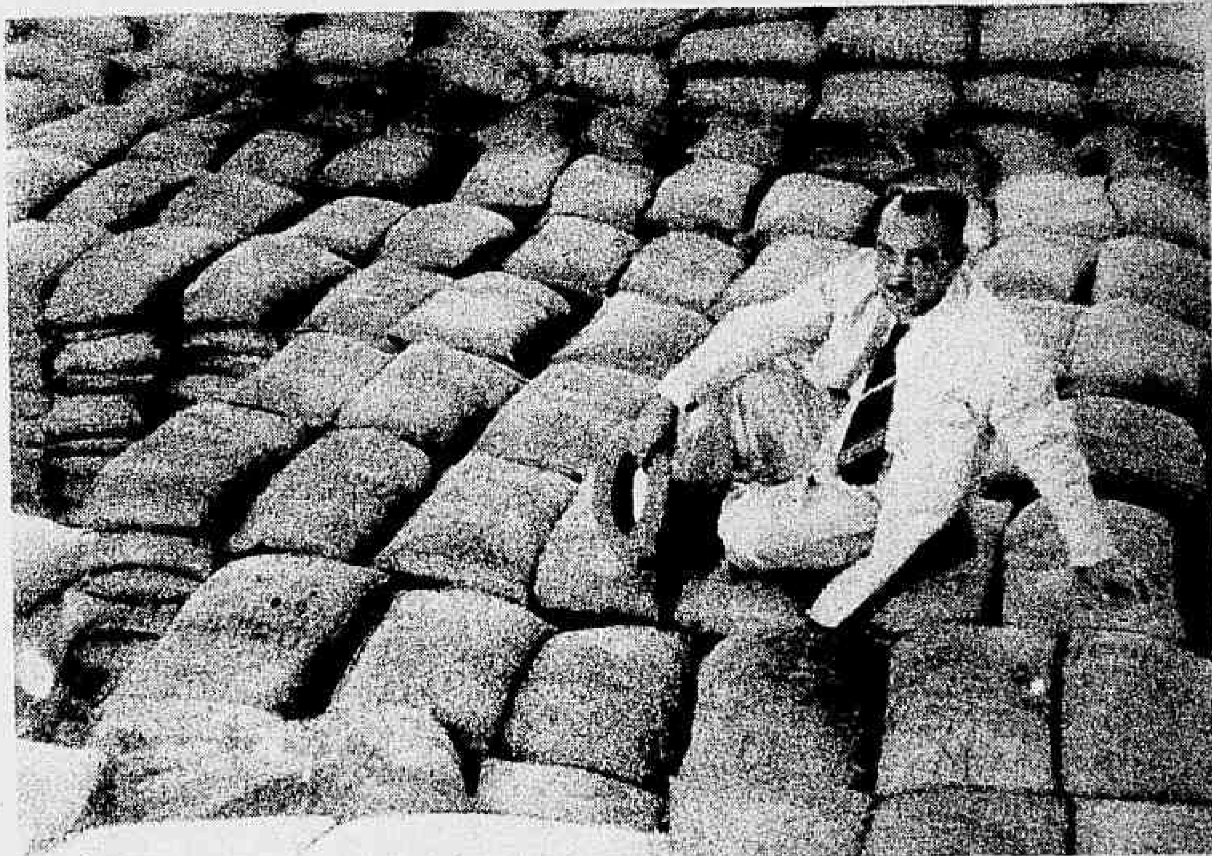
Para desgraça do Brasil não existe fiscalização nas jazidas, em particular, nos laboratórios que extraem o urânio e o tório. Visitei-os demoradamente, sem ser molestado, a despeito do ridículo letreiro da tabuleta: **"Entrada rigorosamente proibida"**.

O próprio Major Wernes Djalma Gross, quando fiscal militar junto à indústria monazítica, cargo que deixou, recentemente, morava na Fábrica Presidente Vargas, em Piquete em S. Paulo. E a mina é em Guarapari, no Espírito Santo, sendo visitada, periòdicamente, pelo referido oficial, o qual não tinha recursos para exercer uma vigilância rigorosa. O Tenente-Coronel Mauro Moutinho da Costa, chefe do gabinete do então Ministro da Guerra, general Estillac Leal, respondendo a um pedido de informações do deputado Armando Falcão, declarou:

— "Presentemente, um único funcionário do Ministério da Guerra, Sr. Álvaro Dantas, da Fábrica Presidente Vargas, em Piquete, Estado de São Paulo, reside em Guarapari."

Trata-se de um modesto operário sem nenhum conhecimento da matéria, enfim, um neófito. O que é mais grave, entretanto, é que os fiscais do Govêrno Federal em minas que dizem respeito à segurança do Brasil, são pobres trabalhadores, sem a mínima parcela de autoridade e leigos

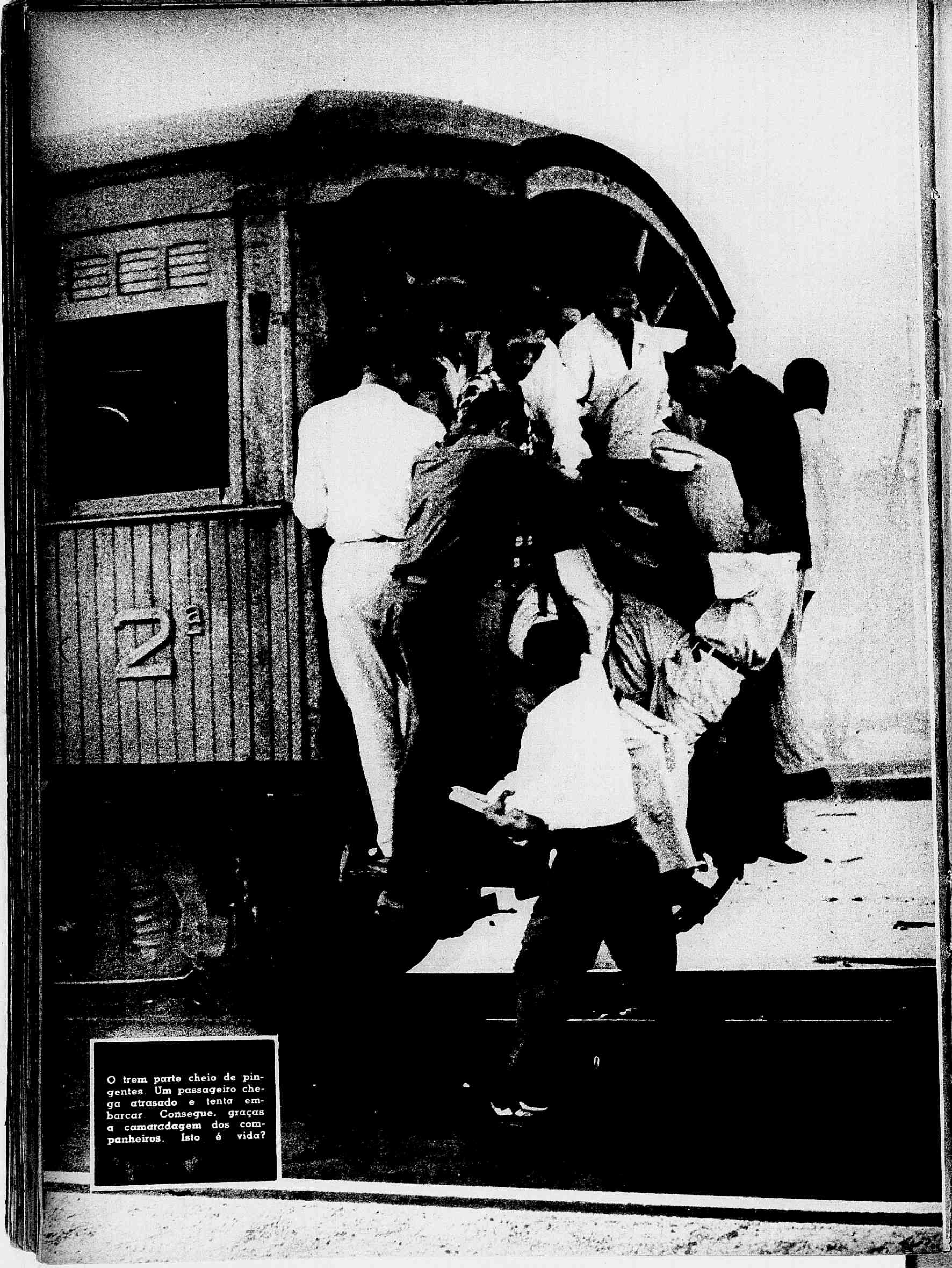
(Cont. na pág. 36)



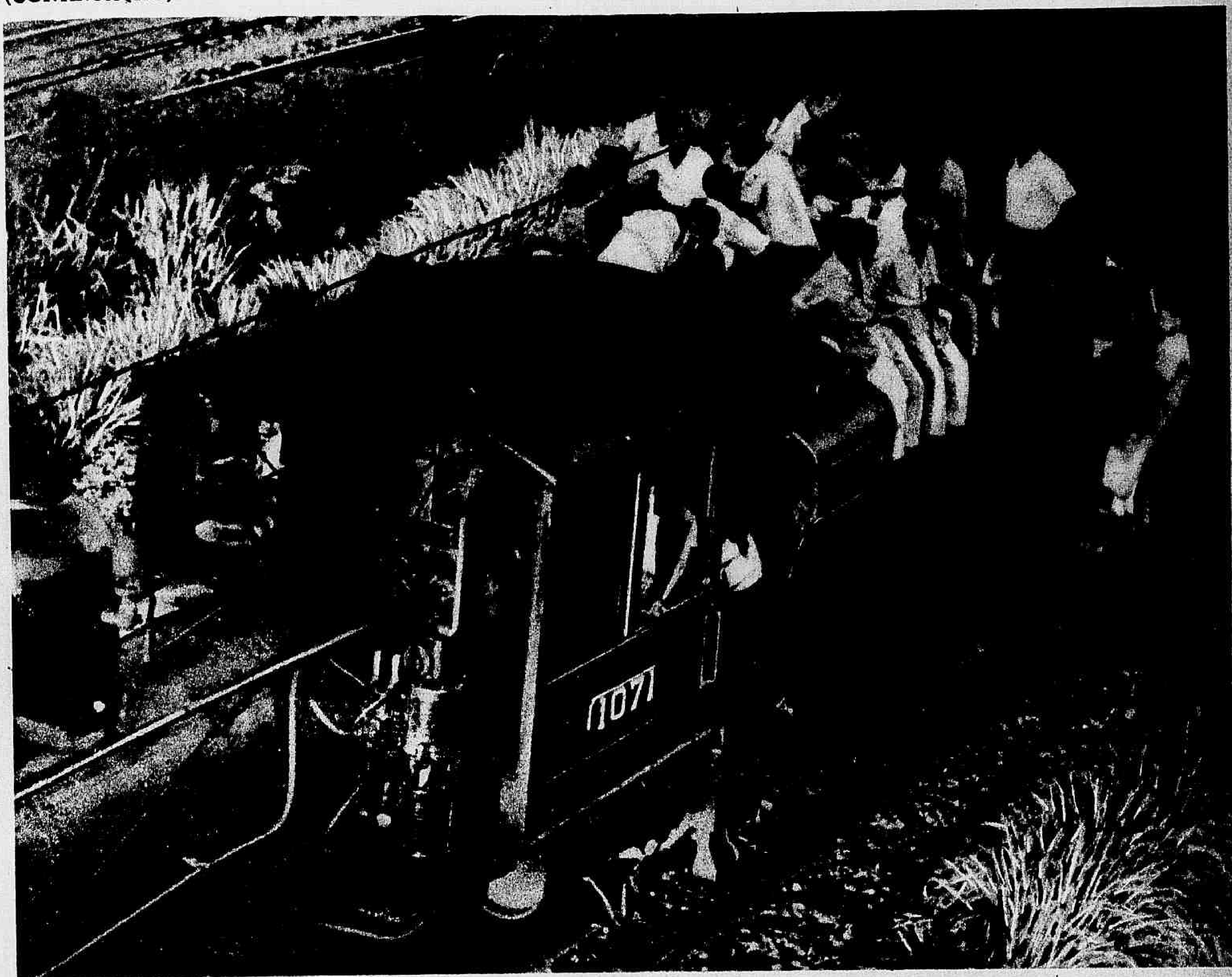
Parte do último embarque de areias monazíticas para o estrangeiro, via Vitória. Sôbre as sacas, o vereador Camargo, que denunciou o fato.



Fachada da Inaremo, vendo-se assinalada a austríaca refugiada de guerra, a qual, no Brasil, incrível como pareça, manipulava material atômico.



O trem parte cheio de pingentes. Um passageiro chega atrasado e tenta embarcar. Consegue, graças a camaradagem dos companheiros. Isto é vida?



No trem «Maria Fumaça» o melhor é viajar no tênder, sentado sôbre o montão do carvão. Um lugar aí é tão disputado quanto uma cadeira estofada.

AGARRE-SE COMO PUDER!

de cenas heróicas. Difícil é chegar são e salvo ao destino. Geralmente a viagem é interrompida por uma série de fatôres, sendo de destacar o congestionamento do tráfego nos pontos de maior movimento, como o Mangue, Praça da Bandeira e Praça da República. Avenida Beira-Mar e Flamengo, na zona sul, a mais felizarda da cidade, pois dispõe de mais transportes e o poder aquisitivo dos seus habitantes permite o uso do táxi, em maior escala, o mesmo acontecendo com os que residem na Tijuca e Grajaú.

A MORTE

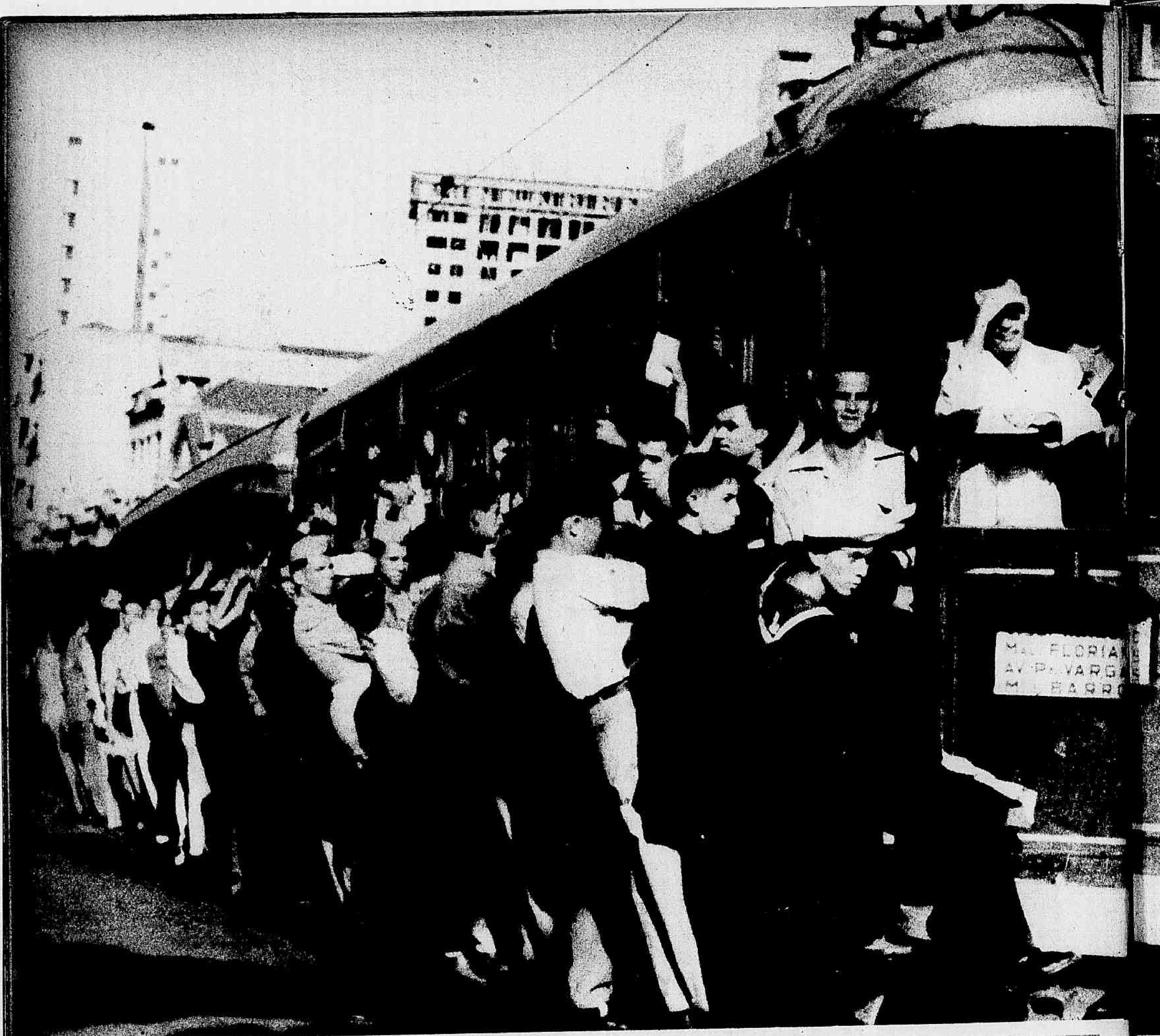
A morte quase não anda de bonde, nem de ônibus. Ela está escondida nos micro-ônibus e nos trens. Os chauffeurs dos chamados micros não respeitam nada, nem o tacômetro, pois já aprenderam um meio para viciá-lo, sem deixar vestígio. Quem viaja no micro-ônibus de qualquer linha, está sujeito a interromper a viagem e ir parar no Pronto Socorro. Os motoristas, na hora do "rush", disputam corridas, com dois objetivos: exibir a sua perícia e apanhar os passageiros.

O seu ordenado é pequeno, porém, a comissão sôbre a renda, é grande. Um repórter norte-americano saltou no aeroporto Santos Dumont e embarcou num táxi com destino ao "Copacabana Palace". Eram 19 horas e, à altura de Botafogo, apavorado com os golpes de direção do motorista, mandou o carro parar. Pagou o preço fixado no taxímetro, deu mais um dólar de gratificação e agradeceu:

— Muito obrigado. Acontece que eu não tenho seguro contra acidentes.

Anedota ou não, o fato é que certos chauffeurs de táxi e de ônibus gostam de correr nas horas de maior movimento. Os que vão dentro dos veículos, aos trancos e barrancos, 40 eu pé e 36 sentados, viajam com o coração na mão.

— Mais devagar! — pondera uma senhora de idade.



A resposta está na ponta da língua do motorista:

— Automóvel foi feito pra correr e quem não estiver satisfeito é só saltar.

Corre-se vertiginosamente pelas ruas cheias de sinais luminosos e desertas de inspetores do tráfego. Ao todo são 2 050, porém, mais da metade, como são guardas-civis, presta serviços nas Delegacias Distritais, na Rádio Patrulha, no Tribunal do Júri, na Presidência da República, etc. No tráfego, apenas uns 1 000, em três turnos, ou sejam, 333 por dia. O resultado é o seguinte: só no ano de 1952 morreram 505 pessoas na "Batalha do Rio de Janeiro".

Nem a progenitora de um Chefe de Polícia escapou à sanha criminosa. Nem uma criança de oito anos, morta na calçada de um Jardim da Infância. Mata-se, impunemente, na Capital Federal. E a tragédia continua. Cresce a população e os meios de transporte diminuem. Dia a dia aumenta o drama do agarre-se como puder. As filas são quilométricas, principalmente nas Praças Tiradentes e Mauá, pontos de concentração para os subúrbios da Leopoldina e da Central do Brasil, onde moram dois terços da população carioca.

No Realengo, segundo o Censo de 1950, residem 150 712 pessoas, contra 157 796, em Madureira; 140 628, na Penha; 123 234, em Irajá, 110 962 em Piedade. A cidade que cresceu para o alto, em 30 anos, apenas, teve dois túneis abertos. A questão é das mais complexas e exige uma perfeita compreensão entre os poderes públicos e o povo. A densidade dmográfica do preensão entre os poderes públicos e o povo. A densidade demográfica do população exerce atividades ligadas à produção, ao comércio, aos serviços sociais e profissionais e à administração pública. Isto quer dizer que mais de

(Cont. na pág. 36)



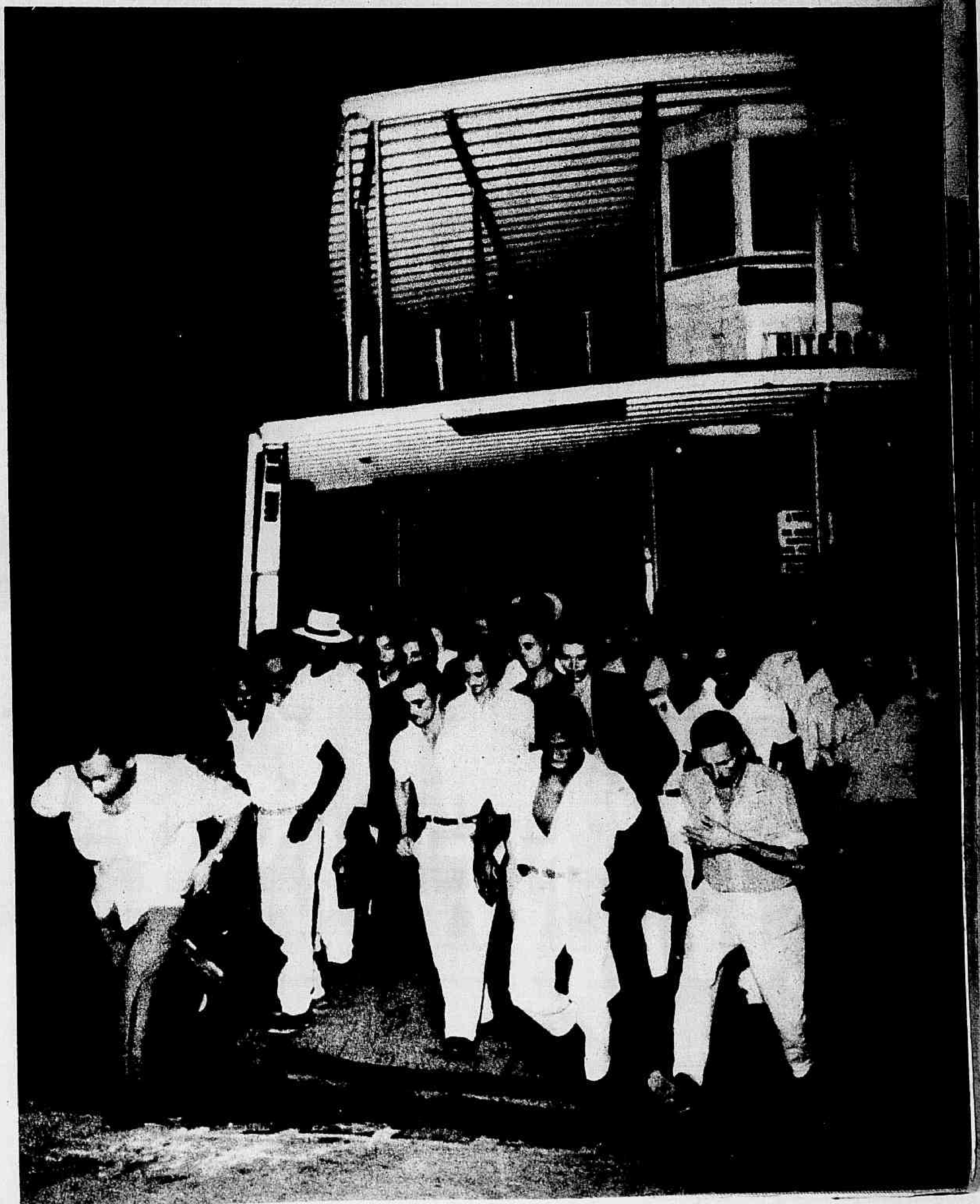
O regulamento diz: «12 em pé». Como o papel agüenta tudo e o chofer tem comissão sôbre a renda, vai entrando pessoal! Resultado: 70 em pé.

AGARRE-SE COMO PUDER



A melhor hora para viajar, sem atropêlo, é das 9 às 11 e das 13 às 16 horas. Mesmo assim, vão trinta em pé no ônibus. Isto o Serviço do Trânsito não vê.

O bonde vai despejar centenas de passageiros na Praça Cristiano Ottoni. Viajar assim, com o ôlho nos automóveis que ficam parados ao lado, não é vida!



A barca ainda não atracou e os passageiros pulam para o flutuante. E' corrida atrás de outra condução, em particular, o bonde, que anda a passo de cágado.



ÚLTIMO FLASH

ÊSTE FLAGRANTE foi apanhado na solenidade em que o sr. Benjamin Soares Cabello deixava o cargo de presidente da COFAP, órgão criado para controlar os preços em todo o território nacional. Encerra-se, desta maneira, um episódio em que as circunstâncias venceram o indivíduo. Porque não temos dúvidas de que o sr. Cabello gostaria de ter conseguido os seus objetivos. Lutou, sofreu, recebeu sôbre a sua pessoa tôdas as conseqüências do estado inflacionário em que se debate o país e, afinal, tudo terminou com uma viagem à Europa, em missão oficial. Quando foi feita a fotografia, o sr. Cabello lia o livro intitulado: "Antonio Chimango", mas não disfarçava, no semblante, sua melancolia. Decerto que não era pelo fato de deixar a posição mas, certamente, porque viu o seu esfôrço e até a própria saúde gastos em pura perda. Dir-se-á que o problema tem a fôrça de um maremoto. Aliás, na primeira entrevista que concedeu à imprensa, quando tomou posse do cargo, o sr. Benjamin Cabello previu as dificuldades que tinha à sua frente. Dificuldades que êle não conseguiu transpor.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



Projeto da CASA NUNES

projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

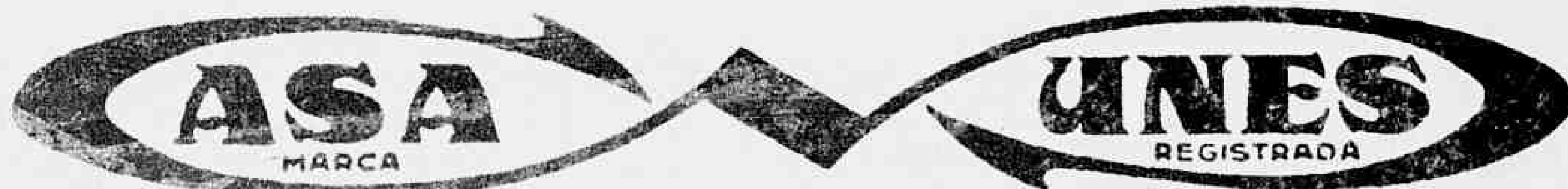
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

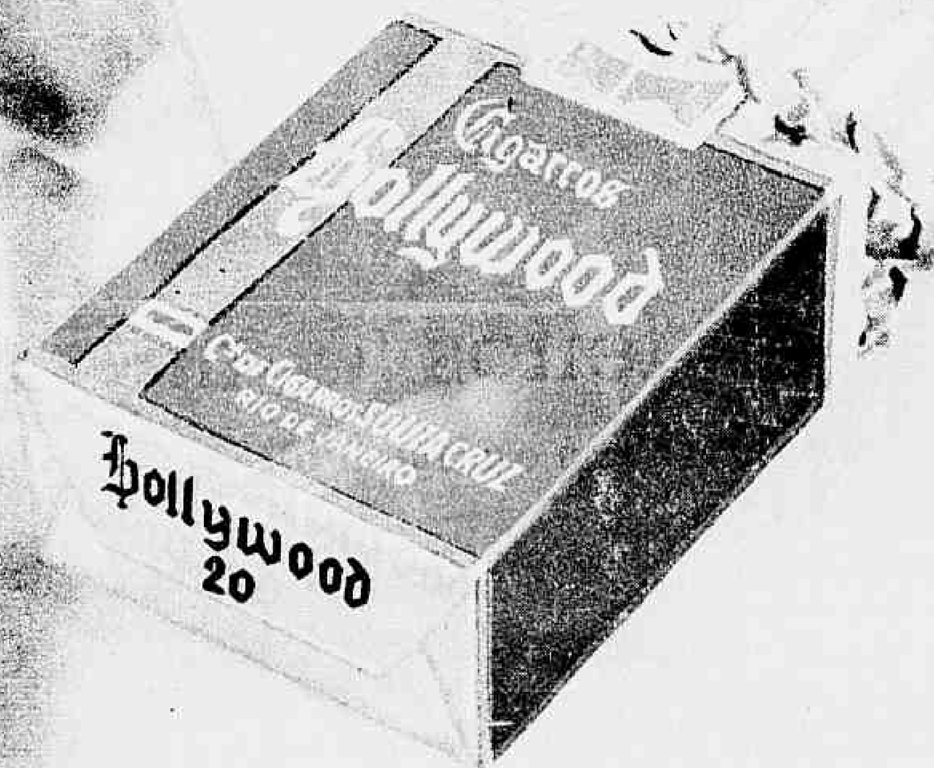
GRATIS



Nada supera o prazer de fumar Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ